

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE

KATIA FISCH MARCONI

MANEJOS POSSÍVEIS DO GOZO NA CLÍNICA DAS
TOXICOMANIAS:
UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA

Dissertação de Mestrado

RIO DE JANEIRO, JUNHO DE 2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MANEJOS POSSÍVEIS DO GOZO NA CLÍNICA DAS
TOXICOMANIAS:
UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA

KATIA FISCH MARCONI

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa
de Pós-Graduação em Psicanálise
da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
como requisito parcial para obtenção do
Título de Mestre em Psicanálise

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marcia Mello de Lima

RIO DE JANEIRO, JUNHO DE 2009

MANEJOS POSSÍVEIS DO GOZO NA CLÍNICA DAS
TOXICOMANIAS:
UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA

KATIA FISCH MARCONI

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicanálise.

Aprovada em _____ de _____ de 2009 pela Banca Examinadora:

MARCIA MELLO DE LIMA

Doutora em Psicologia Clínica USP

Orientadora

CLAUDIA HANCHEL DE LIMA

Doutora em Psicologia UFRJ

MARCO ANTONIO COUTINHO JORGE

Doutor em Comunicação e Cultura UFRJ

AGRADECIMENTOS

Aos pacientes do CAPSad Raul Seixas, que forneceram o material clínico para elaboração desta Dissertação.

A Viviane Tinoco Martins, coordenadora na época do meu estágio, que incentivou o desejo de fazer este Mestrado.

A Professora Dra. Marcia Mello de Lima, pela diligente transmissão de saber, orientação e estímulo que possibilitaram a elaboração desta Dissertação.

Aos colegas Lenita Bentes, Ana Claudia Soares, Renata Mattos e Marcus Sodré que compartilharam comigo esta travessia e a todos que direta ou indiretamente colaboraram para a realização deste trabalho de pesquisa.

A FAPERJ que contribuiu para custear meus estudos.

A minha mãe, pelo seu apoio incondicional e enorme incentivo.

RESUMO

Esta Dissertação visa tratar das toxicomanias, como um desafio que impõe aos analistas que atuam em instituições especializadas a busca de novas formas de manejo para lidar com o chamado toxicômano. A clínica das toxicomanias a qual este trabalho se refere, trata somente de casos de neuroses em sujeitos que possuem uma relação com a droga que permitiu uma ruptura com o gozo fálico. Através da construção de dois casos clínicos foi possível identificar o gozo auto-erótico, autístico, que não passa pelo Outro e pesquisar suas conseqüências utilizando como referências a obra de Freud e o ensino de Lacan. Destaca-se como forma de manejar o gozo a utilização da Oficina da Palavra na qual circula o discurso analítico. Trata-se de acolher o toxicômano, para que o sujeito possa vir a produzir sintomas analíticos, introduzindo-o no gozar pela fala.

Palavras-chaves: Toxicomania. Gozo. Sintoma.

ABSTRACT

This dissertation aims at dealing with chemical dependency as a challenge posed to psychoanalysts who work in specialized institutions searching for new ways to handle the so-called chemical dependent. The clinical treatment of chemical dependents to which this paper refers to deals exclusively with neurosis in subjects who established a relationship with a drug that allowed for a rupture of the phallic pleasure. By developing two case studies it was possible to identify the autistic, auto-erotic pleasure which does not go through the Other and to investigate its consequences in cross-reference to Freudian and Lacanian principles. The use of Word Workshop - in which the psychoanalytical speech operates - stands out as a way to handle the pleasure. It's a matter of harboring the chemical dependent in a way that the subject may produce psychoanalytical symptoms which might introduce him to the joy through the speech.

Key words: Chemical dependency. Pleasure. Symptom.

“Escolher uma vida, escolher um emprego, escolher uma carreira, uma família. Escolher uma televisão grande, máquina de lavar, carros, toca-discos, abridor de lata elétrico. Escolher saúde, colesterol baixo, seguro dentário. Escolher prestações fixas para pagar. Escolher uma casa. Escolher amigos. Escolher roupas e acessórios. Escolher um terno feito do melhor tecido. Se masturbar domingo de manhã pensando na vida. Sentar no sofá e ficar vendo televisão. Comer um monte de porcarias... acabar apodrecendo no final. Escolher uma família e se envergonhar dos filhos egoístas que pôs no mundo para substituí-lo. Escolher futuro, escolher uma vida. Por que eu iria querer isto? Preferi não ter uma vida. Preferi ter outra coisa. E motivos... Não há motivos. Para que motivos, se tem heroína?”

Renton, personagem de Ewan MacGregor, no filme *Trainspotting* de Danny Boyle.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	3
II. CAPÍTULO I: A TOXICOMANIA: UM SINTOMA CONTEMPORÂNEO	7
1.1 O toxicômano não existe	9
1.1.1. Sobre a demanda e/ ou sua ausência	11
1.1.2. A psicanálise na instituição especializada	14
1.2 O toxicômano não é perverso	19
1.2.1. <i>Das Ding</i> e sua relação com a fantasia	21
1.2.2. O curto-circuito da fantasia perversa	24
III. CAPÍTULO II: A DROGA COMO UM OBJETO MAIS-DE-GOZAR PARTICULAR	26
2.1 Algumas considerações sobre o objeto na teoria freudiana	26
2.2 O objeto na teoria da intersubjetividade de Lacan	35
2.3 O objeto na teoria do significante de Lacan	40
2.3.1 O objeto causa de desejo	46
2.3.2 O objeto mais-de-gozar na teoria dos discursos	50
2.3.3 O objeto mais-de-gozar particular	55
IV. CAPÍTULO III: UM POSSÍVEL MANEJO DO GOZO NAS TOXICOMANIAS	57

3.1 O curto-circuito da sexualidade nas toxicomanias	58
3.2 Uma interpretação lacaniana da sexualidade na teoria freudiana	60
3.3 A função do Pai nas toxicomanias	65
3.3.1 A injunção do supereu com a pulsão de morte	68
3.4 O ato toxicomaniaco não é uma compulsão à repetição	71
3.5 As operações de alienação e separação: uma releitura de Lacan	75
3.6 A construção de dois casos clínicos de toxicomania	83
3.6.1. Um caso de toxicomania medicamentosa e suas interpretações	83
3.6.2. Vinheta clínica a partir de material produzido na Oficina da Palavra	89
V. CONCLUSÕES	97
VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104

INTRODUÇÃO

O interesse pela clínica das toxicomanias surgiu quando, em Macaé, através de um convênio com a Petrobrás, comecei a receber no consultório inúmeros casos de pessoas com problemas de uso abusivo de álcool e drogas. Esta experiência, que durou doze anos, trouxe grandes ensinamentos e deixou muitas questões, instigando o trabalho teórico. Infelizmente, durante estes anos, foi apenas possível fazer alguns estudos aleatórios dos autores que pesquisam sobre o tema, com o objetivo de alcançar um melhor manejo para lidar com os impasses que surgiam na práxis.

Há três anos, quando retornei ao Rio de Janeiro, tive a oportunidade de realizar um estudo mais aprofundado e sistemático no Curso de Especialização sobre A Clínica das Toxicomanias, oferecido pelo NEPAD – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas – da UERJ. Nesta mesma época, iniciei um estágio profissional no Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e Drogas (CAPSad) Raul Seixas com a duração de um ano.

Minha proposta foi atuar em todas as frentes deste CAPSad: na recepção dos pacientes, nas entrevistas preliminares que antecediam a construção do projeto terapêutico de cada um, no setor de convivência, em participações na Oficina de Vídeo, na Oficina da Palavra e na de Eventos. Assim, fui designada como *psicóloga de referência* – nome atribuído àquele que se encarregava do acompanhamento e das participações do paciente na instituição – e o trabalho incluía, quando o caso era considerado de risco, os pedidos de abrigo, as internações psiquiátricas, em hospitais gerais ou clínicas de recuperação.

A abrangência destes atendimentos permitiu obter um panorama da transferência dos pacientes com a psicóloga de referência, bem como com a instituição e com os demais participantes das Oficinas Terapêuticas. Isto facilitou a difícil tarefa de estabelecer o diagnóstico diferencial inicial neurose-psicose, o qual se torna necessário para a atuação clínica, pois em instituições deste tipo frequentemente a relação sujeito-droga aparece mascarando a posição subjetiva do sujeito na estrutura.

A clínica da toxicomania a qual me reporto nesta Dissertação parte de um recorte da experiência com os pacientes neuróticos, na faixa etária de 20 e 50 anos, que permaneciam em regime de tempo integral no CAPSad. Refiro-me àqueles que, por já terem desfeito os laços sociais que possuíam em função da relação de gozo com a droga, optavam em seus projetos terapêuticos por um atendimento intensivo. Isto possibilitava, minimamente, o estabelecimento de algum laço social. A maioria ainda se mantinha enlaçado com o tóxico.

Nesta pesquisa limitei o estudo à estrutura neurótica em detrimento das demais, bem como não abordarei a clínica que envolve o consumo excessivo de álcool. Justifico as escolhas. No primeiro caso, ela se deve ao desejo de aprofundar a questão que Jacques Lacan aponta ao abordar a problemática da droga pela via de uma ruptura com o falo. De acordo com este autor, a função da droga na psicose – especialmente em seu primeiro ensino –, se coloca de outra forma, na medida em que a forclusão do significante Nome-do-Pai insere o sujeito fora da lógica fálica. A segunda escolha se deve ao fato de que o álcool, por mais que o alcoólatra recorra a um uso abusivo, não promove o rompimento com a função fálica, mesmo que possa vir a comprometê-la.

Durante o estágio no CAPSad Raul Seixas, o mal entendido precipitou o desejo de saber a partir de várias questões apresentadas. A primeira gira em torno do paradoxo comum existente nas clínicas especializadas e a denominação de *toxicômano* que conferem ao indivíduo contribuindo para reforçar o fenômeno social. Frequentemente o toxicômano se identifica com o termo para encobrir o sintoma, dificultando o curso do tratamento a partir da abordagem psicanalítica.

Outra questão importante refere-se à demanda de tratamento. A práxis demonstra que o toxicômano envolvido com a droga dificilmente formulará, de imediato, um enigma sobre o gozo. Na maioria das vezes a demanda nem é sua, ela advém do círculo familiar. A toxicomania é um fenômeno social que mascara o sintoma analítico dificultando o diagnóstico estrutural. A clínica psicanalítica na atualidade se defronta, portanto, com os assim chamados *novos sintomas*, que velam o sintoma ou o sintoma, assim como estes são definidos pela Psicanálise.

Uma terceira questão vincula-se ao trabalho realizado com os pacientes que participavam da Oficina da Palavra. Ela se caracteriza pela leitura, pela escrita e pela discussão de textos selecionados por eles. Tais diretrizes funcionavam como um dispositivo que possibilitava a desidentificação do toxicômano neste lugar, abrindo outras possibilidades

dele se posicionar. Esta Oficina não existia no CAPSad Raul Seixas.

Assim, a partir de um projeto que elaborei e coordenei, foi possível implementá-lo como um tratamento de grupo. A rotina de trabalho era estabelecida junto com os pacientes. Após a leitura de um texto, cada um escrevia ou desenhava sua própria interpretação e esta era comentada pelo grupo. Os profissionais da equipe, nas reuniões multidisciplinares, informavam o efeito que tal trabalho vinha produzindo nos atendimentos individuais.

A Oficina da Palavra funcionava como um espaço onde predomina o simbólico que criava efeitos terapêuticos importantes, inclusive para os pacientes psicóticos. Neste sentido, é bastante clara a diferença entre os psicóticos e neuróticos, justamente pelo uso da fala e da escrita. Os psicóticos marcados pela forclusão do Nome-do-Pai apresentavam uma escrita sem pontuação e repleta de neologismos. Assim, a Oficina da Palavra fornecia valiosas contribuições para as reuniões multidisciplinares, pois estimulava a discussão diagnóstica neurose-psicose. Porém, de uma forma geral, a Oficina da Palavra oferecia aos pacientes um espaço de manifestação subjetiva que rompia as fronteiras do genérico para se dirigir ao dado singular, servindo inclusive para produzir laço social.

A Oficina da Palavra continua em plena atividade no CAPSad Raul Seixas, oferecendo aos participantes a oportunidade de a fala revelar mais do que diz, contribuindo para facilitar o surgimento da divisão do sujeito, dos significantes que advém do Outro e as relações singulares do sujeito com o gozo e com o objeto-droga.

Esta Dissertação de Mestrado é constituída de três capítulos. No primeiro – intitulado *As toxicomanias: um sintoma contemporâneo* –, o tema foi abordado de forma ampla, como elas comparecem na contemporaneidade sob a forma de *novos sintomas*, que têm por característica principal não remeterem a nada, sendo apenas uma fixação de gozo que se coloca como uma resposta do sujeito ao real. Assim sendo, procurei desmistificar dois rótulos tão comuns nesta clínica: que o toxicômano existe e que ele é um perverso.

No segundo capítulo – *A droga como um objeto mais-de-gozar particular* – sustentei a hipótese lançada por Jésus Santiago (2001) de que a droga não funciona para o sujeito como um objeto causa de desejo, mas sim como um objeto consumível, de troca na cultura. Para tal, efetuei um percurso que partiu da teoria freudiana do objeto na economia libidinal do sujeito, enfatizando o momento no qual Freud destaca a saída do auto-erotismo para o narcisismo. Este ponto é de fundamental importância para a compreensão do gozo nas toxicomanias. Em seguida, abordei a conceituação do objeto pequeno *a*, inventado por Lacan, nos vários

momentos do seu ensino: desde a relação de intersubjetividade, passando pela teoria dos significantes, até à elaboração do objeto *a* da angústia, para finalmente tratar do objeto mais-de-gozar na teoria dos discursos.

No terceiro e último capítulo considerei fundamental tratar dos manejos do gozo na toxicomania. Primeiramente abordei aspectos teórico-clínicos que ajudam a esclarecer as conseqüências da ruptura com o gozo fálico e o curto-circuito da sexualidade. Com o intuito de responder a indagação sobre como é possível romper com a função fálica sem necessariamente estar em jogo a forclusão do Nome-do-Pai nos casos de neurose, levantei questões sobre a função paterna nas toxicomanias. Em resposta, tratei da injunção do supereu com a pulsão de morte, apontando para os aspectos destrutivos presentes na clínica.

Ainda neste mesmo capítulo, desenvolvi um tópico para diferenciar a compulsão de se drogar da compulsão à repetição, assim como ela é definida pela Psicanálise. Foram abordadas importantes contribuições teóricas extraídas do ensino de Lacan sobre a eclosão da neurose para melhor compreender o estatuto do gozo ao qual o neurótico se entrega na narcose. Finalmente apresentei dois casos clínicos em suas diversas possibilidades de manejo do gozo nas toxicomanias, nos quais foram utilizados vários dispositivos de tratamento oferecidos por uma instituição especializada, na qual circula o discurso analítico.

CAPÍTULO I

A TOXICOMANIA: UM SINTOMA CONTEMPORÂNEO

Este capítulo tem três objetivos. Primeiramente situar as toxicomanias como o exemplo *princeps* das novas formas do sintoma. A partir disto, procurar demonstrar que o toxicômano, enquanto tal, não existe, discutindo o problema da dificuldade de demanda na clínica com estes sujeitos, para finalmente abordar o paradoxo do papel das instituições especializadas no tratamento da toxicomania por uma via psicanalítica.

A diferença fundamental entre estrutura e fenômeno irá sustentar todas as questões que serão desenvolvidas neste capítulo, na medida em que o fenômeno nada mais é do que uma tentativa de coletivização de um gozo que vela a estrutura. O que antes era chamado de *fenômeno* atualmente tem sido denominando de *novos sintomas* por vários autores, entre os quais menciono Jacques Alain Miller, Hugo Freda, Éric Laurent, Maurício Tarrab, entre outros.

Os novos sintomas, diferentemente do sintoma, não comportam uma mensagem, portanto não são passíveis de interpretação, visto que nada pedem, e não remetem a nada, sendo apenas uma fixação de gozo que, ao produzir uma classificação reforçada pelo social, se coloca como uma resposta do sujeito. Apontam, portanto para uma proliferação dos gozos fora do discurso, não tendo como função ordenar o gozo, como acontece com o sintoma clássico que traz uma significação inconsciente, mas expressam um gozo solto, sem sintoma. Surgem em um determinado momento da cultura, no qual o discurso científico associado aos efeitos de mercado do capitalismo avançado produz efeitos sobre o sujeito.

Mas, o que de fato existe de novo na atualidade que justifique a aparição destes novos sintomas? Desde 1930, Freud¹ (1930 [1929], p.107) apontava para os avanços da ciência e da

¹ As citações dos textos de Freud optei pela tradução brasileira da *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, segundo as normas de referência norte-americanas. Quando houver

tecnologia de sua época e para a influência destas na cultura ao escrever que: “Durante as últimas gerações, a humanidade efetuou um progresso extraordinário nas ciências naturais e em sua aplicação técnica, estabelecendo seu controle sobre a natureza de uma maneira jamais imaginada.” E mais adiante (Idem, *Ibidem*): “[...] não existe, então, nenhum ganho no prazer, nenhum aumento inequívoco no meu sentimento de felicidade, se posso, tantas vezes quantas me agrada, escutar a voz de um filho meu que esta morando a milhares de quilômetros de distância [...]”. Freud, apesar de não desconsiderar os ganhos que a civilização obtém com os avanços tecnológicos, não considera também que eles podem ser fonte de felicidade para a humanidade.

Então, vale a pergunta: o que nos tempos de hoje nos leva a acreditar que o consumo de bens podem nos satisfazer, a ponto de fazer impasse ao sintoma clássico descrito por Freud que revela sua estrutura pela via neurótica, psicótica ou perversa? Parece que é o acesso a esses objetos, os quais, na economia capitalista, são apresentados como algo ao alcance de todos. “Pague em mil prestações!”, “O Banco te oferece crédito para realizar seus sonhos”, “Se não ficar satisfeito, pegue seu dinheiro de volta!”. Se quisesse poderia fazer uma lista quase infinita de *slogans* como estes que estão profundamente enraizados pelo trabalho maravilhoso da mídia.

A partir daí, todo objeto que, como qualquer outro, poderia candidatar-se a objeto de desejo, é transformado em objeto de necessidade, dando ao sujeito, supostamente, uma garantia absoluta de satisfação pulsional, caso este, por uma via superegóica, procure cumprir o imperativo de gozo que, no discurso capitalista², é transformado em: “Consuma!”. Evidentemente, como aponta o discurso do psicanalista, o objeto, por ser causa de desejo, jamais cumprirá a função prometida, ou seja, a realização de desejo. De acordo com Colette Soller (1998, p.17): “É isto que o sintoma faz: dada à falta do parceiro adequado de gozo, um sintoma coloca alguma coisa no lugar; um substituto, um elemento adequado para encarnar o gozo. Essa operação de substituição fixa o modo de gozo do sujeito.” De forma diferente, os novos sintomas estão presentes no corpo de uma maneira direta, não estando referidos ao corpo pulsional, mas sim ao fisiológico, dessexualizado, sendo considerado por Miller e Laurent (1996-97) como uma forma contemporânea da pulsão de morte.

Na toxicomania o objeto é incorporado, em um gozo auto-erótico que tenta provar a

discrepância entre esta tradução e da *Studienausgabe* (op. cit.), a citação será traduzida do original por mim e serão utilizadas as referências desta obra.

² A teoria lacaniana dos discursos será abordada mais detalhadamente no capítulo 2 desta Dissertação.

inexistência do Outro. É neste sentido que Miller (2000, p.172) afirma que “O gozo toxicômano tornou-se emblemático do autismo contemporâneo do gozo.” Em um outro texto, “O sintoma e o cometa” (1997, p.9), este mesmo autor acentua ainda mais as toxicomanias como novos sintomas ao escrever que o exemplo *princeps* das novas formas do sintoma são as toxicomanias, pois permitem isolar as características principais que circunscrevem a nova concepção do termo: não ser um sintoma analítico, constituir uma prática de gozo e estar voltado para um gozo sem limites que prescindem do Outro e, portanto, da palavra.

Agora cabe perguntar como o psicanalista pode se situar diante destes novos sintomas? Miller (Idem, Ibidem) responde a questão afirmando que é preciso “criar-lhe um sintoma quase freudiano”, “faze-lo amar, de uma maneira ou de outra, a palavra”, “introduzi-lo no gozar pela palavra.” Tais argumentações são caras a presente pesquisa, na medida em que podem ser um dos suportes de argumentação da importância da Oficina da Palavra no CAPSad Raul Seixas, que será desenvolvido mais adiante nesta Dissertação.

1.1. O toxicômano não existe

O nome *toxicômano* designa um sujeito que, através da relação com a droga, consente se nomear pela simplificação e pela identificação com este termo. Inicialmente, há um nome que se presta à identificação e não um sintoma. Cabe pensar em como devem ser tratadas, por uma via psicanalítica, tais identificações que, muitas vezes o sujeito traz com este nome que lhe é, inclusive, oferecido pelo Outro social, ao qual o sujeito adere: “eu sou toxicômano” ou “eu sou alcoólatra”. Uma vez que eles chegam à instituição com uma demanda de serem tratados a partir destas denominações, como manejá-la no discurso analítico e colocar em cena que o toxicômano não existe, e do que se deve tratar é sempre o sujeito?

O objeto droga permite acesso a um gozo que não passa pelo Outro, um gozo de corpo, um gozo Uno. As relações entre significante e gozo são múltiplas: estes dois termos não são antinômicos, pois o significante induz ao gozo ao incidir sobre o corpo. Na linguagem, o falante não está exilado do gozo, nem seu corpo é um deserto de gozo (Lacan, 1967, p. 357). Não me restringirei, portanto, à concepção segundo a qual o significante implica a anulação do gozo, conforme Lacan desenvolve no *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-60). Utilizo aqui as concepções estabelecidas a partir de *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-70) até *O seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-73), que

serão discutidas no capítulo II desta Dissertação. Por conseguinte, falar do gozo do Um é admitir um comprometimento do Outro, mesmo que seja sob a forma de uma decadência do Outro simbólico, sede dos ideais paternos.

O gozo do Um resulta em isolamento, é avesso ao laço social, seja porque o programa social o repele como ameaça, seja porque aquele que dele usufrui se retrai do laço social. A partir destas considerações, impõe-se o problema da segregação com a qual a psicanálise sempre se defrontou, mas que assume formas renovadas e cada vez mais radicais.

Pode-se definir um povo, um grupo, pela adesão compartilhada de um modo de gozo. O que, como tal, comporta uma segregação que é, antes de tudo, auto-segregação. Não podemos nos assombrar que tenha nascido assim, um grupo social peculiar que, ignorando as diferenças das posições subjetivas, se caracteriza precisamente pelo modo de satisfazer-se, pelo modo de gozar da substância tóxica: os toxicômanos. E, como grupos, designam e transportam o peso da segregação e auto-segregação.

A questão do sentido do ser vela outra questão: a do ser de gozo. Dois primeiros pressupostos orientarão esta Dissertação: o corrompido significante *toxicômano* assina uma segregação e oculta um sujeito sob seu modo de gozo.

O sintoma socializado se apóia diretamente no discurso da ciência, disseminando os efeitos universalizantes deste último, efeitos avessos à subjetivação e ao particular. Trata-se, portanto, de recorrer ao dispositivo analítico para passar do sintoma socializado ao analítico, ou ainda, produzir novos sintomas para ligar o gozo à fala, e situá-la em um discurso.

Então, o que é o toxicômano? Será aquele que utiliza drogas? Certamente não, pois a droga pode ser utilizada como um significante que não produz enigma. Se pensarmos no caso da adolescência, geralmente o uso da droga faz laço social, na medida em que nesta fase o uso da droga visa à identificação com o Outro social. Além disto, podem-se observar sujeitos que fazem um uso excessivo de álcool e drogas, sem que este uso prejudique o laço social, sem que se estabeleça uma ruptura com o gozo fálico, sendo apenas mais uma entre várias formas de o sujeito gozar, sempre parcialmente.

Sendo assim, pelo termo *toxicômano*, se designa o sujeito que se anula em prol do saber de um gozo e se define a si mesmo nesta relação que mantém com o gozo. Através da identificação com o “eu sou toxicômano”, anula-se as particularidades do sujeito, pois na verdade ele não se nomeia a partir do sujeito do significante, mas sim do gozo. Em última instância, pode-se dizer que quando o sujeito assim procede, ele cria a ficção de não ser

sujeito, mas objeto, neste sentido pode-se dizer que ele é a droga.

1.1.1. Sobre a demanda e/ou sua ausência

Na Introdução desta Dissertação foi dito que um das questões que precipitaram a presente pesquisa refere-se a um impasse decorrente da clínica institucional, ou seja, a dificuldade dos pacientes em trazer em suas demandas um enigma relativo ao gozo.

Durante as entrevistas preliminares, na maioria das vezes se tem a impressão de estar diante de um sujeito sem história, cuja vida se desenvolve no imediatismo do consumo de drogas. A fala evasiva e empobrecida restringe-se ao relato dos rituais do uso de drogas, dos problemas com a família e até mesmo com a justiça. Este esvaziamento na fala do sujeito é observado em dois momentos. Ora em entrevista daqueles que procuram o serviço por conta própria e querem algum tipo de ajuda para lidar com o sofrimento, mas ao mesmo tempo não sabem como deixá-las. Ora por aqueles que estão abstinentes, mas não sabem como lidar com a vida na ausência da droga. Porém, na maioria das vezes, os pacientes são trazidos pela família, não apresentando nenhuma demanda de tratamento constituída. Nestes casos, a problemática do uso de drogas comparece apenas na família demandante.

O conceito de demanda foi estabelecido por Lacan a partir da noção de desejo, noção que ocupa lugar de fundamental importância na obra freudiana. Para Lacan, a demanda é situada a partir da relação entre desejo e necessidade. Desta forma, ao longo desta Dissertação, a tríade conceitual *necessidade-demanda-desejo* será amplamente revisada.

Freud estabelece uma relação entre as diversas formas que o sujeito dispõe de buscar uma sensação tênue de felicidade e a questão da economia da libido. Desta relação, podemos inferir que os diversos motivos que levam o sujeito à análise estão calcados na problemática da economia libidinal.

Na procura pela felicidade, o sujeito realiza formações de compromisso, ou seja, sintomas, que na mesma medida em que lhe causam sofrimento, constituem satisfações substitutivas. A partir deste paradoxo muitos sujeitos procuram uma análise. No seminário sobre *A ética da psicanálise*, que será retomado mais adiante quando trabalharei o conceito de *das Ding*, Lacan (1959-60, p. 360) aponta que o analista se oferece para receber uma demanda de felicidade. Evidentemente esta demanda não é respondida, pois constitui uma antinomia com as considerações feitas por Freud no que diz respeito às restrições quanto à obtenção da

felicidade. É preciso ressaltar que apesar do mal-estar ser constituinte da subjetividade humana, alguns sujeitos procuram um analista não com uma demanda de ser feliz, pois, em alguns casos, o sintoma consiste em uma satisfação, tornando a possibilidade de endereçamento de uma demanda quase inviável.

No caso conhecido como o da *Jovem Homossexual*, Freud relata uma situação específica de ausência da demanda de tratamento, embora não nomeie desta forma. Este caso constitui o ponto de partida para pensar a demanda no interior da clínica de Freud e traçar alguns contrapontos com a toxicomania, na medida em que a ausência de demanda constitui uma característica desta clínica. Esta constatação clínica remete à pergunta: qual a especificidade do fenômeno toxicomaniaco que se revela na análise através da ausência da demanda?

Para responder à questão é preciso retomar as considerações freudianas acerca da ação poderosa dos produtos intoxicantes. Em “O mal-estar na civilização”, Freud (1930[1919]) enfatiza que tais produtos constituem o meio mais eficaz para afastar o sofrimento, funcionando como um amortecedor de preocupações, além de produzir uma sensação imediata de prazer. O toxicômano concede um lugar privilegiado à droga em sua economia libidinal, permitindo tanto um entorpecimento do seu sofrimento, quanto à própria produção do sofrimento. É possível inferir que os excessos destes sujeitos representam uma tentativa de encontrar a felicidade e, assim, encontraram-se submetidos a um gozo proveniente desta prática. O toxicômano, em seu ato compulsivo em relação à droga, acredita que pode obter uma satisfação de natureza irrestrita.

Em “O Mal-estar na Civilização”, Freud discorre acerca do antagonismo fundamental existente entre as exigências pulsionais e as restrições impostas pela civilização, que impedem a satisfação da pulsão e conseqüentemente geram mal-estar. O sujeito, uma vez regido pelo princípio do prazer, tem como objetivo evitar o desprazer e obter felicidade. A felicidade para Freud é compreendida no sentido da satisfação pulsional. No entanto, ele ressalta que a intenção do sujeito de encontrar a felicidade através do princípio do prazer está fadada ao fracasso, em função de sua própria constituição, restando ao sujeito apenas a possibilidade, muitas vezes remota, de evitar o desprazer.

Além do mal-estar proveniente da ausência de um objeto para satisfazer o desejo – uma vez que o objeto encontra-se para sempre perdido – e das restrições que incidem sobre a satisfação da pulsão e o princípio do prazer, Freud (Idem, *Ibidem*, p. 95) aponta três fontes de

sofrimento com as quais o sujeito se depara em sua vida: o corpo condenado à falência, o mundo externo e o relacionamento entre os homens. Ele (Idem, *Ibidem*, p. 93) reconhece que a vida nos proporciona muitos infortúnios e que, para suportá-los, o sujeito precisa lançar mão de medidas paliativas, tais como: derivativos poderosos, satisfações substitutivas e substâncias tóxicas. Ele considera o uso de substâncias tóxicas como um dos métodos mais interessantes e eficazes de evitar o sofrimento, pois são capazes de influenciar nosso organismo, tornando-nos insensíveis a ele, apesar dos perigos da intoxicação.

Embora Freud não tenha formalizado o conceito de demanda, tal como o fez Lacan, é possível encontrar em sua obra indicações referentes à demanda de tratamento e às condições necessárias para o início do processo analítico. Essas referências serão desenvolvidas nesta Dissertação no item 3.6.1., na construção de um caso de toxicomania medicamentosa.

Os conceitos de pulsão e de desejo possibilitam depreender de que forma o sujeito tem acesso aos objetos. Objetos estes passíveis de serem investidos pela pulsão e de promover uma satisfação sempre marcada pela parcialidade, tendo em vista que o objeto do desejo, que supostamente promoveria a satisfação plena, está para sempre perdido. O objeto perdido se destaca do objeto de pura necessidade, uma vez que implica em uma decodificação pela via da demanda dirigida ao Outro, como demonstrado no segundo capítulo desta Dissertação. E quanto à demanda, existe um objeto que lhe corresponda, é possível satisfazê-la? A demanda se apresenta atravessada pela linguagem. O sujeito em seu apelo ao Outro demanda reconhecimento, amor e, sobretudo, significantes. Esse atravessamento constitui-se como uma condição de possibilidade para a expressão do desejo.

O desejo encontra vias de se expressar através da demanda que lhe fornece os significantes que são dirigidos ao Outro sob a forma de apelo. No entanto, o desejo não encontra os objetos para que possa encontrar a satisfação. Aliada à perda do objeto de satisfação está a demanda, que, na medida em que se satisfaz em seus apelos, exclui definitivamente a realização do desejo. Esta dissonância entre desejo e demanda leva o sujeito a experimentar um mal-estar estrutural, uma vez que a falta e o vazio são constituintes da subjetividade. Para Luciano Elia (2004, p. 51-52):

A demanda é um plano da maior importância porque situa o desdobramento no campo da alteridade, o Outro diante do qual a criança se situa. Se ela visa o leite, como animal mamífero, ela o recebe de alguém que a introduz no campo da linguagem [...] o objeto da necessidade, mesmo que seja para perdê-lo como natural ao registrá-lo psiquicamente e assim transmutá-lo em objeto de desejo.

Visar à presença do Outro como tal, como capaz de atender à necessidade, é a essência da demanda.

Daí pode-se depreender que a demanda é habitada pelo desejo, que a precede, o que lhe fornecerá sua principal característica, ou seja, de ser impossível satisfazê-la. A relação entre o sujeito e seu desejo é marcada pelo mal-estar, em primeiro lugar pela falta de um objeto que possa satisfazê-lo plenamente e em segundo lugar na dificuldade do sujeito em responsabilizar-se pela estranheza que lhe causa o seu próprio desejo. Como bem sintetiza Lacan (1960, p.828):

O desejo se esboça na margem em que a demanda se rasga da necessidade: essa margem é a que a demanda, cujo apelo não pode ser incondicional senão em relação ao Outro, abre sob a forma de possível falha que a necessidade pode aí introduzir, por não haver satisfação universal.

Deste modo, retomando a questão central desta pesquisa, cabe à psicanálise frente ao toxicômano desintoxicá-lo do significante droga, fazendo-o adoecer do sintoma no simbólico. Pelo menos é o que se pode concluir tendo como base o primeiro ensino de Lacan. Se a droga constitui uma resposta ao mal-estar que tampona a questão do Outro sexo, deve-se oferecer um lugar onde esta pergunta possa ser feita. A partir deste ponto de vista, a possibilidade de análise passa pelo processo de desfazer a identificação massiva do sujeito ao “eu sou toxicômano”. Cabe então perguntar qual o papel das instituições especializadas no tratamento destes sujeitos?

1.1.2. A psicanálise na instituição especializada

Para começar a investigar a questão da especialidade utilizei um texto de Lacan denominado “O lugar da psicanálise na medicina” (1966) que resultou da transcrição das intervenções feitas por Lacan em uma mesa redonda realizada em 16 de fevereiro de 1966 no Colégio de Medicina de Salpêtrière.

Tendo em vista que o público presente era, principalmente, formado por médicos, as intervenções de Lacan se deram no sentido de delinear o lugar que a psicanálise ocupa em relação à medicina, destacando os efeitos na posição do médico gerados a partir das enormes mudanças que vêm ocorrendo no mundo atualmente.

Que tempos são esses?

O imperativo do gozo, o declínio do simbólico, a banalização dos ideais, sinalizam os novos tempos e, conseqüentemente, delineiam uma clínica cada vez mais complexa. Os sintomas se revestem de variadas formas, sendo o corpo seu principal alvo. Resta pouco espaço para o simbólico e para o surgimento do desejo. O sujeito é aniquilado, some, sai de cena. Sendo assim, o sintoma não entra no discurso. O corpo não fala, ele age, é agido.

As histéricas da época de Freud paralisavam seu corpo como uma maneira de dizer algo. O sintoma portava em seu corpo uma verdade mentirosa, cumprindo sua função de velamento e desvelamento. A história hoje é outra. O real na clínica apresenta-se insistentemente. A busca desenfreada por objetos que visam satisfação a qualquer custo tornou-se o mote da sociedade atual. Hoje o nosso lema é: “Consuma!”. O que se encontra do pai declinado é o silêncio. O sujeito fica à deriva, o que leva, muitas vezes, à passagem ao ato. É preciso escutar o sujeito que está por trás deste corpo fragmentado, mutilado, constantemente recuperado.

Segundo Lacan, cada vez mais se observa que as exigências sociais estão determinadas pela aparição de um homem que serve a um mundo científico que se apresenta dotado de novas formas de busca e investigação. Diante disto, o médico se vê confrontado com novos problemas causados pelo enorme desenvolvimento de um aparato científico – tecnológico que o distancia cada vez mais do seu paciente.

Além da ramificação da Medicina em uma imensa gama de especializações, que fizeram do clínico geral um mero agente de triagem para outros especialistas, a tecnologia científica vai desde os exames laboratoriais até as tomografias computadorizadas, passando pela engenharia genética. A especialização desalojou o médico de sua posição tradicional, transformando-o em um agente técnico que lida mais com medidas de controle quantitativo, gráficos, escalas, constantes biológicas e dados estatísticos, do que com o próprio doente.

Considerando todas essas mudanças que afetaram a posição médica, Lacan afirma que a chance de sobrevivência desta está justamente na via de resposta à demanda do paciente, que na verdade é uma saída fictícia. É neste sentido que Lacan (1966, p. 11-12) introduz a importância da posição do analista que, no seu entender, é a única que assegura ao médico sua função e seu papel diante da demanda de saber que lhe é dirigida. É importante destacar a diferença entre o discurso analítico que pode atravessar uma prática médica em uma instituição e a posição que um analista tem dentro de uma instituição. Não se trata, portanto,

de querer que um médico se coloque na posição de analista, uma vez que, em uma instituição, os diferentes discursos têm seu lugar. No entanto, é o discurso do analista que pode fazer circular os demais discursos, permitindo que se leve em conta o sujeito.

Para a Psicanálise, mais além da demanda, existe o desejo e quando o doente se dirige ao médico, espera algo mais do que a cura pura e simples. Muitas vezes, o que se deseja é, até mesmo, o oposto daquilo que se pede.

Na demanda dirigida ao médico, o corpo, de uma forma ou de outra, sempre está envolvido. Para a psicanálise, trata-se de um corpo que goza de si próprio, já que, mesmo antes da pulsão se dirigir a um objeto, ela procura satisfazer-se de forma auto-erótica. Enquanto corpo pulsional, não há como decifrá-lo.

Jésus Santiago (2001, p. 25), referindo-se ao texto que esta sendo abordado, diz:

Enfim, a medicina moderna adquire uma configuração, ao mesmo tempo esboçada e subvertida, fora dela mesma, pela ciência. Por essa via, Lacan observa, com razão, que o saber médico avança, a partir do que ele chama de relação epistemossomática, como o maior indício das incidências do progresso da ciência sobre a relação da medicina com o corpo.

Isto explica a necessidade da criação de uma ética para a constituição de um saber a respeito do corpo, o que só é possível através de uma dimensão ética que leve em consideração a forma de gozo de cada sujeito, buscando algo que pode vir a ser atrelado ao desejo, tarefa da qual a psicanálise deve se ocupar.

Para preservar a originalidade de sua posição diante dos avanços técnico-científicos, cabe ao médico responder à demanda de saber a respeito do corpo e da saúde partindo da fala do paciente e do lugar em que este o coloca. Para que compareça o desejo, é fundamental que aquele ao qual é atribuído o saber não se coloque em relação ao saber de forma paranóica, ou seja, como quem realmente sabe. Também é necessário que o médico leve em consideração a relação existente entre corpo e gozo, no que se refere à demanda. Falar a partir da dimensão do gozo que habita o corpo humano é segundo Lacan (1966, p.11-12), a única saída para o médico não correr o risco de ser tragado pelo aparato tecnológico ao qual se encontra intrinsecamente ligado.

Em que tais considerações podem nos ajudar a pensar a questão de instituições especializadas para alcoólatras e toxicômanos? Elas me parecem bastante úteis, na medida em que remetem à advertência quanto a não se perder do desejo para a psicanálise, e não se

deixar capturar pela clínica da especialidade. Isto é ainda mais complexo quando levamos em conta que estes pacientes, geralmente, se nomeiam como o produto que consomem. Com isso, não retiro a importância das instituições especializadas, já que é preciso que elas existam para que estes sujeitos se enderecem de alguma forma, a um lugar de tratamento. Além disso, são preferíveis aos chamados Grupos de Anônimos, tais como os Alcoólatras Anônimos, Narcóticos Anônimos, e outros que recebem o sujeito como um anônimo. O problema é verificar se as instituições especializadas permanecem ligadas aos imperativos do Outro social aos quais os sujeitos já estão submetidos, mantendo e até reforçando a não responsabilização do sujeito pela sua forma de gozo. Então cabe perguntar como um CAPSad pode promover um deslocamento desta identidade no interior de sua clínica e frente ao Outro social?

Segundo Paul-Laurent Assoun (2001, p. 32), o sujeito da exclusão é a tal ponto efeito daquilo que o Outro social diz dele que, ao identificar-se com isso, traz a seguinte questão: “O que você diz que sou? Então vou me chamar como você me chama”.

É exatamente isto que o toxicômano faz ao se nomear com o produto que consome. Normalmente é trazido ao CAPSad por terceiros. Apresenta um corpo estereotipado que necessita de cuidados médicos, daí a importância da referência ao texto anterior de Lacan dirigido aos médicos, no qual a demanda do doente também se dá em relação ao corpo. Mas cabe perguntar: que corpo é este que o toxicômano vem apresentar? Corpo de uma narrativa monótona, que advém do rompimento que faz em relação ao gozo fálico, como nos diz Lacan (1975, p. 116). Mas rompendo com o gozo fálico, de onde então o sujeito goza?

No artigo escrito pelo Núcleo de Pesquisa em Toxicomania e Alcoolismo da Escola Brasileira de Psicanálise, denominado “A Mordada infernal”, esta definição parece bastante esclarecedora (Bentes, 1998, p. 24):

O gozo da droga está no corpo que o toxicômano julga ter. Quer se unir ao Outro real por negar que este esteja fora de alcance. É uma ilusão que a ruptura com o falo produz, posto que o gozo sexual faz obstáculo a isso, é defesa contra o gozo do Outro ou do corpo como totalidade. A determinação fálica faz malograr tanto o gozo do corpo como Outro, como o gozo do corpo do Outro. [...] Ignorar que não se tem o corpo e o inconsciente é tentar dar, via indução, via substância, consistência a este Outro como corpo do qual se goza de uma hipotética infinitude, de uma ruptura que, por não passar pelo simbólico, fica tudo a dever ao gozo feminino que não desconsidera o falo.

Em “A significação do falo”, Lacan (1958a, p. 692) aponta que o complexo de castração tem a função de nó na estruturação do sintoma analítico e na instalação de uma

posição inconsciente que vai determinar que ele se dirija ao Outro sexual, ou seja, permitir uma posição “sem a qual ele não poderia identificar-se com o tipo ideal de seu sexo, nem tampouco responder, sem graves incidentes, às necessidades de seu parceiro na relação sexual, ou até mesmo acolher com justeza as da criança daí procriada”. Isto nos permite esclarecer melhor porque o toxicômano, por ter rompido com a função fálica, torna-se tão vulnerável às identificações com os nomes que o Outro social oferece ao sujeito.

Através do discurso da ciência, a junção Direito e Medicina funda a racionalidade das práticas dos discursos relacionadas às toxicomanias e ao alcoolismo, não fazendo mais do que reconduzir o sujeito ao estatuto de consumidor. Ao incidir sobre o objeto droga como um mal a ser eliminado, tal discurso abole a possibilidade de o sujeito inscrever o sintoma como algo singular. Segundo Betts (2004, p. 67):

A sociedade de consumo se caracteriza por ser organizada predominantemente pelas relações de consumo e valores associados, condicionando a produção de bens e serviços. O consumidor, elevado ao *status* de cidadão de direito, através da recente elaboração dos direitos do consumidor, tem como ideal de vida preponderante sua potência de consumo. O sucesso social e a felicidade pessoal são identificados pelo nível de consumo que um indivíduo tem. O *somos o que temos* é elevado à condição de ideal social, o hedonismo materialismo, a qualquer preço, triunfa. Se não temos, não somos. O potencial de consumo determina o grau de inclusão social ou de exclusão social, de sucesso ou de insucesso, de felicidade ou de infelicidade.

Como conseqüência, no lugar de apropriação singular, tem-se a oferta de marcas identificatórias que confirmam a adesão do sujeito ao produto, colagens imaginárias tão bem apropriadas ao discurso da ciência.

Para expressar essa questão com maior rigor, torna-se necessário fazer uma distinção que Jésus Santiago (2001, p 24) nos coloca: “Para Lacan, é preciso distinguir a estrutura do saber científico do impacto dos efeitos desse saber no mundo e é este último aspecto que levou a falar da atividade científica como uma forma de discurso”. Em seguida, afirma que:

A ciência não apenas torna possível o acesso ao real, mas também o determina e transforma-o, povoando de certo números de objetos que antes não estavam ali, mas também sérios candidatos a se tornarem restos, resíduos, rebotalhos da civilização. Com muita pertinência chamados de *gadgets*, designando-se assim, com exatidão, a natureza de dejetos que impregna sua presença no mundo (Idem, *Ibidem*, p. 28).

São destes objetos, no caso as drogas, que os toxicômanos gozam nos seus próprios

corpos. Neste gozo o toxicômano separa-se da alteridade significativa, promovendo uma anulação do Outro, que conduz ao desaparecimento do sujeito do inconsciente, ficando apenas com a nomeação advinda do Outro social, a qual se agarra e não quer largar, pois afinal, é o que lhe resta.

Mas, voltando à questão anterior, agora melhor embasada teoricamente, pergunto: dentro de uma instituição especializada, como descolar o sujeito de sua nomeação e reportá-lo ao lugar estrutural do mal-estar freudiano, impasse de todo ser falante frente ao encontro com o Outro sexo e suas conseqüências?

Viviane Tinoco Martins (2005, p. 140), antiga coordenadora do CAPSad Raul Seixas no qual trabalhei, esboça uma resposta, certamente bem respaldada nesta clínica. Em primeiro lugar, ela diz:

Trabalhar segundo a orientação lacaniana significa estabelecer a distinção entre fenômeno e estrutura, ao contrário da instituição especializada que prioriza o fenômeno em detrimento da estrutura. Trata-se de trabalhar reconhecendo a identificação com o fenômeno, sem, no entanto, cristalizar o sujeito nesta nomeação universal: “Sou toxicômano”.

Em segundo lugar, diz que: “Somente considerando o fenômeno da toxicomania com base na função que a droga pode ocupar para cada sujeito é que se torna possível inserir o particular na instituição especializada, a qual convoca o universal” (Idem, Ibidem).

1.2. O toxicômano não é perverso

Partindo de uma revisão bibliográfica no campo das toxicomanias, encontrei basicamente duas maneiras de abordagem do assunto a partir do saber psicanalítico. A primeira, aquela que é sustentada por autores como Jésus Santiago, a partir do fenômeno, mais recentemente denominado de *nova forma de sintoma*, nomenclatura desencadeada pelo ensino de Miller, e capaz de ser encontrada em qualquer estrutura, seja ela neurótica perversa ou psicótica. A segunda define a toxicomania como exclusivamente uma perversão ou um tipo clínico da estrutura perversa. Aqui citarei apenas um autor que assim a considera, por ser bastante conhecido e considerado no meio psicanalítico brasileiro, apesar de existirem outros, como afirma Santiago ao discutir de forma crítica a hipótese desta estrutura para a toxicomania, tal como o fez o teórico americano Edward Glover (*apud* Santiago, 2001, p.27),

considerando a toxicomania como uma resposta primordial para a angústia:

[...] para quem a droga constitui um meio provisório de preservação do sentido da realidade e, portanto, um instrumento de regulação do conjunto das relações objetais. Para ele, a toxicomania é uma variante dos estados *borderlines*, capaz de compensar as reações psicóticas resultantes da regressão libidinal. Em outros termos, o uso das drogas permitiria circunscrever as reações sádicas, próprias aos sistemas paranóicos, à droga, tornando possível, assim, a estabilização do sentido de realidade.

O referencial de Glover é kleiniano e a orientação que vem norteando a presente Dissertação é lacaniana. Sobre esta diferença, serão inseridas algumas observações por Miller (2008 p.31-51). No entanto as construções de Joel Birman, que Santiago também se refere de forma crítica, partem do referencial teórico de Freud através do estudo do fetiche.

Em um artigo de 1993, denominado “Dionísio Desencantado”, Birman, ao procurar fazer uma distinção entre o usuário de drogas e o toxicômano, deixa bastante claro que considera os primeiros inseridos em quaisquer das diferentes estruturas psíquicas destacadas por Freud, ou seja, neurose, psicose ou perversão; mas os toxicômanos, que segundo o autor são aqueles que fazem um uso compulsivo da droga, a ponto desta se tornar praticamente o único referencial de suas vidas, são perversos. Birman (1993, p.61) afirma:

Porém, em oposição a isso, os toxicômanos se inscrevem na estrutura psíquica da *perversão*, em que a droga funciona como *objeto fétiche*.

Com efeito, existe uma fetichização do gozo pela incidência da droga no corpo do sujeito. A droga se transforma em instrumento para promoção de um gozo absoluto, propiciando um curto circuito que evita o confronto do sujeito com a experiência de castração. Portanto o sujeito agencia o mecanismo psíquico da recusa (*Verleugnung*), pois, apesar de saber dos efeitos mortíferos da droga, vale-se deste fetiche para se manter incólume à incidência da castração.

Em contrapartida, Lacan (1975, p. 116) afirma que a droga é o que permite romper o casamento com o faz-pipi, ou seja, com o falo. Mas rompendo com o gozo fálico, de onde então o sujeito goza? Na relação do sujeito com a droga, levando em conta o rompimento com o gozo fálico, resta ao sujeito, na ilusão de dar consistência ao gozo do Outro, que Lacan colocou sob o estatuto de impossível, gozar de seu próprio corpo. Corpo este experimentado como não sexual. Isto implica uma maneira de velar a falta e se livrar da angústia de castração, por uma via que curto-circuita a fantasia. Sendo assim, é diferente da estrutura perversa que também procura velar a falta e escapar da angustia de castração, mas através de

um mecanismo totalmente diverso, que se utiliza da fantasia perversa para tal. Esta questão será desenvolvida no item seguinte.

1.2.1. *Das Ding* e sua relação com a fantasia

Aqui podemos nos referir ao conceito de vontade de gozo que Lacan descreve no texto “Kant com Sade”, escrito que serviu de prefácio para *A filosofia de Alcova* de Sade, mas que só foi publicado sob a forma de uma resenha da edição das obras deste mesmo autor, em abril de 1963.

Para explicar o que Lacan trabalha neste texto considero necessário retomar o que ele diz em *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-60) sobre *das Ding*, a Coisa, em sua relação com a fantasia. Certamente, *das Ding* está ligada à relação do desejo com a falta. Freud (1950 [1895]), no “Projeto para uma psicologia científica” designava a falta estrutural do sistema psíquico, em termos de A Coisa, algo faltoso. Trata-se de algo que fornece a maior satisfação para o sujeito, e por natureza, objeto perdido, jamais passível de ser reencontrado, na medida em que o reencontrado representa apenas um *Ersatz* do objeto perdido, ou seja, um substituto.

Das Ding desperta em todo o sistema psíquico um estado de “urgência ou de desejo” (Idem, *Ibidem*, p. 337). Todo o sistema tenta suprir este estado desprazeroso buscando obter satisfação a todo custo. Tal estado de urgência produz uma situação desconfortável para o aparelho psíquico. Na tentativa de obter uma redução do estado de tensão, o sistema superinveste uma representação e produz na percepção uma alucinação, devido ao superinvestimento na representação ou traço de memória – e chamado no *Projeto* – daquilo que o sujeito sabe ser seu objeto de satisfação. Enfim, Freud demonstra, ao longo de sua obra, um desencontro e uma impossibilidade do sujeito encontrar seu objeto absoluto de satisfação: *Das Ding*.

Segundo Lacan, em *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, “[...] evidentemente, é claro que o que se trata de encontrar não pode ser reencontrado. É por sua natureza que o objeto é perdido como tal [...] não é ele que reencontramos, mas suas coordenadas de prazer” (1959-60, p.69). Se fosse possível encontrá-lo, a busca teria fim e excluiria a possibilidade da metonímia do desejo, o deslocamento incessante, sendo a morte do aparelho psíquico. E mais do que isso, extingiria a possibilidade de desejar.

No trajeto do neurótico, em seu percurso do desejo e da falta, percebe-se que, diante da possibilidade desta não existir – ou seja, frente à não estar mais vinculado ao desejo do Outro – o neurótico tenta restaurá-la.

É importante assinalar que a Coisa que foi expulsa *Ausstossung*, mas de alguma forma retida no ser, deve se manter afastada, devido ao seu caráter perigoso e hostil. Para que o princípio do prazer opere esta Coisa precisa estar a certa distância. A cada aproximação excessiva, o nível de tensão do sistema aumenta consideravelmente, impedindo que o princípio de prazer siga seu curso.

Das Ding é objeto perdido para o sujeito, mas que atua como causa do desejo fundamental. Assim, a Coisa é o nome do incesto, pois: “o Bem supremo, que é das *Ding*, que é a mãe, o objeto do incesto, é um bem proibido [...]” (Idem, *Ibidem*, p.102).

Lacan tece alguns comentários em “Kant com Sade” (1963, p.780), como também em *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, no capítulo VI, *Da lei moral*. Aí faz a distinção entre duas formas de Bem, presentes na obra de Kant: *Wohl* e *Gute*. O primeiro representa os objetos no Bem ao nível do princípio do prazer. Este *Wohl* é o Bem dos objetos do prazer, objetos que estão em relação à *Gute*, mas como em um horizonte, ou seja, à distância. Estes objetos do prazer, Kant (2003), em sua *Crítica da razão prática*, diz que o indivíduo não pode levá-los em consideração, pois o Bem importante para Kant é o *Gute*.

Este *Gute* é o Bem com maiúscula, correspondente à negação de todo objeto que pode dar prazer. Este Bem kantiano, na leitura de Lacan (1959-60), possui relação com o que foi descrito como *das Ding*. Ele é fonte de todo Bem para o sujeito, mas ele não pode suportar este extremo Bem de *das Ding*.

Quando o sujeito se aproxima de a Coisa há o efeito de uma outra lei, uma lei moral, a determinação de uma vontade que é um imperativo, ou uma máxima que produz um efeito de capricho sentimental de dor. Lacan (Idem, *Ibidem*, p.102) diz: “Essencialmente a dor. A dor de outrem e, igualmente a dor própria do sujeito, pois são apenas uma só e mesma coisa [...]”.

Kant refere que este Bem deve ser buscado através da ação moral, uma ação que deve ser elevada ao estatuto de uma máxima. Trata-se de uma máxima que deve valer para todos. Segundo Lacan, a máxima kantiana resume-se em “Age de tal modo que a máxima da tua vontade possa sempre valer como princípio de uma legislação que seja para todos” (Idem, *Ibidem*, p.98).

Com Kant, podemos observar que esta lei impele o sujeito a este encontro que provoca

inevitavelmente sofrimento. O lugar desse *Gute* é um lugar onde não há objeto, é um lugar onde não há prazer. Se os objetos de prazer estão presentes não se produzem os efeitos do Bem. Podemos, então, repetir Lacan e dizer que “a única coisa que faz barreira ao gozo é o prazer.” (1960, p.836), na medida em que os objetos de prazer – por exemplo, *Wohl* – precisam estar operando para fazer barreira ao gozo, *Gute*.

A partir da leitura de Lacan, podemos dizer que, em Kant, há uma direção para que o sujeito encontre este Bem que causa dor. Com Sade acrescentar que essa lei presente em Kant, lei sem objeto – posto que os objetos para Kant são objetos *Wohl* – possui um objeto em Sade. O lugar deste objeto que Sade revela, Lacan o relaciona com o sujeito, naquilo que ele pode ocupar o lugar de objeto na fantasia.

No ponto de vista de Lacan, Sade utiliza o mesmo princípio de Kant em relação à constituição de uma máxima, uma máxima que deve ser seguida por todos.

Em Kant a máxima tem uma estrutura de voz, uma voz que é proferida pela consciência. Em Sade, a voz que profere a máxima advém de outro lugar, não vem da consciência, mas da voz de qualquer pessoa. A máxima sadeana é a seguinte:

Tenho o direito de gozar de teu corpo, pode dizer-me qualquer um, e exercerei esse direito, sem que nenhum limite me detenha no capricho das extorsões que me dê gosto de nele saciar (Lacan, 1963, p. 780. O grifo é meu).

Vale ressaltar que esta máxima está relacionada com a fantasia sadeana, e que esta é uma maneira de dizer da fantasia em geral. Quando Lacan escreve o sujeito barrado (§), ele quer demonstrar a divisão do sujeito pela linguagem ou, em termos mais freudianos, pela castração. Esta divisão está presente nestas duas orações grifadas acima na máxima sadeana.

Se um sujeito através de sua enunciação profere a primeira parte da máxima – “tenho o direito de gozar de teu corpo” – a consequência é a segunda parte que produz uma inversão de sua posição inicial (ativa), “pode dizer-me qualquer um”. Na primeira oração, pretende fazer do corpo do outro um direito ao gozo, pela própria enunciação da máxima; a segunda oração inverte a posição do sujeito colocando-o como objeto de deleite do Outro. Tal inversão revela uma das posições decisivas e fundamentais presentes na fantasia, que é a de vítima, modo fundamental de gozo. O que está em jogo na máxima sadeana é o gozo e a maneira como se usufrui deste.

1.2.2. O curto-circuito da fantasia perversa

Retomando a questão do gozo na toxicomania e considerando todo o percurso acima a respeito da importância da fantasia na estrutura perversa tal como nos ensina Lacan, fica mais claro perceber que o toxicômano não é um perverso. Jesús Santiago (2001, p. 171-175), inclusive, possui um item de um capítulo de seu livro *A Droga do Toxicômano* que desenvolve esta questão. Nele, o autor procura desfazer este equívoco ao demonstrar que a função de ruptura da droga poderia levar a se pensar em uma maneira singular de recuperação do gozo do Outro. Isto dá margem para se conceber o ato toxicomaniaco como um oferecimento ao gozo do Outro no intuito de completá-lo, o que tornaria possível, como fizeram certos autores mencionados acima, pensar a toxicomania através da estrutura perversa.

Santiago (Idem, Ibidem, p.172) é muito esclarecedor quanto a este equívoco:

Essa visão do fenômeno da droga obriga-me a reexaminar, de maneira mais acurada, minha hipótese de que o toxicômano não é um perverso. A idéia, evocada antes, de que o uso toxicomaniaco da droga impele o sujeito para uma posição em que este se faz instrumento do gozo do Outro pressupõe, justamente, pensar como acontece a inclusão desse uso nas particularidades próprias do circuito fantasístico do sujeito.

Para mim, a lógica utilitarista em jogo na toxicomania resulta ao contrário, daquela que se faz presente na perversão, de uma espécie de economia, ou melhor, de um atalho nos caminhos da fantasia. Esse jogo produz-se ao inverso de todo ato perverso, que exige a presença do objeto da fantasia, objeto que, evidentemente, inclui a castração, por meio de algum traço advindo do registro fálico.

E mais adiante o autor acrescenta (Idem, Ibidem, p.173):

Opondo-se à complexidade peculiar ao uso perverso da fantasia, o aspecto iterativo das condutas rituais dos toxicômanos beira a monotonia. O fio da argumentação até esse ponto, leva-me a considerar o uso da droga no registro de uma perturbação do ato, configurada em função de um curto-circuito operado no gozo fálico. Nessa prisão celibatária do toxicômano em uma satisfação ruinosa, não se trata de uma formação de compromisso, mas de uma formação de ruptura com o gozo fálico. O aspecto crucial da dimensão do ato, nesse caso, não vai na direção de uma formação do inconsciente – como é o caso do ato falho-, mas reside no fato de que o sujeito, em seu ato, faz uma aposta sem o Outro.

Em outras palavras, a vontade de se drogar, muitas vezes denominada de fissura pela droga, nada tem a ver com a vontade de gozo característica da posição do sujeito no circuito

pulsional da perversão. O toxicômano na sua relação de gozo com a droga, que não pode ser elevada à categoria de objeto *a*, prescinde do Outro e curto-circuita a fantasia, porque através do ato de intoxicação, ele rompe com o gozo fálico para gozar de forma auto-erótica, obtendo uma satisfação direta droga-corpo experimentada como dessexualizada.

Fora as questões teóricas aqui desenvolvidas, remeto-me à experiência de atender durante um ano pessoas com problemas com álcool e drogas no CAPSad Raul Seixas, na qual foi possível tratar alcoólatras e toxicômanos graves com estrutura psicótica, neurótica e perversa. O uso da droga e do álcool muitas vezes mascara a estrutura, sendo necessário por vezes um tempo relativamente longo de entrevistas preliminares até ser possível um diagnóstico estrutural adequado.

Para finalizar, acredito poder afirmar que a toxicomania não é um sintoma, já que é uma formação de ruptura, e no sintoma freudiano trata-se de uma formação de compromisso. Só se pode pensar a toxicomania como sintoma quando se diz que ela é um sintoma social. Neste caso, não se pode considerá-la uma estrutura. A toxicomania é transclínica, pois pode ser encontrada em todas as estruturas. Além disso, apesar de parecer foracluir o Nome-do-Pai, não é necessariamente uma psicose. Se por um lado desmente a castração, há que se considerar a ruptura com a fantasia, sem ser, assim, uma perversão. Também não se trata de uma neurose, pois em determinados casos não entra em jogo a questão sexual.

CAPÍTULO II

A DROGA COMO UM OBJETO MAIS-DE-GOZAR PARTICULAR

Este capítulo tem por objetivo destacar algumas das mais importantes elaborações freudianas e lacanianas sobre o objeto para tentar pensar a partir delas o estatuto do objeto droga na toxicomania, questão que se revela de extrema importância para esta Dissertação. Inicialmente, ela incluirá a análise de alguns textos freudianos fundamentais referentes à constituição do eu³ como corpo erotizado. Será enfatizado o objeto desde como ele se apresenta nos primórdios de sua construção, ou seja, tomando-se o eu como um objeto interno ao sistema neuronal; o eu investido pela libido narcísica e suas funções identificatórias; e, finalmente, o eu como instância psíquica em sua relação com os objetos.

Em seguida destacarei as contribuições de Lacan extraídas de seu ensino falado e escrito referentes às mudanças ocorridas na teorização do objeto *a* analisadas a partir da relação do sujeito com o Outro, o que se convencionou chamar de o primeiro ensino de Lacan. Portanto, dividirei as etapas de construção do objeto *a* em face de alguns temas: a dialética da intersubjetividade, a teoria do significante, a construção de grande parte dos matemas, e a teoria dos discursos.

2.1. Algumas considerações sobre o objeto na teoria freudiana

Os primórdios do conceito de objeto foram inaugurados por Freud ao escrever sobre um projeto que se prestava a responder ao cientificismo do século XIX (1950[1895], p. 301). No “Projeto para uma psicologia científica”, o eu é apresentado como uma formação

³ Em referência à obra freudiana alemã *Studienausgabe* (FREUD, S. *Studienausgabe*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1975), sempre que forem utilizados os conceitos *Ich*, *Überich* e *Es* será adotada a tradução em português de eu, supereu e isso, seguindo a tradução oficial dos seminários lacanianos, conforme se lê na nota de rodapé 2 do tradutor de *O Seminário Livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (Milan *apud* Lacan, 1986, p. 333-4).

particular no interior do sistema mnésico, um objeto interno, cuja ação é marcada pelas funções de inibição e defesa investidas pela energia do aparelho psíquico. O ser humano nasce sob uma condição de desamparo, de forma que seu organismo ainda não é capaz de realizar uma “ação específica” que elimine seu estado de necessidade. Neste caso precisa de um outro que lhe auxilie nesta tarefa.

Ela [a ação específica] se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais. (Idem, Ibidem, p. 336)

Uma vez que a ação específica é efetuada pelo auxílio do outro, resta ao desamparado realizar em seu próprio corpo, através de dispositivos reflexos, a atividade necessária para remover o estímulo interno. A conclusão deste processo é a experiência de satisfação. A descarga proveniente da experiência de satisfação produz facilitações entre os neurônios Ψ e as imagens mnêmicas do objeto e da ação específica que se tornam catexizados em estado de urgência de desejo. Este estado de urgência pode ser compreendido como uma tentativa de reproduzir a experiência de satisfação. Devido à impossibilidade desta reprodução, resta a alucinação do objeto perdido, que em si mesma não produz satisfação. Freud afirma:

Não tenho dúvida de que na primeira instância essa ativação do desejo produz algo idêntico a uma percepção – a saber, uma alucinação. Quando uma ação reflexiva é introduzida em seguida a esta, a conseqüência inevitável é o desapontamento (Idem, Ibidem, p. 337).

É para impedir o desprazer decorrente deste desapontamento que uma formação do sistema Ψ se diferencia, formando o eu que tem como uma de suas funções inibir o desejo quando se trata de um objeto alucinado, dificultando a passagem de energia que inicialmente foi acompanhada de satisfação.

Dez anos depois, ao escrever sobre sua teoria da sexualidade (1905, p. 120), Freud define o auto-erotismo como estado original da sexualidade, no qual a pulsão sexual encontra satisfação sem recorrer a um objeto externo. A satisfação acontece através da ligação com um órgão ou à excitação de uma zona erógena. E deixa claro também que, antes da fase auto-erótica, a pulsão se satisfaz por “apoio” na pulsão de auto-conservação; e o auto-erotismo é descrito como um momento posterior em que surge a sexualidade humana como tal. Desta

maneira, a pulsão sexual se constitui como um para além do instinto, ou seja, a pulsão é o que excede o conjunto dos instintos.

Com relação ao objeto, Freud (Idem, Ibidem, p. 149) refere-se a um afrouxamento dos laços entre o objeto e a pulsão, e o caráter de independência desta última em relação ao primeiro. A pulsão não está ligada a nenhum objeto específico e não é determinada por ele. A definição freudiana para o objeto de uma pulsão enfatiza que a relação da pulsão com o objeto se dá no sentido de obter satisfação. Assim, o objeto da pulsão se diferencia de um objeto instintual pré-fixado, uma vez que constitui o que há de mais plástico na pulsão.

O objeto perdido do desejo se destaca de um objeto de pura necessidade, uma vez que implica em uma decodificação desta necessidade, que é feita por aquele que cuida da criança, como afirma Freud (Idem, Ibidem, p. 228-229):

Em uma época em que os inícios da satisfação sexual ainda estão vinculados à ingestão de alimentos, a pulsão sexual tem um objeto sexual fora do corpo do próprio infante, sob a forma do seio da mãe. Somente mais tarde é que a pulsão perde esse objeto, bem na época, talvez, em que a criança pode formar uma idéia total da pessoa a quem pertence o órgão que lhe está dando satisfação total. Via de regra, a pulsão sexual torna-se então auto-erótica, e não é senão depois de atravessado o período de latência que a relação original é restaurada. Há, portanto, bons motivos para que uma criança que suga o seio da mãe se tenha tornado o protótipo de toda relação de amor. O encontro de um objeto é, na realidade, um reencontro dele.

Quando neste texto Freud (Idem, Ibidem, p.187) descreve o ato auto-erótico da criança de sugar o dedo, ele faz uma alusão importante ao estudo do tema desta Dissertação, ou seja, ao alcoolismo e também ao hábito de fumar ao mencionar que:

Não é toda criança que suga desta maneira. Pode-se presumir que as crianças que assim agem são aquelas nas quais existe uma intensificação constitucional da importância erógena da região labial. Se esta importância persistir, estas mesmas crianças, quando crescem, tornar-se-ão epicuros do beijo, inclinar-se-ão ao beijo pervertido ou, se do sexo masculino, terão poderoso motivo para beber e fumar.

Anos mais tarde, no estudo sobre o narcisismo Freud (1914b, p. 83) introduz um aspecto crucial para a fixação do conceito do objeto e do eu na teoria psicanalítica. A nova teoria das pulsões introduzida por Freud não apenas confere ao objeto e ao eu um lugar diferenciado entre as pulsões sexuais e não sexuais como também confere as primeiras uma

maior abrangência. O narcisismo torna-se um conceito particular articulado com a estruturação do eu como podemos constatar quando Freud (Idem, Ibidem, p. 93) afirma que:

[...] uma unidade comparável ao ego não pode existir desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo.

É importante observar nesta citação que esta nova ação psíquica remete a abordagem das escolhas de objetos libidinais por parte do ser humano. A escolha de objeto narcísica refere-se ao indivíduo que ama o que é, o que foi, o que queria ser ou a pessoa que foi uma parte do seu próprio eu. Nestes quatro casos que ocorrem de forma concomitante, o ideal sexual faz parte de uma relação auxiliar com o eu ideal e o ideal de eu. O que o indivíduo ama segundo este tipo de escolha é o seu próprio eu, realizado inicialmente a partir do registro imaginário (eu ideal), se posso utilizar aqui a terminologia lacaniana, mas se trata de uma identificação da pessoa amada com seu ideal de eu, neste caso com o registro simbólico.

O outro tipo de escolha objetual é o anaclítico, que se caracteriza pelo fato de a escolha do objeto de amor recair sobre quem reproduz o modelo das figuras parentais, na medida em que estas forneceram à criança o sentido de um pai que protege e uma mulher que nutre. (Idem, Ibidem, p. 107) Segundo Freud, estes dois tipos de escolha amorosa não se apresentam independentes, enquanto puros, há uma interconexão permanente entre eles.

Ainda no texto sobre o narcisismo, Freud afirma que o homem, incapaz de renunciar à perfeição narcísica de sua infância, procura recuperá-la sob a forma de um ideal de eu. Para Freud o ideal de eu aponta para uma instância diferenciada resultante da convergência do narcisismo com a fonte parental e, mais ainda, a formação de um ideal por parte do eu é a condição do recalçamento (Idem, Ibidem, p. 111).

Nos textos posteriores ao do narcisismo, tais como “Luto e Melancolia” (1917 [1915], p. 271), “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921, p. 89), “O ego e o id” (1923a, p. 23) e “A Negativa” (1925a, p. 293), a questão indentificatória vai ser delineada de forma mais intensa, já que neles Freud aponta o lugar da identificação na constituição mesma do sujeito.

No primeiro dos textos acima mencionados, Freud se dedica a estabelecer as diferenças entre os mecanismos que definem o luto e aqueles que são próprios à melancolia. Para Freud, nos casos de melancolia, trata-se uma disposição patológica, ausente nos casos de luto. Nesses, findo o trabalho de enlutamento, que em muitos aspectos se assemelha à

melancolia, exceto pela ausência de uma enorme diminuição da auto-estima e de terríveis auto-recriminações, o eu se torna novamente disponível para novos investimentos objetais. Temos então uma perda datada e reconhecida que, depois, quando a libido se desloca, leva o sujeito a novas escolhas objetais.

Na melancolia, a perda pode não ser identificada. Esta referência à impossibilidade do melancólico reconhecer aquilo que foi perdido é destacada como a característica principal. O paciente tem consciência do que ou quem perdeu, mas não o que perdeu nesse alguém. “Isso sugeriria que a melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetal retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda”. E mais adiante: “No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego” (Idem, *Ibidem*, p. 278).

Portanto, no caso do luto dito neurótico, diante da perda objetal, uma vez realizada a sua elaboração, ocorre um deslocamento da libido para um outro objeto, enquanto que no luto melancólico, a libido objetal é direcionada para o eu, estabelecendo uma identificação do eu com o objeto abandonado. Segundo Freud (Idem, *Ibidem*, p. 281-282):

Existem, em um dado momento, uma escolha objetal, uma ligação da libido a uma pessoa particular; então, devido a uma real desconsideração ou desapontamento proveniente da pessoa amada, a relação objetal foi destruída. O resultado não foi o normal – uma retirada da libido desse objeto e um deslocamento da mesma para um novo -, mas algo diferente, para cuja ocorrência várias condições parecem necessárias. A catexia objetal provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o eu. Ali, contudo, não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma identificação do eu com o objeto abandonado. Assim a sombra do objeto caiu sobre o eu, e este pode, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado.

Dessa forma, uma perda objetal se transformou em uma perda do eu, e o conflito entre o eu e a pessoa amada, em uma separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação.

Para tal, deve haver duas pré-condições: uma forte ligação com o objeto amado e a pouca resistência de fixação da libido objetal. Estas pré-condições parecem contraditórias, a não ser que seja postulado um tipo de identificação que atenda a essas duas posições da libido. Esta identificação, Freud denomina identificação narcísica com o objeto, que substitui o investimento libidinal ao objeto, tornando-se a operação característica das afecções narcísicas: uma regressão de escolha objetal para o narcisismo primário.

Assim, a forma narcisista de escolha objetal é tomada como a escolha de objeto típica na melancolia. Tomando a incorporação como protótipo da identificação, o objeto é tratado nos moldes da oralidade, ou seja, é devorado e destruído, com a mesma violência com que o melancólico expressa suas acusações e lamentos.

Freud aponta neste texto também para a mania, como sendo a outra face da melancolia, ou seja, ambas fazendo parte do mesmo complexo. A mania é uma figura do triunfo do eu. Freud (Idem, Ibidem, p. 287) afirma:

Podemos aventurar-nos a afirmar que a mania nada mais é do que um triunfo desse tipo; só que aqui, mais uma vez, aquilo que o ego dominou e aquilo sobre o qual está triunfando permanecem ocultos dele. A embriaguez alcoólica, que pertence à mesma classe de estados, pode (na medida em que é de exaltação) ser explicada da mesma maneira: aqui, provavelmente, ocorre uma suspensão, produzida por toxinas, de dispêndios de energia na repressão.

E mais adiante: “O fato é que a condição econômica na mente do indivíduo, mencionada acima, foi atendida, sendo essa a razão por que ele se acha tão animado, por um lado, e tão desinibido em sua ação, por outro” (Idem, Ibidem). Parece, então que na mania, assim com nas situações de embriaguez, o eu supera a perda do objeto, seu luto ou o próprio objeto e libera toda a quota de energia que se encontrava retida no eu.

Alguns anos mais tarde, no texto “Psicologia de Grupo e Análise do Eu” (1921, p. 89) a questão que Freud se coloca é a de saber como o indivíduo civilizado sofre modificações quando faz parte de uma multidão. Diferente dos psicólogos de sua época que procuravam explicações pela via do comportamento humano, Freud se utiliza de sua prática da transferência, da ambígua ligação entre a psicanálise e a hipnose e principalmente de sua teoria da libido. Esta última, assim como abordada neste texto possibilita uma ampliação da compreensão do eu pela via das identificações. O próprio eu passa a ser entendido como se constituindo a partir de identificações. Tanto que o sétimo capítulo deste texto propõe três formas de identificação; a primeira chamada identificação primária se dá com o pai da pré-história do complexo de Édipo. Pode-se dizer que se trata de uma incorporação do pai que assinala o querer-ser-o-pai e o instaura como ideal, sendo eminentemente ativa. Trata-se da ligação afetiva mais precoce, contribuindo para preparar o menino para o complexo de Édipo, ou seja, para a organização das pulsões, enquanto investimento de objeto ativa e passivas, heterossexuais e homossexuais, ternas e odiosas. Essa identificação prepara o caminho para a

rivalidade posterior e o conflito da relação do ter o falo característico dos complexos de Édipo e de castração (Idem, *Ibidem*, p. 133-134).

A segunda forma de identificação é fornecida pela análise das neuroses: é a identificação produtora dos sintomas. Para exemplificá-la, Freud recorda, no caso Dora, sua identificação com a mãe através do catarro com o qual a mãe sofre; traduz ao mesmo tempo a rivalidade culposa, a hostilidade (tomar seu lugar) e a punição (sofrer da mesma forma). Sua tosse nervosa referida ao pai significa a ligação edípica positiva (ser o objeto amado), mas com autopunição (estar doente). Essas identificações são apropriações de traços do objeto de rivalidade ou de amor e se dão por meio de uma regressão dos investimentos de objeto, para garantir o recalçamento desses últimos. De fato, são identificações com um único traço do objeto.

A terceira forma de identificação fornece ainda outra via para a formação de sintomas. Pode ter lugar sem que haja um investimento de objeto prévio. Freud dá o exemplo de uma moça que, ao testemunhar a crise histérica de sua colega desencadeada pelo recebimento da carta de seu namorado, foi tomada por uma crise análoga. A percepção de um ponto em comum inconsciente (desejo sexual recalçado) fomenta uma expressão distorcida desse desejo sob a influência da culpabilidade que transforma a identificação de desejo em sofrimento. Essa identificação é freqüente nos grupos e é o ponto de partida para laços de amizade e de competição.

Freud (Idem, *Ibidem*, p. 136) resume as três identificações acima descritas da seguinte forma:

[...] primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio da introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto do instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço.

No texto de 1923 “O Eu e o Isso”, Freud delinea a segunda tópica, onde o eu ganha o estatuto de lugar psíquico (instância). É importante destacar que este texto está sustentado pelo que se produziu em “Mais além do princípio de prazer”, em 1920, quando ocorreu uma verdadeira modificação na teoria das pulsões. Nele Freud estabeleceu o conceito de pulsão de

morte, criando o célebre dualismo pulsional, sob a denominação de *Thanatos* (pulsão de morte) e *Eros* (pulsões de auto-conservação e pulsões sexuais).

A partir disto, ocorre uma mudança na construção do modelo do aparelho psíquico de forma que o inconsciente deixa de ser uma instância, ao lado do pré-consciente e do consciente, para ser uma qualidade das três novas instâncias, eu, supereu e isso. O eu passa então a servir a três senhores: ao isso, ao supereu, e ao mundo externo. Tendo se originado a partir das pulsões emanadas do isso, e em sua relação com o mundo externo, Freud dará ao eu um estatuto de superfície corporal, além de projeção de uma superfície.

Um outro fator, além da influência do sistema *Pcpt.*, parece ter desempenhado papel em ocasionar a formação do ego e sua diferenciação a partir do id. O próprio corpo de uma pessoa e, acima de tudo, a sua superfície, constitui um lugar de onde podem originar-se sensações tanto externas quanto internas. Ele é *visto* como qualquer outro objeto, mas, *ao tato*, produz duas espécies de sensações, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna (1923a, p. 39).

Observa-se que neste texto, para além da abordagem que até então vinha sendo apresentada do eu como um objeto de identificação e investimento, Freud valorizará o eu em suas relações com o objeto, ou seja, como o lugar de onde os objetos são investidos pelas pulsões. Neste contexto, ele (Idem, *Ibidem*, p. 43-44) afirma que o eu é um precipitado de investimentos objetivos abandonados, sendo uma síntese da história dessas escolhas de objeto.

A idéia do eu como uma superfície corporal destaca a relação do eu com o outro, na medida em que Freud enfatiza a inclusão do outro na constituição psíquica do eu passando de uma superfície a uma projeção. “O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície” (Idem, *Ibidem*, p. 40).

Freud acrescentou uma nota de rodapé que elucida melhor esta passagem, considerada bastante densa:

Isto é, o ego em última análise deriva das sensações corporais, principalmente das que se originam da superfície do corpo. Ele pode ser assim encarado como uma projeção mental da superfície do corpo, além de, como vimos acima, representar as superfícies do aparelho mental (Idem, *Ibidem*).

O corpo como superfície projetada oferece uma nova forma de conceber as zonas erógenas, de onde emanam as pulsões para os objetos, e de onde o corpo é erogeneizado pelo

outro, diferente da concebida em 1915 em “As pulsões e suas vicissitudes”. Neste texto, as zonas erógenas, como fontes pulsional, funcionavam como ponto de saída e retorno do impulso no corpo, mesmo levando em consideração a parcialidade do objeto e a impossibilidade de satisfação. Ao tomar o eu como superfície projetada, será pelo desencontro entre a tensão na zona erógena e a satisfação parcial através de um objeto que se constituirá no eu a dimensão pulsional.

Finalmente, no texto “A negativa”, de 1925, ao trabalhar a idéia de negação como o substituto intelectual do recalque, Freud aborda os juízos de atribuição e existência para demonstrar a forma pela qual o eu se delimita nas relações com o outro e o objeto, e, em uma perspectiva lacaniana, também com o Outro. Através do juízo de atribuição, o eu distingue o que considera de um objeto bom e um objeto mau para incorporar o primeiro e ejetar o segundo, delimitando o eu e o não-eu, de tal maneira que: “aquilo que é mau, é estranho ao eu, e aquilo que é externo é para ele primeiro idêntico⁴”. (Freud, 1925a, p.374).

Tal qual apresentado no “Projeto para uma psicologia científica”, ao trabalhar a noção de *complexo do próximo*, Freud delimita que há um objeto excluído do juízo quando da constituição do eu. Este objeto é a Coisa, *das Ding*, não passível de ser introjetada. O que se tem acesso é relativo ao corpo.

O complexo do ser humano semelhante se divide em dois componentes, dos quais um produz uma impressão por sua estrutura constante e permanece unido como uma *coisa*, enquanto o outro pode ser *compreendido* por meio da atividade da memória – isto é, pode ser rastreado até as informações sobre o próprio corpo [do sujeito] (1950[1895], p. 348).

No texto em questão, o conceito de a Coisa será retomado pela via do juízo de atribuição, sendo considerada aquilo que do outro é estranho e precisa, portanto, ser mantido à distância. O juízo de atribuição garante, ao expulsar o objeto mau, que o eu seja capaz de criar representações. Logo, a Coisa está perdida de saída na constituição do eu. O eu lida somente com representações, as quais o juízo de existência poderá ou não redescobrir na percepção. As representações, que se originam de percepções e repetições das mesmas, apontam que há algo do objeto que pôde ser incorporado ao eu, e também algo que se mantém aquém de

⁴ “Aquilo que é mau, que é estranho ao ego, e aquilo que é externo são, para começar, idênticos” (Freud, 1925, p. 297).

representação, delineando o campo do sujeito e do outro, ou, nas palavras de Freud (1925a, p. 298), o subjetivo e o objetivo:

A antítese entre subjetivo e objetivo não existe desde o início. Surge apenas do fato de que o pensar tem a capacidade de trazer diante da mente, mais uma vez, algo outrora percebido, reproduzindo-o como representação sem que o objeto externo ainda tenha de estar lá. Portanto, o objetivo primeiro e imediato do teste de realidade é não encontrar na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas *reencontrar* tal objeto, convencer-se de que ele está lá.

Como foi demonstrado, através deste percurso de delimitação do conceito de objeto em Freud, o objeto que satisfaz a pulsão, desde sempre, está perdido. No entanto, é esta perda que dá lugar à representação de objeto que atende ao circuito pulsional, trazendo alguma satisfação, ainda que parcial. Neste sentido, qualquer objeto serve, inclusive, como foi estudado através da teoria sobre o narcisismo, o próprio eu pode ser objeto de investimento, sendo esta a própria via de sua construção. Através dos processos de identificação se pode passar do auto-erotismo às relações de objeto.

2.2. O objeto na teoria da intersubjetividade de Lacan

No entanto é Lacan que, em 1949, irá retomar a teoria freudiana sobre o eu para elaborar o momento da história do ser humano no qual este forma para si uma representação de sua unidade corporal, por identificação com a imagem do outro, seu semelhante (1949, p. 96). Pode-se ler, com Lacan (1954-55, p. 63), que Freud não confunde o eu com o sujeito, uma vez que: “Tudo que Freud escreveu tinha por meta restabelecer a perspectiva exata da excentricidade do sujeito em relação ao eu”. Tanto que ele se pergunta como fica o eu e responde que o eu não é mais do que um objeto (Idem, Ibidem, p. 69), um objeto que se estrutura como imagem do corpo do sujeito (Idem, Ibidem, p. 212). Tanto o eu como o semelhante são passíveis de especularização, diferente do objeto *a* que Lacan irá conceitualizar posteriormente em sua teoria, que tem por característica justamente não ser especularizável, como será tratado mais adiante ao trabalhar *O Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63).

Lacan utiliza a etologia para demonstrar a função da imagem: o animal a obtém através da especularidade com o semelhante, fazendo coincidir o objeto e a imagem; há, portanto, um esgotamento na imagem já que a relação com o automatismo dos reflexos

especulares encontra eco na prévia inscrição estritamente imaginária, o que permite obter a certeza de sua própria imagem. No texto sobre o *Estádio do Espelho*, Lacan exemplifica esta questão da seguinte forma: “[...] a maturação da gônada na pomba tem como condição necessária a visão de um congênere, não importa de qual sexo – e uma condição tão suficiente que seu efeito é obtido pela simples colocação do indivíduo ao alcance do campo de reflexão de um espelho” (Lacan, 1949, p. 99).

Nos primeiros seminários, se encontra a notação *a* representando o pequeno outro, o semelhante, primeiro objeto de desejo e de identificação. Assim, neste primeiro tempo da construção do objeto *a* na obra de Lacan, ele deve ser situado em relação ao *Estádio do Espelho*, através do qual a criança constitui ao mesmo tempo seu eu e seus objetos em uma relação especular e transitiva dominada pela reversibilidade dos termos. Daí denominar este período de dialética da intersubjetividade.

Para o ser falante, o reflexo no espelho se dá pela via da identificação imaginária na medida em que é estruturada a partir do simbólico que a antecede. O corpo despedaçado encontra sua unidade na imagem do outro – que é sua própria imagem antecipada – situação dual em que se esboça uma relação polar, porém não simétrica (Lacan, 1954-55, p.74). Assim pode-se dizer que, no ser falante, será de seu lugar não marcado que ele fará uma primeira identificação imaginária ao outro, seu semelhante, através da qual obterá um eu ideal. Para Lacan, inicialmente, esta primeira identificação corresponde ao *Ideal Ich* freudiano, termo que designa o investimento libidinal próprio a esse momento. Porém, na seqüência dos Escritos, ele não manteve esta afirmação. “Deixamos em sua singularidade a tradução que adotamos neste artigo para o *Ideal Ich* de Freud, sem lhe dar maiores motivos, acrescentando que não a mantivemos desde então.” (Idem, 1949, p.97, NR. n°. 2).

Neste estádio, ocorre à assunção de uma imagem que, ao mesmo tempo em que se constitui um esboço do eu, marca também a perda de si mesmo. Tal perda corresponde à primeira de uma série de alienações, de tal modo que, quando o indivíduo procura a si mesmo, encontra a imagem do outro. Assim sendo, o narcisismo não é uma relação com o si mesmo senão através de um outro com o qual o indivíduo se identifica e se aliena. Neste ponto, pensar em uma individualidade, torna-se difícil na medida em que não há distinção entre o si e o outro: tem-se apenas uma demarcação do próprio corpo. Não é por acaso que Lacan (1949, p. 97-98) afirma que:

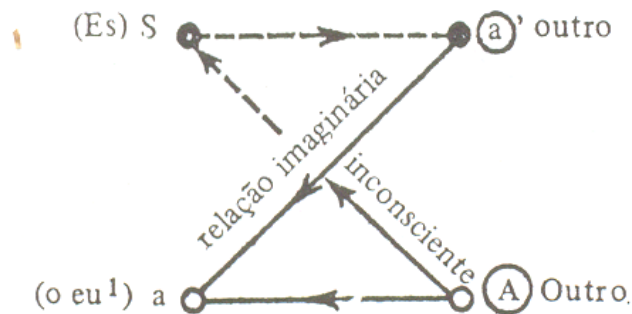
A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de infans parecer-nos-á pois manifestar, em uma situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita em uma forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito.

Essa forma, aliás, mais deveria ser designada por eu-ideal, se quiséssemos reintroduzi-la em um registro conhecido, no sentido em que ela será também a origem das identificações secundárias, cujas funções reconhecemos pela expressão funções de normalização libidinal.

Para Lacan (1954-55, p. 306), o eu, portanto, é uma construção imaginária, o que se mostra ainda mais evidente em *O seminário, livro: 2 O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, quando apresenta o Esquema L da dialética intersubjetiva, introduzindo um novo ânimo ao *Estádio do Espelho*. Este Esquema foi proposto por ele para ilustrar as questões levantadas acerca do eu e do outro, assim como sobre a linguagem e a fala. Seu intuito era criticar a redução feita pelos analistas pós-freudianos a partir da leitura equivocada da noção de eu na obra freudiana, principalmente em “O Eu e o Isso”, somente enquanto uma instância do aparelho psíquico. Isto acarretou uma prática baseada principalmente na relação imaginária entre o analisando e o analista, este último colocado como ideal do primeiro.

Ao contrário, a proposta do dispositivo analítico sustentada neste momento do ensino lacaniano parte da relação imaginária entre o eu e o outro: o analisando se reportando inicialmente ao analista no lugar de outro. No entanto, o analista em vez de se apegar a este lugar, se coloca para o analisando pela via do Outro simbólico, ou seja, enquanto depositário dos significantes inconscientes. Com isso, a relação imaginária é cortada pela linguagem, dando lugar ao sujeito barrado, inaugurando o sujeito analítico.

No Esquema L, existem quatro lugares designados por letras: *a* correspondendo ao eu, *a'* ao outro especular, *A* ao Outro simbólico, e, finalmente, *S* ao Es, que é o ser que ainda não passou pelo processo de construção de sujeito enquanto $\$$. Em um primeiro plano, temos a relação imaginária entre *a*–*a'*; em um segundo plano, encontra-se a dimensão do Outro que opera no sentido de fazer advir o sujeito no lugar do isso, possibilitando o surgimento do sujeito do inconsciente, $\$$.



Entre o primeiro e o segundo plano deste Esquema, em função do “muro da linguagem” (1954-55, p. 307), observa-se uma dessimetria estrutural entre o que se diz e o que surge a partir deste dito. É neste sentido que é possível compreender a célebre assertiva freudiana *Wo Es war, soll Ich werden* (Freud, 1933[1932], p. 102), ou seja: *onde o eu estava, o isso deve advir*.

Lacan (1954-55, p. 307) traduz esta questão ao dizer que, ilustrando-a a partir do Esquema L e referindo-se aos lugares que o compõem:

É o sujeito, não em sua totalidade, porém em sua abertura. Como de costume, ele não sabe o que diz. Se ele soubesse o que diz não estaria aí [em baixo, à esquerda]. Ele estaria ali, em baixo, à direita.

Claro que não é aí que ele se vê – isso nunca ocorre – nem mesmo no fim da análise. Ele se vê em *a*, e é por isso que ele tem um eu. Pode acreditar que este eu seja ele, está todo mundo nesta, e não há meio de sair.

Em acréscimo ao fato do sujeito não saber o que diz, Lacan (Idem, Ibidem, p. 308) apresenta a problemática do sujeito não saber o que é, na medida em que, em função da identificação especular, ele se vê do lado do outro, como uma imagem que, no entanto, apresenta uma precariedade “devido ao caráter fundamentalmente inacabado da *Urbild* especular, que é não apenas imaginária, mas também ilusória”. Esta imagem primordial se constitui como um revestimento à hiância entre o eu e o outro, assim como entre o sujeito e o Outro, pois algo escapa à possibilidade de uma imagem de si totalizada na constituição do sujeito.

Além disso – e seguindo a teoria lacaniana –, é a partir da castração simbólica que ocorre a passagem do narcisismo primário para o secundário, em outras palavras, do eu ideal

para o ideal de eu. Esta passagem é possível através da identificação simbólica e pela equivalência metafórica com o Ideal do Outro, I(A), portador do nome, da Lei, que fornece ao vazio um lugar constituinte para o sujeito.

O narcisismo secundário permite ao homem situar sua relação imaginária e libidinal ao mundo em geral: é o que lhe permite se ver no seu lugar e estruturar, em função desse lugar, seu ser, seu ideal de eu. Lacan (1953-54, p.159) afirma:

O desenvolvimento do eu consiste em um afastamento do narcisismo primário e engendra um vigoroso esforço para reganhá-lo. Este afastamento faz-se por meio de um deslocamento da libido para um ideal de eu imposto pelo exterior, e a satisfação resulta da realização desse ideal. O eu passa então por uma espécie de afastamento, um meio-termo, que é o ideal, e volta em seguida para a posição primitiva.

O ideal de eu é que vai comandar o jogo de relações de que depende toda a relação a outrem, fornecendo o caráter satisfatório da estruturação imaginária, como afirma Lacan, pontuando a *Verliebtheit*, o apaixonamento. “A *verliebtheit* é fundamentalmente narcísica. No plano libidinal, o objeto nunca é apreendido senão através do crivo da relação narcísica” (1954-55, p.213).

Portanto, no início do primeiro ensino de Lacan, além do eu ser a imagem do outro, é em função da relação do sujeito ao Outro que se apreende a função do desejo. Por um lado, “é no outro, pelo outro, que o desejo é nomeado. Entra na relação simbólica do eu e do tu, em uma relação de reconhecimento recíproco e de transcendência, na ordem de uma lei já inteiramente pronta para incluir a história de cada indivíduo” (1953-54, p. 206). Porém, o desejo tem uma dimensão mortífera, pois, ao se dar do lado do sujeito, coloca em jogo o despedaçamento narcísico; se ele permanece em sua plenitude narcísica, o desejo é apreendido do lado do Outro que o aliena e o desapropria de seu desejo. Ou seja, sem a mediação simbólica, a coexistência humana torna-se impossível. Desde então, o desejo do homem entra pela mediatização da linguagem, sustentando-se nela. Assim se pode afirmar que neste período, apesar de Lacan estar dando ênfase à relação de objeto pela via imaginária e da intersubjetividade, ele não deixa de apontar que só o registro simbólico pode dar suporte ao imaginário.

As teorizações desenvolvidas neste item 2.2. são plenamente verificáveis em casos de toxicomanias, nos quais o sujeito alienado ao objeto droga se vê desapropriado de seu próprio desejo. Ao drogar-se, deixa momentaneamente de submeter-se ao Outro, mantendo-se em

uma relação predominantemente imaginária com o objeto. Só que, como adverte Lacan, isso não se sustenta, pois o sujeito, enquanto barrado, não pode se furtar aos efeitos do simbólico, mesmo que o tente através do ato de consumo repetitivo da droga. Fora isso, não se pode esquecer do que Freud (1930 [1929], p. 95) lembra em “O mal-estar na civilização”, ao apontar para os três fatores de infelicidade do homem, entre eles, o padecimento do corpo, que não permite a complementariedade imaginária entre sujeito e objeto.

É pela angústia suscitada pelas questões acima levantadas que se pode apostar em uma possibilidade de demanda de análise por parte de alguns toxicômanos. Como Lacan (1954-55, p. 211) adverte, para o ser falante em geral:

O objeto, para ele, nunca é definitivamente o derradeiro objeto, a não ser em certas experiências excepcionais. Mas este se apresenta, então, como um objeto do qual o homem está irremediavelmente separado, e que lhe mostra a figura mesma de sua deiscência dentro do mundo – objeto que por essência o destrói, o angustia, que não pode alcançar, no qual não pode verdadeiramente encontrar sua reconciliação, sua aderência ao mundo, sua complementariedade perfeita no plano do desejo.

Ou seja, é quando o encontro da droga falha por algum motivo que alguns toxicômanos, pela via da angústia, vêm vacilar sua relação imaginária, *i* (a), desvelando a estrutura do desejo enquanto tal, que surge alguma possibilidade de endereçamento pela fala a um analista ou instituição de tratamento.

2.3. O objeto na teoria do significante de Lacan

A teoria do significante foi introduzida por Lacan em “Função e campo da fala e da linguagem” (1953, p.238) e desenvolvida ao longo de diversos seminários e escritos. A lógica do significante parte do axioma: o significante não significa nada por si só e representa o sujeito para outro significante. A primeira frase corresponde ao algoritmo lacaniano que se constitui a partir do tratamento que Lacan faz incidir sobre o signo saussuriano no qual o significante lacaniano rompe com o conceito de significante da lingüística estrutural.

Ferdinand de Saussure cria a lingüística estrutural a partir de uma teoria do signo. Para ele, o signo não une uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta abordagem situa o signo como resultado da união entre significante (imagem acústica) e significado (conceito) (1995, p.80). Esta união é definida como arbitrária, porque a associação

entre um significante e um significado não advém de nenhum vínculo natural, necessário, pois um significante não pode ser pensado separado do seu significado; e, finalmente, indissociável, porque uma vez operada na língua, a união entre significante e significado não se desfaz.

A teoria da relação arbitrária entre significado e significante admite a idéia de que o significante tem por função representar o significado de tal forma que existem diversas línguas que representam os mesmos conceitos por intermédio de diferentes sons, como também a multiplicidade de significados que um mesmo significante representa. Destas formulações surge a representação do signo saussuriano: significado/significante.

Lacan desconstrói a articulação saussuriana, uma vez que coloca o signo como obstáculo ao significante, e criando o célebre algoritmo: Significante/significado. Propõe a autonomia do significante, destruindo a idéia do vínculo necessário e da relação bi-unívoca entre ambos. Lacan dará uma enorme ênfase à barra, que passa a indicar resistência, impossibilidade da associação entre significante e significado.

No texto “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957, p. 496), por um lado, Lacan se serve da experiência do inconsciente que desvela a autonomia do significante. Por outro, também define o inconsciente como efeito do significante, ou seja, o inconsciente é o nome que Freud dá aos efeitos do significante sobre o sujeito: “[...] é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente” (Idem, *Ibidem*, p. 498).

O significante representa um sujeito para outro significante – o aforismo – advém dele ser pensado como um elemento da cadeia significante. Lacan se serve da lingüística estrutural, principalmente da teoria do valor de Saussure (1995, p.133-139).

A leitura de Lacan faz sobressair a dimensão do significante esvaziado do significado e posto em relação com outro significante. A duplicação do significante na relação binária S_1 - S_2 faz a diferença em relação à teorização saussureana. Esta argumentação impõe a primazia do campo significante organizado por uma lei – a lei da diferença sexual que foi tratada por Lacan de forma diferenciada daquela utilizada por Saussure em seu célebre exemplo sobre o homem e a mulher. Para Lacan a diferença sexual se inclui na lei da castração: um lugar oposto ao outro (homem diferente de mulher) simboliza a presença/ausência do falo. Neste momento do trabalho de Lacan, a dimensão do significante é, portanto, tributária da lógica fálica. É a lei da castração que organiza o encadeamento significante como tal. Como efeito

desse encadeamento tem-se o comparecimento do sujeito que se constitui como uma significação. O sujeito comparece como efeito de uma metáfora, que Lacan denomina de metáfora paterna.

Segundo Lacan, em “A Instância da Letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957), a metonímia apresenta a conexão dos significantes entre si, elidindo o significado e remetendo ao objeto do desejo sempre faltoso na cadeia ao se referir aos “trilhos eternamente estendidos para o desejo de outra coisa” (Idem, *Ibidem*, p.522).

Em *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente* (1957-58) encontram-se inúmeras elaborações de Lacan sobre a lógica do significante articulada às formações do inconsciente descritas por Freud. Ele mostra, por exemplo, a analogia freudiana entre a técnica dos chistes e os mecanismos de condensação e deslocamento. Através dessa análise, demonstra que o chiste faz surgir um elemento novo, o qual se caracteriza por escapar ao código e introduzir algo novo na mensagem que se deseja enviar ao Outro.

Para demonstrar a oposição entre código e mensagem, Lacan esclarece o deslizamento do significante e do significado, representando dois estados do significante: o da cadeia e o do discurso. A cadeia se dá ao nível dos fonemas sendo permeável aos efeitos da metáfora e da metonímia; enquanto que o círculo do discurso é constituído por semantemas, não correspondendo, de maneira unívoca, ao significado e sendo definido por seu emprego. Portanto, no círculo do discurso é onde se tem a menor criação de sentido. (Idem, *Ibidem*, p. 20-21)

A teoria de Roman Jakobson – um lingüista que surgiu após Saussure – serviu para Lacan dar consistência à relação entre inconsciente e linguagem, possibilitando o estabelecimento de um paralelo entre a condensação e o deslocamento e as figuras da retórica clássica, metáfora e metonímia. A condensação será entendida como um processo metafórico que trata da substituição de vários significantes por outro significante em um processo de superposição. Enquanto o deslocamento é um processo no qual ocorre um remetimento a outro significante, o que é denominado de metonímia. Esta manifesta a resistência da significação – que já foi mencionada nesta Dissertação quando se abordou a importância da barra no algoritmo lacaniano S/s. Por outro lado, a metáfora coloca em causa a emergência da significação pelo franqueamento da barra. (Idem, *Ibidem*, p. 34-35).

O que importa destacar como ponto de valor extraído deste Seminário é que o objeto metonímico situa o “desejo de Outra coisa” (Idem, *Ibidem*, p. 182) que Lacan trabalha a partir de vários matemas.

Ao final de *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*, Lacan começa a construir o grafo do desejo. Para introduzi-lo, é importante lembrar que a linguagem pré-existe ao sujeito, determinando-o. Antes de nascermos já existe toda uma carga de expectativas, esperanças e anseios de nossos pais e familiares em relação a nós. Esta carga que nos precede permite marcas. Além destas expectativas, há desejos inconscientes que as permeiam e às quais aderimos singularmente, fazendo parte da estruturação psíquica de cada um. O desejo está completamente submetido à linguagem.

Apesar do ser falante viver em intensa busca de satisfação, o circuito pulsional só lhe permite obtê-la de forma substitutiva, cavando uma hiância, uma falha, que caracteriza o que é próprio do desejo, pois este está sempre em consonância com a pulsão. Esta falha estrutural na satisfação pulsional é o que permite a emergência do desejo. Ao se transmitir a linguagem também se transmite a falta, que a própria linguagem comporta. Toda demanda contém um desejo. Podemos dizer que a primeira demanda dirigida à criança é: deixe-se alimentar. Em particular esta demanda erotiza a boca, inaugurando a primeira incidência da pulsão parcial no corpo, a saber, a pulsão oral que inicia o mapeamento do corpo erógeno, o corpo pulsional.

No texto “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, Lacan (1960, p. 828) diz: “O desejo se esboça na margem que a demanda se rasga da necessidade: essa margem é a que a demanda, cujo apelo não pode ser incondicional senão em relação ao Outro, abre sob a forma da possível falha que a necessidade pode aí introduzir, por não haver satisfação universal.”.

A não correspondência entre o que o Outro pede e o que ele quer denuncia a falta existente nele. A demanda, assim como a pulsão, possui esta característica de circundar este vazio. É assim que Lacan em *O seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964, p.203) introduz as operações de alienação e separação que fundam a relação do sujeito ao Outro.

A entrada na ordem simbólica e a conseqüente criação do circuito da demanda porta o germe de uma falta na medida em que a toda demanda algo escapa, a satisfação não é completa, há um resto. O desejo está sempre à margem desta falta que a demanda instaura.

A cada vez que a criança mama, ela realiza na experiência de desmame, uma pulsão parcial. Isto porque, além do objeto ser parcial, não satisfazer totalmente, o próprio movimento da pulsão extrai o objeto do corpo do Outro, fazendo com que o objeto não pertença nem ao sujeito, nem ao Outro, fazendo que os dois fiquem em falta deste objeto.

A pulsão deve ser entendida em um movimento de atividade, de ação, em um movimento de ida e vinda (Idem, Ibidem, p. 159-160), circular, extraindo um pedaço do corpo do Outro; ao mesmo tempo em que, ao retornar para o sujeito, em uma pretendida satisfação, não satisfaz, no sentido em que um seio ilude uma criança faminta, mas não satisfaz um sujeito desejante.

Desde o momento em que Lacan se põe na via de construção do grafo do desejo, verificam-se várias construções lógicas em operação. Por exemplo, quando ele retoma a teorização do *Estádio do espelho*, focaliza o valor da *Urbild* em sua função de ficção do eu, ou seja, em seu caráter enganador e ilusório. Além disso, Lacan valoriza a imagem do corpo como algo que, concomitantemente, existe e não existe (1957-58, p. 233).

Esses pontos são de crucial importância para a presente Dissertação. A experiência clínica demonstra, inicialmente, que a relação do toxicômano com a droga visa reproduzir a primeira imagem de gozo da *Urbild*. Mesmo que, na singularidade do sujeito, a clínica tenha que se dirigir ao sintoma particular de cada um e à forma como a droga nele se inclui e/ou se relaciona, ela se esbarra com esta questão de difícil manejo.

As fórmulas do desejo introduzidas por Lacan nesse mesmo Seminário (Idem, Ibidem, p. 314), possibilitam outras interpretações quanto ao objeto. Elas serão mencionadas nesta Dissertação de forma pontual atendendo ao que se deseja aqui comentar. Em primeiro lugar, o matema S (\mathbb{A}), o significante do Outro barrado, que na clínica se traduz pelo enigma da falta do Outro e pelo desejo do sujeito aí se completar. Por isso Lacan introduz, no grafo a relação de vai-e-vem entre esse matema e o matema da pulsão/demanda, $\mathfrak{S} \diamond \mathbf{D}$, no eixo gozo-castração.

No tratamento das toxicomanias constata-se o valor de ambos os matemas e a incidência da significação fálica, sobre os mesmos. O neurótico, em sua relação com a droga, visa completar o furo do Outro e, desta forma, se ver livre dos limites de sua própria castração. Além disso, observa-se também que o lugar demandante em que ele se coloca revela certo rebaixamento da relação demanda-desejo, pois o que emerge é apenas a demanda à droga. Se em muitos casos estes sujeitos procuram os CAPSad como forma de aliviar o

sofrimento, percebe-se que é uma demanda muito mais dirigida pelo grande Outro simbólico, e até mesmo as repercussões advindas do Outro social, do que pela própria demanda ao tratamento.

Muitas vezes, eles são trazidos pela família, ou pelo parceiro conjugal, pois o casamento está em vias de se romper; ou então devido à dificuldade de trabalhar e conviver na vida familiar. Aliás, isto está claro em outros matemas que Lacan inclui na seqüência das fórmulas do grafo do desejo, ou seja, a incidência do Ideal do Outro, **I (A)**, sobre a demanda do sujeito e a relação de vai-e-vem entre este último ponto e as significações do Outro, **s(A)**.

Finalmente, as fórmulas lacanianas incluídas nesse Seminário, convergem para a questão do objeto em sua relação com o desejo pela via da fantasia, **§ ◇ a**. Nesse caso, o objeto-droga se constitui como **i (a)**, uma imagem do objeto que o sujeito tenta reencontrar. Se o objeto foi teorizado por Freud em “A negativa” (1925a, p. 298) e por Lacan (1956-57, p.13) pela via do objeto perdido que se trata de reencontrar, então, o que o toxicômano encontra é uma imagem de si como objeto, ou melhor, como droga. Em sua contingência de gozo, o toxicômano, ao proceder a um curto-circuito do objeto causa de desejo na fantasia, promove a droga como **i (a)**. Isso só pode ser realizado à custa do rompimento com o falo.

Nesse momento do ensino de Lacan, o falo é um operador que articula o registro simbólico aos complexos do Édipo e da castração a partir da dialética presença-ausência. Nesse registro, a presença do Outro se revela pelo lugar de tesouro dos significantes que emite as mensagens ao sujeito. Porém Lacan, em “A significação do falo” (1958a, p. 696-7), pontua que o falo não é o pênis, e sim um significante do sexo. Enquanto tal é do lugar do Outro que o sujeito tem acesso ao falo na condição de velado. De forma que, em termos da relação de objeto, o falo será sempre imaginário, apesar de se inscrever como o significante da diferença sexual para ambos os sexos.

A experiência fundamental para a criança é justamente descobrir que a mãe não tem o falo. A castração engendra a experiência do falo enquanto ausência, falta. Nesse processo introduzido pelo significante Nome-do-Pai, o sujeito se constitui enquanto falta-a-ser. “Aí se assina a conjunção do desejo, dado que o significante fálico é sua marca, com a ameaça ou a nostalgia da falta-a-ter” (Idem, Ibidem, p. 701). Por um lado, é a condição do desejo, por outro indica um resto, uma perda de gozo. Assim, na significantização do sujeito ou na sua simbolização – na medida em que ele é representado por um significante para outro

significante – há um resto perdido que não se inclui no encadeamento e, portanto, não pode ser significado.

A estrutura de todo o edifício teórico construído até então por Lacan sustenta-se na primazia do simbólico e no conceito de falta de objeto. Em *O seminário, livro 3: as psicoses*, Lacan havia apontado o buraco no simbólico que ele articula à impossibilidade de simbolização do sexo feminino, o qual “tem uma característica de ausência, de vazio, de buraco” (1955-56, p. 202).

No ano seguinte, em *O seminário, livro 4: a relação de objeto*, ele introduz os conceitos de privação e o de falta do objeto simbólico, este último como um efeito do significante, já que ao real nada falta (1956-57, p. 37-38). Conceber que o real poderia ser diferente do que é representa um efeito da ação do significante:

A própria noção de privação, tão sensível em uma experiência como aquela, implica a simbolização do objeto no real, nada é privado de nada. Tudo o que é real basta a si mesmo. Por definição, o real é pleno. Se introduzimos no real a noção de privação, é na medida em que já o simbolizamos bastante, e mesmo plenamente. Indicar que alguma coisa não está ali é supor sua presença possível, isto é, introduzir no real, para cobri-lo e perfurá-lo, a simples ordem simbólica (Idem, *Ibidem*, p. 224).

Ou ainda:

Quando digo que, em se tratando da privação, a falta está no real, isso quer dizer que ela não está no sujeito. Para que o sujeito tenha acesso à privação, é preciso que ele conceba o real como podendo ser diferente do que é, isto é, que já o simbolize. A referência à privação, tal como formulada aqui, consiste em situar o simbólico antes – antes que pudéssemos dizer coisas sensatas. Ela se opõe, assim, à gênese que nos é habitualmente dada do psiquismo (Idem, *Ibidem*, p. 54-55).

Neste sentido, a noção de privação implica uma referência à anterioridade e à primazia do simbólico. Assim, tudo o que é humano gira em torno dessa falta do objeto que o significante inaugura. Desta falta o falo é o significante.

2.3.1. O objeto causa de desejo

Apresento agora os principais aspectos teóricos da continuidade da construção do objeto *a* no ensino de Lacan; tanto seu comparecimento enquanto objeto metonímico do

desejo que corre infinitamente sob a cadeia significativa, como sua dimensão de engodo, já que o objeto do desejo não é outro senão a falta de objeto, simbolizada pelo falo. Cabe então abordar o objeto *a* como causa do desejo.

É exatamente porque o objeto é perdido que é possível criar o circuito da demanda. O próprio da pulsão parcial é produzir uma falta. Falta que o objeto *a* representa no sentido desta multiplicidade de objetos pulsionais que se reduzem a um denominador comum, à falta radical entre o sujeito e o Outro. Conforme Lacan, a pulsão, neste sentido cava o desejo, pois neste movimento circular a pulsão contorna o objeto *a*, e retorna para o sujeito (1964, p. 170). Através da pulsão este objeto é cavado, para ser o objeto que causa o desejo.

O encontro do sujeito com os significantes produz uma perda, porque ao sujeito não resta outra opção senão se alienar nos significantes do Outro, para poder se constituir como sujeito. É uma escolha forçada, com nos diz Lacan em *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (Idem, Ibidem, p.200), ao se reportar às operações de alienação e separação. Porque se ele escolher o ser, o sujeito desaparece, não resta a ele outra escolha que não seja a de se alienar nos significantes do Outro, produzindo assim a falta-a-ser. O sujeito tem que emergir em um campo que não é o seu, o dos significantes do campo do Outro. O sujeito fica sem poder saber o que na verdade ele é ou o que ele representa para esse Outro.

O sujeito pede este complemento do Outro, pede seu reconhecimento, mas o Outro não pode dar. Por mais que o desejo esteja ligado ao significante, isso não faz dele um significante. Mesmo sendo o desejo articulado, por estar na dependência do significante, ele jamais é articulável, pois não é dizível: o objeto *a*. Estas duas faltas – a do sujeito e a do Outro – em suas superposições é o que constituirá o objeto que Lacan formulará como sendo o objeto *a*.

Em *O seminário, livro 10: a angústia* (1962-63, p.169), Lacan diz que o desejo do Outro não me reconhece e nem me desconhece, ele não se dirige a mim, mas ele interroga minha existência, meu ser. Se por um lado ao Outro falta um significante, por outro, ao sujeito, há a falta-a-ser, fazendo com que o desejo do Outro coloque em causa este vazio do ser. O desejo do Outro causa mal-estar, angústia, fazendo com que se precipite algo da ordem do recalçamento.

O desejo, sendo esta falta radical no Outro, pelo menos para o neurótico, deve ser esquecido, recalçado. Mas, por que recalçamos?

Se afirmei anteriormente, a partir do que Lacan diz no texto “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960), que o desejo se constitui como desejo do Outro; o sujeito se defrontará com a pergunta *Che vuoi?* Que queres? É uma pergunta que revela a percepção do sujeito da falta existente no Outro, e vice-versa. A angústia está sempre em relação ao desejo do Outro, já que o desejo denuncia que ao Outro falta. Na perspectiva do neurótico, este Outro lhe demanda o preenchimento desta falta, que, ao ser suturada, provoca a angústia.

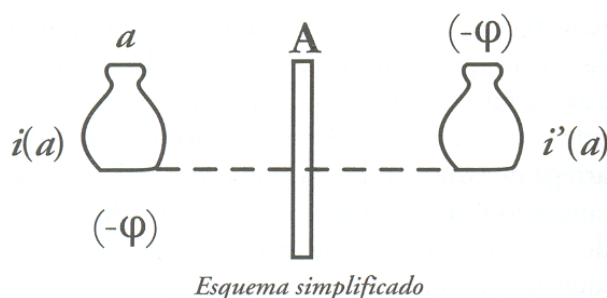
Lacan, em *O Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63, p.178), afirmará a existência de um objeto causador de angústia, já que para Freud a angústia não possui objeto, como é possível constatar em “Inibição, Sintoma e Angústia” (1926, p. 148-149). Ao contrário, Lacan (1962-63, p. 101) aponta que a angústia se sustenta nessa relação de não ser sem objeto, por isso se produz um sinal, um risco para o sujeito: de que a falta venha a faltar (Idem, *Ibidem*, p. 52).

Para Lacan (Idem, *Ibidem*, p. 103), há dois tipos de objetos com os quais o sujeito pode se relacionar: um especularizável, com o qual o sujeito pode se identificar, podendo ser situado ao nível da troca, no campo da partilha ou da posse; e outro não-especularizável, cuja constituição é anterior a estes outros objetos, fundando simultaneamente os campos do sujeito e do Outro. A lógica do objeto *a* baseia-se no fato de, ao comparecer do lado dos objetos comuns, gera angústia:

Esses objetos, quando entram livremente no campo em que não têm nada a fazer, o da partilha, quando nele aparecem e se tornam reconhecíveis, têm a particularidade de seus status assinalada a nós pela angústia. Com efeito, são objetos anteriores à constituição do status do objeto comum, comunicável, socializável. Eis do que se trata no *a*.

É preciso destacar que o objeto *a*, enquanto causa de desejo, encontra-se atrás, antes dos objetos comuns, como Lacan (Idem, *Ibidem*, p. 115) metaforiza. Assim, ele distingue a causa, ligada ao objeto *a*, da intenção, esta última somente pode ser referida à obtenção dos objetos partilháveis. O desejo não pode se confundir com a posse.

Lacan, retomando o Estádio do Espelho, sai do campo da intersubjetividade, *a-a'*, para inserir nele o objeto *a*. Nesse sentido, mostra que, a partir do eixo *i* (*a*)-*i'*(*a*), ou seja, da imagem especular, e desta mesma projetada no espelho do Outro, cai o objeto *a* causa de desejo.



Neste sentido, o objeto a orienta e polariza o desejo como causa. Apesar de se fazer presente, ele não pode ser caracterizado como um objeto qualquer, pois não é um objeto positivo, de troca. Pela sua ausência, ele indica uma presença, inapreensível, sempre situada em outro lugar, segundo a lógica da fantasia: $\$ \diamond a$.

No Esquema do vaso, Lacan colocará no lugar da falta o $(-\varphi)$, falo imaginário:

Ele lhes indica que aqui se perfila uma relação com a reserva libidinal, ou seja, com esse algo que não se projeta, não se investe no nível da imagem especular, que é irreduzível a ela, em razão de permanecer profundamente investido no nível do próprio corpo, do narcisismo primário, daquilo a que chamamos auto-erotismo, de um gozo autista. Em suma, ele é um alimento que fica ali para animar, eventualmente, o que intervirá como instrumento na relação com o outro, o outro constituído a partir da imagem de meu semelhante, o outro que perfilará sua forma e suas normas, a imagem do corpo em sua função sedutora, sobre aquele que é o parceiro sexual (Idem, Ibidem, p. 55).

Portanto, o objeto a é antes um resto da operação significativa, um resto inapreensível, que, entretanto, faz suas incidências sobre o sujeito. Ao se declinar em uma série de extrações corporais – seio, fezes, voz, olhar – em relação ao objeto perdido, representa a cada extração, o elemento não especularizável.

A angústia, diz Lacan (Idem, Ibidem, p.88), é o único afeto que não engana, a angústia traz uma certeza, que é a presença deste objeto a no lugar da falta, presença que leva Lacan a dizer que a única tradução subjetiva deste objeto é a angústia. Esta falta é simbólica, pois não há falta no real, a falta só é conhecida por intermédio do simbólico, o que faz com que se presentifique o que está ausente do simbólico, o objeto a , que é um resto da operação significativa, como já foi abordado anteriormente.

2.3.2. O objeto mais-de-gozar na teoria dos discursos

Agora que já foram levantados os principais aspectos do objeto *a* como causa de desejo, é possível questionar o objeto em jogo no gozo do toxicômano, partindo da conceituação do mais-de-gozar, ou seja, como ele irá comparecer na cultura a partir da lógica da mais-valia de Marx. Isto com o intuito de ilustrar a função de extração de gozo, situado ao lado da satisfação pulsional. Se por um lado, o objeto *a* como causa de desejo é entendido como aquilo que colocará o circuito pulsional em movimento, a concepção do mais-de-gozar enfatizará o retorno do circuito pulsional no corpo.

Torna-se necessário introduzir a teoria dos discursos e a modificação conceitual de *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Ali, Lacan chamou de *discurso* àquilo que condensou em quatro matemas para expressar o que Freud (1937, p. 282) apontou como sendo as maneiras de viver na cultura, todas tendo em comum a impossibilidade: governar, educar, analisar, e às quais Lacan acrescentou o fazer desejar. Daí surgiram os quatro discursos, respectivamente, do mestre, do universitário, do analista, e da histérica.

Alguns pontos fundamentais precisam ser destacados. Primeiramente, o fato de que todo discurso faz laço social, e mais ainda, são eles que estruturam todo e qualquer enlaçamento social. Em segundo lugar, há o estabelecimento de quatro posições fixas, que Lacan (1969-70, p. 19) considera um “aparelho de quatro patas”. Estas posições são a de agente, Outro, produção e verdade, nas quais irão girar os elementos fundamentais da estrutura psíquica, ou seja, o significante mestre (S_1), o saber do Outro (S_2), o sujeito ($\$$) e o objeto *a* como mais-de-gozar. Cabe lembrar que, enquanto matemas, há uma articulação entre a estrutura dos discursos com a aritmética, de forma que podemos dividir o discurso em dois campos que representam dois binômios constituídos por um numerador e um denominador, a saber: agente/verdade e Outro/produção.

Pelo surgimento do discurso psicanalítico com Freud foi possível destacar os demais discursos, pois, a cada vez que o discurso psicanalítico intervém, há a possibilidade de passagem de um discurso ao outro.

Um último ponto que é preciso destacar é que a partir deste momento do ensino lacaniano, haverá o destacamento da relação primitiva entre saber e gozo (Lacan, 1969-70, p.17). Segundo Miller (2000, p.98), é possível compreender esta inversão no ensino de

Lacan. Percebe-se que aquilo que foi tratado até *O Seminário 17* como “o que se veicula na cadeia significante é o sujeito barrado, a verdade, a morte, o desejo”; a partir de então passa a ser retraduzido como “o que se veicula na cadeia significante é o gozo” (Idem, *Ibidem*). Trata-se de repetição significante que vale como repetição de gozo. Quanto a isto, Lacan (1969-70, p.17), em *o avesso da Psicanálise*, diz muito claramente:

é na juntura de um gozo – e não de qualquer um, ele sem dúvida deve permanecer opaco –, é na juntura de um gozo privilegiado entre todos – não por ser o gozo sexual, pois o que esse gozo designa por estar na juntura é a perda do gozo sexual, é a castração –, é em relação à juntura com o gozo sexual que surge, na fábula freudiana da repetição, o engendramento daquilo que lhe é radical, e dá corpo a um esquema articulado literalmente. Tendo surgido S_1 , primeiro tempo, repete-se junto S_2 .

Isto ajuda compreender a inversão com relação ao gozo no ensino de Lacan. O que antes se encontrava do lado da Coisa em *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-60), e portanto como gozo impossível e fora de qualquer simbolização, na teoria dos discursos, e sobretudo em relação ao gozo discursivo, irá comparecer articulado ao significante.

Lacan retomará o conceito de repetição pela via do significante, formulando a noção de repetição significante valendo como repetição de gozo. A articulação significante S_1-S_2 será apresentada como repetição ou como saber através da formulação dos quatro discursos. “O discurso do mestre nos mostra o gozo como vindo ao Outro – é ele quem tem os meios. O que é linguagem não o obtém a não ser insistindo até produzir perda de onde o mais-de-gozar toma corpo” (1969-70, p. 130).

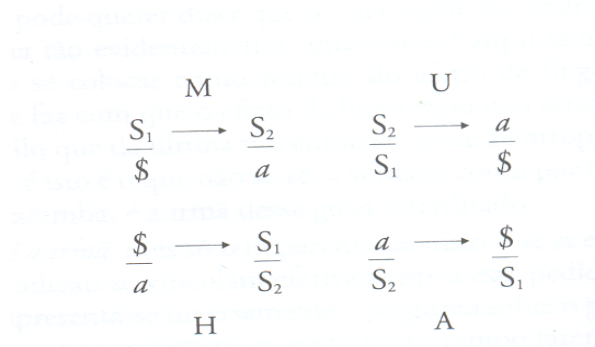
A estrita dependência do *infans* para com o semelhante adulto, que precipita o acesso ao simbólico, impõe que seja no cenário social que a ação da estrutura opere efeitos para um sujeito. É o discurso que atualiza a estrutura. O discurso do mestre inaugura a linguagem, e, portanto, o inconsciente, por isso foi o primeiro a ser destacado por Lacan. Nele, no lugar do numerador se encontra a relação S_1-S_2 , que produzirá uma perda pela articulação significante, o mais-de-gozar (objeto *a*), o que aponta para a impossibilidade entre a perda de gozo e o sujeito, recalcado no lugar da verdade. “Sob o Outro, é aquele onde se produz a perda, a perda de gozo da qual extraímos a função do mais-de-gozar” (Idem, *Ibidem*, p. 97). Ainda, a respeito desta impossibilidade, Lacan afirma que no discurso do mestre não há relação entre o

que se torna causa de desejo do senhor, do qual ele nada compreende, e o que constitui sua verdade (Idem, *Ibidem*, p. 113).

No discurso que foi nomeado por Lacan como o discurso da histérica opera uma rotação de um quarto de volta sobre o discurso do mestre, produzindo um saber que tenta dar conta do mais-de-gozar, verdade recalcada neste discurso.

Através de um quarto de volta no discurso da histérica, se estabelece o discurso do psicanalista, no qual o agente é justamente o objeto a , que tem por função ser causa de desejo para um sujeito situado no lugar do Outro. Pode-se observar o lugar do analista e o do analisando, respectivamente, no numerador. Desta relação, o que se produz como perda é o significante mestre, S_1 , que permite ao sujeito acionar um dizer que ele mesmo sabe, sem saber que sabe. Portanto, ao discurso da psicanálise o que interessa é o saber articulado à verdade.

Finalizando esta breve apresentação dos quatro discursos, tem-se, com mais um quarto de giro, o discurso universitário, que tem como agente o saber do Outro que se dirige ao objeto mais-de-gozar, a partir do qual se produz uma perda para o sujeito, pois é no lugar da verdade que se define o saber universal.



Jésus Santiago (2001, p. 4), se referindo ao ensino lacaniano dos discursos, reafirma como a contribuição de Marx sobre a mais-valia na economia política, possibilitou a Lacan fazer uma correspondência entre este conceito e o de objeto mais-de-gozar. A partir de agora pretendo me deter com mais rigor nesta conceituação do objeto mais-de-gozar, em função de sua importância para pensar a questão do estatuto do objeto droga.

O recurso à mais-valia intervém na tentativa de isolar uma outra função do objeto a , distinta daquela de causa do desejo. Segundo Lacan, Marx parte da função de

mercado para acentuar que o trabalho é um dado do mercado. No âmbito do mercado capitalista, destaca-se a função de mais-valia, concebida como essa parte do valor engendrada pelo labor dos trabalhadores que, por sua vez, excede àquela que permite reconstituir o valor de sua própria força de trabalho. A mais-valia é apropriada pelo capitalista na forma do lucro (Idem, Ibidem).

E mais adiante: “A novidade introduzida por Lacan, quando retorna à teoria do valor, é a afirmação de que todo discurso é capaz de articular uma certa configuração da renúncia e, principalmente, uma extração do gozo, em geral, nesse âmbito, faz aparecer o mais-gozar” (Idem, Ibidem). Pode-se perceber aí claramente a homologia entre a mais valia e o mais-de-gozar. É devido ao discurso que o mais-de-gozar emerge, já que para se encontrar um efeito de discurso terá que ocorrer uma renúncia ao gozo. Irei exemplificar isto com o discurso do Mestre, que a castração organiza, tanto no que se refere à realidade psíquica, quanto no que concerne à realidade social. O discurso do Mestre, que pode ser lido no seguinte matema é:

Discurso do Mestre

$$\begin{array}{ccc} \uparrow & \frac{S_1}{\mathfrak{S}} & \longrightarrow & \frac{S_2}{a} & \downarrow \\ & & // & & \end{array}$$

Abordando as questões sobre o discurso do mestre antigo, Alicia Monné (1995, p. 100), faz deste a seguinte leitura: “É do saber do escravo S_2 , que o mestre em S_1 tira seu gozo. O produto do discurso (a) é o resultado de uma subtração de gozo do escravo que vai funcionar como mais de gozo para o mestre antigo, com uma condição: necessita a intervenção do sujeito do desejo \mathfrak{S} ”.

Adestrar o sujeito aos cânones do mestre moderno, é fazê-lo produzir a mais valia que o senhor (capitalista) estoca para gerar a necessidade de consumo. Sendo assim, o mestre antigo é o pioneiro do capitalismo, que Lacan descreve como o discurso do capitalista por meio de uma única inversão, entre as letras S_1 e \mathfrak{S} , sendo que, ao contrário dos outros quatro discursos, não faz laço social. Diante disso, permanece a questão paradoxal lançada por Lacan: se todo discurso faz laço, resta saber de qual laço se trata no discurso capitalista. Tal discurso escreve-se da seguinte forma:

Discurso do Capitalista

$$\begin{array}{ccc} \downarrow & \nearrow & \downarrow \\ \frac{\mathcal{S}}{S_1} & \times & \frac{S_2}{a} \\ \downarrow & & \downarrow \end{array}$$

Mauricio Torrab (1995, p.41) o lê assim:

Um sujeito em sua falta de gozo estrutural, demanda ao saber científico a produção de um objeto perfeito capaz de um gozo que, sem conseqüências, venha fechar sua castração, sua divisão, sua miséria, [...] capaz de produzir este gozo que falta e cuja falta faria vão o Universo.

O discurso do mestre traduz o sujeito na linguagem. A castração é determinada pelo efeito de retroação de S_2 para S_1 . No discurso do capitalista a falta, a perda, não tem lugar. Ao colocar o objeto no lugar da perda, podendo ser absorvido pelo sujeito no eixo $a \rightarrow \mathcal{S}$, ele sutura sua divisão subjetiva. Por outro lado, no eixo S_1-S_2 não produz a queda do \mathcal{S} . Neste discurso, é o senhor que sabe como o escravo goza. Conforme Lacan (1969-70, p. 32-33):

[...] o que se opera entre o discurso do senhor antigo e o do senhor moderno, que se chama capitalista, é uma modificação no lugar do saber. [...] Eis o que constitui a verdadeira estrutura do discurso do senhor. O escravo sabe muitas coisas, mas o que sabe muito mais ainda é o que o senhor quer, mesmo que este não o saiba [...]. O fato de que o tudo-saber tenha passado para o lugar do senhor, eis o que, longe de esclarecer, torna um pouco mais opaco o que está em questão – isto é, a verdade. De onde sai isso, o fato de que haja neste lugar um significante de senhor? Pois este é precisamente o S_2 do senhor, mostrando o cerne que está em jogo na nova tirania do saber. [...] O sinal da verdade está agora em outro lugar. Ele deve ser produzido pelos que substituem o antigo escravo, isto é, pelos que são eles próprios produtos, como se diz, consumíveis tanto quanto os outros.

Além do aspecto já destacado da questão do saber no discurso do capitalista, resta ainda observar que também ocorre uma mudança no estatuto do gozo. Para Cláudia Henschel de Lima e Antonio José Alves Junior (1998, p. 60): “Se no discurso do mestre há uma relação de impossibilidade entre o sujeito e o objeto, no discurso capitalista essa impossibilidade simplesmente desapareceu”.

Daí alguns autores conceberem tal discurso como uma perversão do discurso do mestre, como, por exemplo, Bentes (1998, p. 23). A junção entre o discurso do capitalista e a ciência engendrou todo tipo de objetos qualificados de *gadgets*, dentre eles as drogas, que têm

por função, através do gozo que proporcionam ao sujeito, escamotear sua divisão subjetiva, como será desenvolvido no próximo item.

2.3.3. O Objeto mais-de-gozar particular

A droga não é o objeto *a* enquanto causa de desejo, é um objeto mais-de-gozar enquanto objeto da cultura. Porém, como diz Jésus Santiago (2001a, p. 153), não é um objeto mais-de-gozar qualquer, como por exemplo, um filme, do qual todos podem gozar. A droga é um objeto mais-de-gozar particular, na medida em que é um objeto material palpável e manipulável ao bel prazer pelo toxicômano, prescindindo do Outro, já que pode dele gozar de forma auto-erótica, apenas com seu corpo.

Os objetos mais-de-gozar são tomados da cultura; não têm o estatuto de real, mas sim de semblante, que Lacan passa a situar entre o simbólico e o real. Portanto, o objeto *a* é um semblante do ser, sendo também marcado por um traço imaginário. Existe uma “afinidade do *a* com seu envelope” (Lacan, 1972-73, p.125) imaginário. O objeto *a* como mais-de-gozar é o objeto da pulsão. Porém como para o ser falante a satisfação só pode ser parcial, na medida em que a linguagem leva a uma renúncia ao gozo, “o mais gozar circunscreve essa renúncia sob a égide do efeito de um discurso. A renúncia ao gozo em si mesmo torna disponíveis diversas manifestações do mais-de-gozar no mercado da civilização” (Santiago, 2001b, p.5).

Então, para finalizar, é necessário ainda mostrar qual seria a diferença entre os objetos mais-de-gozar e isto que Jésus Santiago denomina de um mais-de-gozar particular. Creio que é através da noção de *gadgets*, (1972-73, p.110) mencionada por Lacan ao elaborar a aliança entre a ciência e o capitalismo, que se pode perceber qual a diferença. A ciência fez surgir no real objetos que não existiam no nível da percepção humana. Ela não só tornou possível o acesso ao real, mas o determina e também o transforma segundo Santiago (2001b, p.3):

[...] povoando-o de certo número de objetos que antes não estavam ali, mas também, sérios candidatos a se tornarem restos, resíduos, rebotalhos da civilização. Com muita pertinência são chamados de *gadgets*, designando-se assim com exatidão, a natureza de dejetos que impregna sua presença no mundo. [...] O extraordinário dessa elaboração é a maneira como essas fabricações da ciência oferecem ao sujeito os meios de uma recuperação da satisfação pulsional. A característica mais singular dos *gadgets* é o que o sujeito se liga a eles, até mesmo agarra-se e fixa-se neles.

Para a psicanálise, o semblante denuncia o núcleo de ausência próprio da estrutura sem jamais poder recobri-lo. Ao passo que, para o capitalismo, não existe esse núcleo, não há falta que não possa ser recoberta, não há inconsistência que sempre dure, nem furo que nunca se acabe, pois há sempre uma promessa da ciência que aponta a possibilidade de tamponamento de qualquer furo. Em relação a tal diferença, Lacan adverte (1972-73, p.129):

Não devemos crer que sejamos, de modo algum, nós mesmos que suportamos o semblante. Nós nem mesmo somos semblantes. Somos, ocasionalmente, o que pode ocupar o seu lugar, e nele reinar o quê? – o objeto *a*. [...] é aquele que, ao pôr o objeto *a* no lugar do semblante, está na posição mais conveniente para fazer, a saber, interrogar como saber o que é da verdade.

O discurso da ciência, ao promover os semblantes, degrada o real. A droga é um destes semblantes da ciência, por isto mesmo considerada uma forma particular ou especial de mais-de-gozar.

CAPÍTULO III

UM POSSÍVEL MANEJO DO GOZO NAS TOXICOMANIAS

Este capítulo tem por objetivo discutir alguns aspectos teórico-clínicos observados na clínica das toxicomanias, os quais são fundamentais para se pensar o manejo do gozo a partir de uma abordagem psicanalítica. Para tal será mencionada a forma pela qual o toxicômano curto-circuita a sexualidade e como lida com a diferença sexual.

Em seguida, serão apresentados alguns aspectos relativos à função paterna nas toxicomanias e a importância da injeção do superego com a pulsão de morte para a compreensão da compulsão que o toxicômano adquire em relação à droga, sem deixar de apontar que esta compulsão não tem nada a ver com o conceito de compulsão à repetição tratado por Freud e Lacan.

Em função das dificuldades teóricas que se apresentaram para compreender o estatuto do gozo auto-erótico ao qual o neurótico se entrega na narcose, foi necessário recorrer à teorização lacaniana sobre a eclosão da neurose em *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (1968-69). Será enfatizada, portanto, a localização da toxicomania no momento em que ocorre a ruptura da significação fálica evidenciada na entrada da adolescência. Em função da dificuldade de se recorrer a uma posição sexuada e a uma forma de gozo neste período, procurei evidenciar que o recurso à droga neste momento não restaura a significação fálica. Pelo contrário, obedece à prevalência da separação sobre a alienação, como pode ser lido a partir da inversão feita no seminário abordado que elucida esta questão orientada pelo par separação-alienação.

Finalmente, para contextualizar estas questões, apresentarei dois casos clínicos com suas devidas interpretações, destacando a importância dos dispositivos de manejo clínico numa instituição especializada na qual existe uma escuta analítica.

3.1. O curto-circuito da sexualidade nas toxicomanias

No texto intitulado “Tres Observaciones sobre la toxicomanía” (1997, p. 15-21), Éric Laurent apresenta esta problemática por três vertentes principais que utilizo para nortear as questões abordadas nesta Dissertação. Primeiramente, as toxicomanias como formações de ruptura não são consideradas um sintoma no sentido clássico, mas um novo sintoma, que longe de apontar para a divisão do sujeito do inconsciente, procura obturá-la, como foi desenvolvido no primeiro capítulo. Em seguida, a identificação do sujeito ao “eu sou toxicômano”, que funciona como S_1 na estrutura, também desenvolvida no primeiro capítulo desta Dissertação. E finalmente as toxicomanias como uma forma de evitar o impasse com a sexualidade, abordado no segundo capítulo através da relação particular que o sujeito estabelece com o objeto droga, ou seja, pela via do curto-circuito da fantasia e pela ruptura com o gozo fálico.

No capítulo anterior, ainda foi dada ênfase ao estatuto do objeto droga a partir da teoria da relação de objeto na formulação de Freud e nas elaborações desenvolvidas por Lacan. No presente capítulo, pretendo trabalhar alguns dados clínicos extraído da experiência em instituição a fim de problematizar as conseqüências relatadas pelos sujeitos quando utilizam este objeto mais-de-gozar particular.

Nas entrevistas preliminares com os pacientes que atendi no CAPSad Raul Seixas, quando perguntava a respeito do início do uso de drogas, a maioria respondia ter sido na adolescência; para outros foi após algum tipo de perda importante, por morte ou separação na vida adulta. Como aponta Jorge Castillo em seu artigo intitulado “Pubertad y uso de tóxicos” (2003, p. 138):

Consideremos agora as relações da toxicomania com a puberdade. Digamos em primeiro lugar que estas relações estão presentes na clínica, nas estatísticas e, por que não, no chamado saber popular. [...] Quer dizer que a toxicomania pertence ao conglomerado sintomático adolescente.

Castillo logo deixa claro que o sintoma a que se refere é aquele ao qual Lacan dá uma função estabilizadora, no sentido de uma invenção que o sujeito cria para ordenar seu mundo, mundo este que não vem ordenado *a priori*, inclusive a sexualidade. Para explicar a questão, Castillo nos remete ao aforisma lacaniano “a relação sexual não existe”. Isso é o que se pode chamar de o vazio da estrutura, o que conduz Lacan a outro aforismo – “A mulher não existe”

–, na medida em que não há o significante que serve para nomear a mulher, que se define, para o ser falante, apenas por oposição ao homem.

Alexandre Stevens, em “Adolescência, sintoma da puberdade” (2004, p. 30-35), indo pela mesma via teórica de Castillo, afirma que a puberdade é um dos momentos no qual, mais do que nunca, a relação sexual reaparece para o sujeito. Cabe perguntar qual é este real da puberdade, diante do qual o sujeito precisa dar uma resposta, um arranjo particular com o qual ele organizaria sua existência, sua relação com o gozo, portanto, no lugar, da inexistência da relação sexual.

Diz Stevens que, em primeiro lugar, pode-se pensar no real situado do lado da transformação do órgão (elevação do nível hormonal, caracteres secundários etc.), mas sem esquecer que este se trata de um real marcado pela linguagem. Em segundo lugar, este real denota a ocorrência de uma irrupção que não pode ser expressa pela fala, isto é, um momento antes dela poder ser progressivamente recolocada. Em outras palavras, a fantasia falha diante desta eclosão. Segundo Stevens, “o real da puberdade é a irrupção de um órgão marcado pelo discurso na ausência de um saber sobre o sexo, na ausência de um saber sobre o que se pode fazer em face do outro sexo. Resta, então, a cada um inventar sua própria resposta” (2004, p. 35).

Face a estas questões que a puberdade reenvia todo ser falante, existe a possibilidade de uma escolha fora do sexo, na qual o sujeito não torna a se embaraçar com os problemas da sexuação como uma última forma de resposta ao real da puberdade: é o que ocorre na resposta toxicomaníaca.

Na neurose, a toxicomania é, evidentemente, uma escolha de gozo fora do sexo, mesmo se um certo número de adolescentes possa dizer que começou a se intoxicar assim para abordar as moças mais facilmente. [...] O tóxico, nesse caso, representa a cobertura do sexo (Idem, *Ibidem*, p. 39).

Para concluir esta introdução sobre a temática das toxicomanias na adolescência, interpretada como uma maneira de evitar o problema sexual é fundamental tomar a puberdade como um momento de desestabilização na vida do sujeito, em função da erupção abrupta do real.

A impossibilidade da relação sexual leva Lacan a considerar três soluções possíveis para o ser falante como formas de estabilização, ou seja: o ato, o delírio e o sintoma (Castillo, 2003, p. 140). Entre estas, a toxicomania parece se colocar pela via do ato, onde não há

palavras. Retornarei a esta questão ao abordar a toxicomania como sendo uma repetição do ato, não necessariamente uma compulsão à repetição, como a consideram muitos autores, apesar de a pulsão de morte poder comparecer muitas vezes desvinculada da pulsão de vida, como nas passagens ao ato, tão comuns nas toxicomanias.

Mas para concluir este capítulo sobre o curto-circuito da sexualidade nas toxicomanias, retorno ao artigo de Carlo Viganò (2008), para o qual a dependência patológica, que inclui a toxicomania, é uma forma de inibição na qual o sujeito não chega a autorizar fazer da carne um lugar de identidade sexual, de um desejo que lhe forneça um corpo próprio. Portanto, não se trata como na psicose, de uma recusa total do Outro da mediação simbólica, mas de uma recusa apenas no que diz respeito às satisfações mais ligadas ao corpo; seria mais uma recusa da responsabilidade de fazer do corpo um objeto de desejo sexual.

Com a necessidade de assumir a definição do sexo, o adolescente repete a perturbação infantil, uma excitação-satisfação que lhe concerne em um ponto de exterioridade interna. O gozo retorna de um modo não regulado libidinalmente pelo significante, como gozo primário da carne que deve ser normatizado (Idem, *Ibidem*, p. 6).

Se ocorrer um encontro com a droga neste momento, o adolescente tende a fazer um curto-circuito no trabalho de escolha de uma posição sexual, evitando a responsabilidade, ao tomar um objeto de consumo como véu, como roupa para dar corpo à nova carne.

Agora, para se compreender porque alguns adolescentes tornam-se dependentes da droga e outros não, ou porque alguns adultos após uma experiência traumática passam a fazer um uso abusivo de drogas, torna-se necessária uma teorização mais ampla sobre a diferença sexual e a significação da castração em Freud e Lacan.

3.2. Uma interpretação lacaniana da sexualidade na teoria freudiana

A dialética edípica pode ser encontrada no ensino de Lacan de maneira esquemática, mais precisamente em *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente* (1957-58, p. 197-203), em três tempos. O primeiro caracteriza-se pela relação imaginária entre mãe e filho. A mãe, por depender de uma ordem simbólica que a determina e por ter sofrido a castração, procura elidi-la, simbolizando o falo no filho na tentativa de alcançar sua plenitude narcísica,

efetuando assim a equação filho/falo. A criança, por sua vez, na medida em que depende do amor da mãe, deseja ser objeto de desejo da mesma, convertendo-se assim em falo, ou seja, identifica-se ao falo que a mãe simboliza, tomando tal identidade como se fosse a sua. É preciso lembrar que no seminário anterior sobre a relação de objeto, Lacan havia proposto o esquema da tríade imaginária, no qual qualquer interpretação da relação mãe-filho deverá seguir não uma relação dual, mas sim imaginária: mãe-falo-criança (1956-57, p. 28).

Portanto, a criança se identifica com o que ela supõe ser o objeto de desejo da mãe – o falo – de forma que o desejo da criança se faz desejo do desejo da mãe. Isto quer dizer que, em um primeiro tempo, o desejo da mãe funciona como lei para o filho. Já o filho, identificado ao falo, permanece sob a influência da dialética do ser ou não ser o falo. É importante acentuar que apesar de, neste momento, não comparecer o pai como o terceiro elemento entre mãe e filho, a própria dimensão da identificação fálica da criança pressupõe este terceiro – o falo –, já que a convoca, ao mesmo tempo, ao campo de oscilação dialética.

Tal oscilação abre caminho para o segundo tempo do Édipo, que se caracteriza pela entrada em cena do pai, mediado pelo discurso da mãe, que o reconhece como representante da lei. Lacan (1957-58, p. 209) diz: “Intervém a título de mensagem sobre uma mensagem: uma proibição, um não. Proibição dupla. Em relação ao menino: não dormirás com tua mãe. Em relação à mãe: não reintegrarás o teu produto”.

A intromissão do pai neste segundo momento pode ser lida sob duas vertentes. Do ponto de vista da criança, o pai intervém sob a forma de interdição, apresentando-se para ela como possuidor da mãe. Daí esta intervenção ser vivida pelo filho como uma frustração, pois trata-se de uma falta imaginária de um objeto real. A partir de então, a criança é levada a reavaliar sua identificação fálica e renunciar a ser o objeto de desejo da mãe. Já do ponto de vista da mãe, pode-se dizer que o pai a priva do falo.

Este pai aparece como o outro sob o ponto de vista da relação mãe-filho. É o pai imaginário, ou, como Lacan (Idem, Ibidem, p. 174) o chama, o “pai terrível”, que passa a ter, na vertente do filho, os mesmos atributos que a mãe do primeiro tempo, sendo aquele que dita a lei e não a representa. Por outro lado, em função da interdição paterna, a criança, em sua subjetividade, percebe que o desejo da mãe foi deslocado, destituindo-a da posição de ser o falo, passando, assim, a acreditar que o falo é o pai, o que leva a criança supor que rivaliza com ele junto à mãe. O cerne desta rivalidade imaginária é, em realidade, coextensiva a um deslocamento do objeto fálico que conduz a criança por um caminho que a auxilia a encontrar

a lei do pai. A criança é confrontada com esta lei na medida em que ela descobre que a mãe, ou melhor, o desejo da mãe acha-se submetido a uma lei. O fato do desejo da mãe ser submetido à lei do desejo do Outro implica que o desejo da própria criança seja dependente de um desejo que um outro, no caso o pai, supõe-se ter ou não ter.

A saída da dialética do ser o falo para o do ter o falo só é possível se a mãe, ao reconhecer a lei do pai, se coloque como dependente de um objeto, que já não é mais simplesmente o objeto de seu desejo, mas um objeto que o Outro tem ou não tem. Isto coloca em cena o simbólico no que se refere ao pai, como diz Lacan: “[...] fornece a chave da relação do Édipo. O que constitui seu caráter decisivo deve ser isolado como relação não com o pai, mas com a palavra do pai” (1957-58, p.199).

O terceiro tempo do Édipo se caracteriza pelo advento da castração. Na verdade, a castração já se iniciou durante o segundo tempo: a intervenção do pai como privador, tanto da mãe quanto da criança, destitui a criança de sua posição de ser o falo, permitindo-lhe o reconhecimento de que a mãe é castrada. Somente no terceiro tempo a castração simbólica se completa, na medida em que, neste tempo, o pai comparece como castrado. Neste momento, o pai é o “representante da lei”, e não mais a própria lei. A criança o investe de um significado novo quando supõe que ele detém o objeto de desejo da mãe. Desta forma, o pai é elevado à dignidade de pai simbólico. A mãe, por sua vez, ao aceitar a enunciação da lei paterna, reconhecendo assim sua palavra como a única suscetível de mobilizar seu desejo, também confere a função do pai um estatuto simbólico ao olhar da criança. É por esta via que a criança é levada a se determinar em relação a esta função significante do pai, ou seja, ao significante Nome-do-Pai.

Portanto, a castração vem recalcar o desejo de união com a mãe, este gozo impossível de completude com o objeto. A dialética do ter o falo, introduzida a partir da castração, abre o caminho para o jogo das identificações. De acordo com o sexo de cada um, o sujeito se inscreverá de forma diferente na lógica identificatória mobilizada pelo jogo fálico.

Em casos de sujeito toxicômanos de estrutura neurótica, ao serem confrontados com a angústia de castração, buscam uma solução que os desviam da dialética fálica. A relação com a droga possibilita ao sujeito gozar fora do sexo. Para Castillo,

[...] a toxicomania propõe uma solução diferente que a do falo. Se a fantasia infantil colocava a questão da diferença sexual pela via de um objeto que interessa os homens e mulheres, dá-lhes assim uma relação, podemos dizer que no caso do objeto tóxico esta relação desaparece. Não se trata da reedição do Complexo de

Édipo que Freud descreve para a puberdade, não se trata do pai nem tão pouco do ideal de eu. Trata-se, segundo minha hipótese de um ato, um ato que se repete uma e outra vez: o ato do consumo, e esta é outra particularidade da saída toxicômana na puberdade (Castillo, 2003, p. 139).

A problemática da posição sexual, que se escolhe na adolescência, coloca em cena as diferenças entre o complexo de Édipo nos meninos e nas meninas, destacados por Freud em sua obra. Em seu artigo “Organização genital infantil” (1923b), ele apresenta a fase fálica caracterizada pela primazia do pênis, tanto para o menino quanto para a menina, entendendo-se por pênis a forma imaginária do falo. Além disso, observa-se que a emergência do complexo de castração ocorre durante a fase fálica. Este valor supremo que o menino atribui ao pênis o leva a construir a teoria de que todas as pessoas, inclusive sua mãe, o possuem; até que descobre a ausência do pênis nas pessoas do sexo oposto, passando a acreditar que uma vez elas o tiveram, mas foram destituídas do mesmo, ou melhor, castradas. O reconhecimento da castração da mãe fará o menino se identificar ao falo no intuito de completar o que falta à mãe, entrando, assim, no primeiro tempo do Édipo.

Porém, esta descoberta da ausência de pênis nas mulheres terá como consequência para os meninos que nele ocorra uma mutilação parecida. Este temor de vir a ser castrado se confirma com a entrada do pai no segundo tempo do Édipo que, como “pai terrível”, torna-se o agente da ameaça de castração. Diante desta ameaça, o que resta ao menino é aceitar a lei de interdição do incesto, que o pai anuncia, e identificar-se àquele que tem o falo, ou seja, o pai, tomando deste as insígnias da masculinidade. Identificado a estas, abre-se a possibilidade para o menino de gozar das outras mulheres que não sua mãe.

A realização da sexualidade para as meninas se dá de forma dessimétrica em relação aos meninos, ou seja, não se identificam à mãe como se poderia imaginar, mas sim ao pai. São obrigadas a fazer um desvio, uma mudança de objeto amoroso. Isto porque, na fase da primazia do falo, ao descobrir a menina que o clitóris, que neste momento corresponde ao pênis, não crescerá, constrói a teoria de que a princípio possuía um pênis igual ao menino, e que depois o perdeu, foi castrada, e a autora desta castração seria a mãe. Daí advém o que Freud (1925b, p. 315) chama de inveja do pênis, que considera como sendo algo irreduzível nas mulheres. É através da rivalidade para com a mãe que as meninas, ao trocar de objeto amoroso, da mãe para o pai, se deparam com a interdição deste último, e procuram como saída a identificação com a mãe, já que esta, enquanto castrada, desloca seu desejo para

aquele que supostamente teria o falo. Por esta via, as meninas podem substituir o pai por outros objetos amorosos.

Lacan (1957-58, p.179) diz a respeito do Édipo nas meninas: “É na entrada que fica a dificuldade para ela, ao passo que no fim, a solução é facilitada, porque o pai não tem dificuldade de se fazer preferir à mãe como portador do falo.” É possível dizer, então, que a menina entra no Édipo a partir da castração, enquanto o menino sai do Édipo pela castração.

Na menina existe uma persistência de uma relação com o Outro que no caso do menino é interditada pela metáfora paterna. No destino feminino, o pai não se impõe verdadeiramente como metáfora, de forma que a menina seria não-toda assujeitada à metáfora paterna. Disto resulta que a significação dada pela metáfora paterna se mostra incompleta e insatisfatória para situar um sujeito na posição feminina. Daí se dizer que as mulheres estão ao mesmo tempo na lei e em parte fora-da-lei. Vê-se, portanto que a feminilidade é a problemática de um sujeito que não pode se assujeitar inteiramente ao Édipo e à lei da castração.

A dissolução do complexo de Édipo no menino corresponde à formação do supereu, sendo, como disse Freud (1923b, p.64) seu herdeiro. Na menina a formação do supereu não se daria de forma tão estruturada, o que levou o autor (1925b, p. 320) a dizer que as mulheres têm menos senso crítico. Em sua opinião, se coloca para as mulheres a decisão de abrir mão do atributo fálico, o clitóris, para atingir o orgasmo vaginal, ou seja, a admissão da sua castração. Isso comporta a mudança de zona erógena, permitindo assim que ela realize a equação simbólica, filho/falo.

Tal mudança é essencial para a psicanálise, uma vez que aí estão em jogo a libido auto-erótica e a objetal. É o caso de ser lida aí a mudança de uma posição homossexual para a heterossexual, considerando, é claro, a acepção deste termo fora de sua significação restrita às práticas corporais. A partir disso, a presença de uma zona corporal, o clitóris, requer a constatação de uma diferença. Com Freud, o gozo clitoriano impede a assunção da feminilidade, inclusive identifica a menina com as características masculinas sendo, portanto, um dos elementos que dificultam à menina diante da castração. Por outro lado, quando Freud articula o gozo vaginal, ele exige que a mulher reconheça o objeto pênis como o lugar de onde ela poderá obter satisfação. Assim, o gozo da mulher referida à castração, exige a presença do homem exercendo a função da alteridade. Por isso mesmo, e de acordo com Lacan é um gozo que não pode ser inscrito.

Cabe ressaltar que estas colocações freudianas devem ser articuladas à neurose, lembrando que Freud se detém no *rochedo da castração*, não avançando, como Lacan, sobre o gozo d'A mulher. (1972-73, p. 99)

A grande pergunta freudiana em relação ao feminino, ou seja, - O que quer uma mulher? - é formulada pela histérica a partir de uma posição masculina que a estrutura contém. Neste sentido lembramos de Dora e o Sr. K, com quem ela se identifica, e que ocupa o lugar do eu no qual ela se espelha. O fragmento clínico da paciente toxicômana que será mencionado no item 3.6.1. desta Dissertação, servirá para exemplificar esta questão.

3.3. A função do Pai nas toxicomanias

A relação entre o consumo de drogas e a função do Pai em psicanálise solicita que inicialmente sejam colocadas algumas considerações sobre o estágio em que se encontra a função paterna na cultura contemporânea. Desde 1938, Lacan vem anunciando o declínio social da imagem do Pai e os efeitos patológicos dele decorrentes. Segundo suas palavras: “um declínio condicionado por se voltarem contra o indivíduo alguns efeitos extremos do progresso social; um declínio que se marca, sobretudo em nossos dias, nas coletividades mais desgastadas por esses efeitos: a concentração econômica, as catástrofes políticas.” Quanto aos efeitos patológicos decorrentes da crise psicológica que Lacan atribui a este declínio destaca-se “um complexo caracterológico no qual, tanto pela especificidade de sua forma quanto por sua generalização – ele é o núcleo da maioria das neuroses -, podemos reconhecer a grande neurose contemporânea” que a experiência psicanalítica leva Lacan a apontar sua principal determinação na personalidade do Pai “sempre de algum modo carente, ausente, humilhada, dividida ou postiça.” (1938, p.67).

Desta forma, Lacan anuncia algo que irá desenvolver mais tarde ao tratar da comunhão da ciência com o capitalismo, que gera um imperativo de consumo, que tende a substituir aquelas que eram as principais funções do Pai: ou seja, de transmitir a lei e de interditar o gozo na sociedade. Como consequência desta crise do pai na civilização, pode-se destacar, entre inúmeros aspectos, um aumento brutal das toxicomanias.

O consumo de drogas sempre existiu, como atestam os antropólogos que estudam o mundo indígena. Porém, eles apontam para um dado importante: este consumo, às vezes extremamente forte nestas culturas, estão relacionados a atos rituais que servem para garantir

o campo do Outro e para assegurar a palavra do Pai. Segundo Furst, antropólogo que estudou o consumo de drogas no mundo indígena, principalmente no norte da América, “as plantas mágicas atuam para validar e para ratificar a cultura, não para facilitar meios temporais que permitam escapar dela” (Furst *apud* Naparstek, 2005, p.63). A prática de consumo destes indígenas é totalmente regulada e, apesar de consumi-las em grande quantidade e serem drogas consideradas fortes, não produzem dependência, nem as conseqüentes deteriorações físicas que se constata nas toxicomanias do mundo contemporâneo.

No entanto, sobre o ponto de vista psicanalítico, tanto para nossa cultura, quanto na cultura indígena, trata-se de um ato de consumo, que visa ultrapassar um limite. Na cultura indígena, se recorre aos rituais com utilização de drogas para se alcançar um ponto em que a palavra do Pai não alcança. É, portanto, uma via de ultrapassar a fronteira do Outro, implicando este ato em uma saída do campo do Outro, deixando-o para trás, mesmo que seja somente durante o ato. Neste sentido, se vai mais além do Outro. Lacan (1962-63, p.129) demonstra que a passagem ao ato é o protótipo disso, ou seja, o que implica em ultrapassamento de um limite que muitas vezes provoca o ato suicida. Ainda seguindo Lacan, o suicídio é a passagem ao ato sem falha. (1974, p.541)

Entretanto, existe uma grande diferença entre um ato de consumo de drogas, como exemplificado pelos indígenas e o ato toxicomaniaco. No primeiro caso, apesar de ser uma operação sobre o real, está sustentada pelo simbólico. Em outras palavras, é o simbólico sobre o real no sentido levógiro do nó borromeano. No segundo, o toxicômano atravessa o limite, mas sem nenhum apoio simbólico, o que o deixa fora do campo do Outro, mesmo sendo um neurótico.

Então, é possível pensar o uso abusivo de drogas de duas formas diferentes. Uma apoiada na função paterna - seja religiosa, ideológica, etc. – e outra apoiada no imperativo superegoico da cultura do consumo que ordena: “Consuma, goze, droge-se!”. A diferença entre as duas formas de ato de consumo trará diferentes conseqüências para o sujeito.

Jorge A. Pimenta Filho (2004), no artigo “Adolescentes, qual transição hoje?”, se pergunta sobre qual seria o agente de separação no tempo dos ritos e responde apontando a multiplicidade da função paterna na atualidade.

Havia um ideal que produzia significado. Hoje, na sociedade globalizada, o ideal não está mais na moda; é mais fraco. Não que não existam mais pais ou autoridades, mas eles se tornaram muitos, excessivos. [...] Quando uma autoridade se multiplica, ela se enfraquece – o pai funciona se é único. (Idem, *Ibidem*, p. 125).

O que se pode pensar, a partir de tudo que foi desenvolvido acima, sobre o que acontece com a função paterna nos casos de toxicomania? A psicanálise ensina que só é possível responder a esta questão no caso a caso. Mas, a partir da experiência clínica com neuróticos dependentes de drogas, pode-se observar algo que muitas vezes se encontra presente em suas histórias e que possibilita apresentar como hipótese o seguinte: na adolescência, a promessa fálica não basta, é preciso passar do ser fantasmático “ao jogo do ter ou não ter, do dar e do pedir”. Neste momento, segundo Carlo Viganò, em seu artigo “As dependências patológicas” (2008, p.5) o sintoma se manifesta, pondo à prova aquilo que na infância estava enodado. A droga constitui uma solução alternativa à construção do sintoma neurótico que deriva da função do pai no complexo de Édipo. Viganò se refere inclusive a dois tempos da sexualidade. No primeiro,

[...] a sedução primária, o trauma originário pelo qual a identificação ao pai por incorporação entra no corpo do gozo, que é o gozo da linguagem – Freud fala em termos de excitação. O sujeito reage com um movimento de condenação, dado que o trauma lhe é intolerável por ser inarticulável, sem representante simbólico (Idem, *Ibidem*, p. 4).

No segundo tempo:

Com a aquisição da imagem especular, por meio da produção das fantasias infantis, o sujeito aprende a apropriar-se do gozo e faz do corpo o lugar da libido. Podemos dizer que o gozo alienado da carne se transforma em satisfação do corpo. Na fantasia, existe um primeiro nó por meio do qual o imaginário fálico encontra, no Nome-do-Pai, uma promessa de recuperação do gozo originário perdido com o nascimento. (Idem, *Ibidem*, p. 4-5)

Muitos jovens atestam não ter os instrumentos subjetivos para se deparar com esta prova de iniciação da sexualidade, em função de uma inconsistência da mediação paterna. É como se eles parassem na entrada do simbólico, “não acedendo ao lugar do Outro, lugar êxtimo do anodamento fantasmático. Mas não é só isso: a inconsistência da mediação paterna faz desses sujeitos os dependentes antes de tudo do supereu” (Idem, *Ibidem*, p. 6). Esta questão será mais desenvolvida no item 3.5. desta Dissertação através da contribuição teórica que Lacan oferece em *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (1968-69).

Diante desta inconsistência da função paterna, e muitas vezes em função da relação especial que o toxicômano mantém com a mãe, o supereu surge de forma preponderante em

sua vertente mais feroz. Ele obriga o sujeito a gozar, vinculado o gozo à pulsão de morte. O supereu domina a vida psíquica daquele que, pela relação que estabelece com a droga, rompe com a função fálica e com tudo que a ela está vinculado.

3.3.1. A injunção do supereu com a pulsão de morte nas toxicomanias

Cabe, portanto, retomar algumas considerações teóricas da obra de Freud e do ensino de Lacan sobre o supereu e sua relação com a pulsão de morte, para esclarecer melhor esta questão. Porém, antes de fazer esta articulação é necessário fazer referência primeiramente ao texto freudiano de 1920, “Mais além do princípio do prazer”. Neste texto a pulsão de morte é remetida a um campo que se dirige para além do princípio do prazer, ou seja, não corresponde à tendência fundamental do aparelho psíquico que é a de baixar seu nível de desprazer interno ao máximo.

Freud, após citar a tendência à estabilização desenvolvida por Fechner - que relaciona a estabilidade ao prazer e a instabilidade ao desprazer -, mostra que o aparelho psíquico procura manter constantes ou tão baixas quanto possíveis suas excitações internas. Para Freud o princípio de prazer decorre do princípio de constância, ou falando de outra maneira, é o princípio de constância o fundamento econômico do princípio do prazer.

Porém, ele irá observar através do estudo dos fenômenos de repetição, dos sonhos traumáticos, da repetição na transferência e do jogo infantil do *Fort-da*, que o princípio do prazer não consegue ser o único responsável pelo funcionamento do aparelho psíquico, já que existe uma tendência mais originária, mais elementar e mais pulsional que vai participar deste funcionamento. Começa aí a construção do conceito de pulsão de morte na obra freudiana.

No texto “O Ego e o Id” (1923a, p.69), Freud retorna ao conceito inconsciente de culpa, vinculando-o ao supereu e remetendo-o ao que transcende ao princípio do prazer. Neste texto ele define o supereu como uma instância diferenciada do eu, mas que o domina. Em “Luto e Melancolia”, já era possível verificar uma alusão ao supereu por esta via, quando Freud diz: “Vemos como uma parte do eu opõe-se a outra, julga-a de forma crítica e, por assim dizer, toma-a como objeto” (1017 [1915], p. 280). A formação do supereu constitui-se como uma construção relacionada ao declínio do complexo de Édipo. Ao renunciar aos seus desejos incestuosos pela mãe através da interdição paterna, a criança deixa de investir os pais como objeto sexual e passa a identificar-se com eles ao interiorizar tal interdição.

Segundo Freud “[...] a instalação do superego pode ser classificada como exemplo bem sucedido de identificação com a instância parental.” (1933 [1932], p. 83). Não se trata de identificação a uma pessoa, nem da imagem que a criança tem dos pais, mas do superego destes que vem representar as tradições, os juízos de valores que advém das outras gerações. Então o superego se constitui como a sede do ideal do eu e agente controlador do eu para que este realmente se mantenha a altura de seu ideal. Por outro lado, Freud o apresenta como um tirano, tão amoral e cruel quanto o Isso. No texto “O Ego e o Id” (1923a) ao relacionar o superego com as pulsões de vida e de morte, ele diz que do ponto de vista da limitação das pulsões, isto é, da moralidade, “pode-se dizer que do Id que ele é totalmente amoral; do ego, que se esforça por ser moral e do superego que pode ser supermoral e tornar-se então tão cruel quanto somente o Id pode ser.” (Idem, *Ibidem*, p.70-71) e mais adiante, ainda a respeito do mesmo tema, alude que:

Para com as duas classes de instintos, a atitude do ego não é imparcial. Mediante seu trabalho de identificação e sublimação, ele ajuda os instintos de morte do id a obterem controle sobre a libido, mas, assim procedendo, corre o risco de tornar-se objeto dos instintos de morte e de ele próprio perecer. (Idem, *Ibidem*, p. 73).

Vemos aí que o eu, em seu trabalho sublimatório de desunião das pulsões, libera as pulsões de agressão dentro do superego. De forma que, nesta luta contra a libido, o eu fica submetido ao superego e exposto ao perigo de maus tratos e mesmo de morte.

Se por um lado ele representa o vestígio psíquico da solução encontrada para o conflito edípico entre a realização do incesto e sua impossibilidade, por isso mesmo chamado de “herdeiro do complexo de Édipo” (Idem, *Ibidem*, p. 64), ele se encontra disjunto da lei. Podemos dizer que a lei é solidária ao desejo, o superego não, por isso ele ordena ao sujeito o impossível. Enquanto a lei é interpretada com um “não pode!”, o superego diz: “pode!”, instaurando assim o sujeito em sua *Spaltung*.

Freud chama de incesto a esta injunção irresistível do Isso que leva o eu a violar todas as fronteiras para se dissolver em um êxtase que está além de qualquer prazer. Trata-se aí do superego como porta-voz do Isso, que demanda o impossível e o exige a qualquer custo. Por esta via ele representa o fracasso da metáfora paterna bem como do ideal do eu que une o desejo à lei.

Desta forma, Lacan introduz uma leitura do superego da segunda tópica freudiana, na qual alerta sobre o Isso como um imperativo de gozo. Inclusive observa que o imperativo

categórico formulado por Kant, exige que o sujeito recue diante de sua dimensão desejante, para agir única e exclusivamente por dever. Em sua leitura acerca de *Das Ding*, ao longo de O Seminário 7 sobre a *Ética da Psicanálise* (1959-60), Lacan adverte que, quando o sujeito se aproxima da Coisa, há o efeito de uma outra lei, uma lei moral, a determinação de uma vontade, de uma vontade imperativa. A máxima kantiana produz um efeito sentimental de dor. “Essencialmente a dor. A dor de outrem e, igualmente a dor própria do sujeito, pois, são apenas uma só e mesma coisa [...]” (Idem, *Ibidem*, p.102). Bem mais tarde em seu ensino, Lacan retoma esta questão ao dizer: “Nada força ninguém a gozar, senão o superego. O superego é o imperativo do gozo – *Gozza!*” (1972-73, p. 11).

Quando se referem às toxicomanias os autores falam comumente de uma realização pulsional pelo caminho mais curto, remetida à pulsão de morte ou mais exatamente à prática de um gozo destrutivo. Isto quer dizer que a aliança entre o superego e a pulsão, converge para uma injunção cruel, ao invés de funcionar como uma barreira ao gozo mortífero e exige o abandono por completo daquilo que é da ordem do desejante.

Na verdade, Lacan só reconhece a existência de uma pulsão – a pulsão de morte – que insiste através da repetição, esta repetição que visa uma busca sempre não atendida de uma satisfação absoluta para o ser vivo sexuado.

Daí vocês compreenderem que – pela mesma razão que faz com que seja pelo logro que o vivo sexuado seja induzido à sua realização sexual – a pulsão, a pulsão parcial, é fundamentalmente pulsão de morte, e representa em si mesma a parte da morte no vivo sexuado (1964, p195).

A fantasia representa a busca de satisfação da pulsão submetida ao princípio do prazer. Seria a pulsão em sua face de pulsão sexual, ou a pulsão de morte sexualizada, fundida com Eros. Assim, toda pulsão é pulsão de morte, mesmo que muitas vezes ela venha a se revelar por sua faceta de pulsão sexual; mas no fundo, o que a pulsão deseja obter, ao investir os objetos sexuais, é o objeto impossível, que Freud denominará *das Ding*.

Segundo Ricardo Goldenberg, retornando a injunção da pulsão de morte e do superego, não seria um exagero dizer que, em relação ao superego, “tudo o que não está proibido é obrigatório, o que nos deixa de frente para o deserto da liberdade humana” (2004, p. 40). Assim, de “advogado do isso” o superego passa a ser representante da pulsão de morte. Trata-se então de uma agressividade não sexualizada ou libidinal, muito encontrada na clínica das melancolias e também na das toxicomanias.

Uma vez que toma o partido do recalque contra a libido, o eu cria as condições de sua própria derrota, deixando o campo livre às pulsões de morte. A identificação com o pai não trouxe paz, mas apenas rachou a função paterna entre um juiz (o ideal do eu) e um carrasco (o supereu), lugar de retorno da pulsão de morte sobre o sujeito (Idem, Ibidem, p.42).

Marco Antônio Coutinho Jorge, esclarece a questão da pulsão de morte em Lacan, ao afirmar que,

[...] Trata-se de um único vetor. [...] a pulsão é imperiosa, ela exige, a todo custo, a satisfação, ela jamais renuncia a obter a satisfação que almeja, é imperiosa, é de uma exigência radical.[...] Satisfação que, no entanto, é impossível de ser obtida, diz Freud.[...] porque o objeto que daria a satisfação à pulsão[...] não existe.(2003, p.30)

Para o autor não existe diferença entre o funcionamento do psiquismo do neurótico e do toxicômano, apenas, no momento em que caberia um luto, o toxicômano coloca a droga neste lugar, objeto este que lhe dá a ilusão de um gozo ilimitado.

O campo da fantasia do toxicômano grave vai se rarefazendo. Tudo o que se oferece para ele, enquanto elemento de prazer e de gozo fálico, gozo parcial, ele rejeita, porque ele está com aquela ilusão – até certo ponto ilusão, até certo ponto não, e aí que reside o poder da droga – daquela vivência de gozo absoluto. [...] O grande drama do toxicômano é que ele chega a entregar tudo para o Outro, contanto que este lhe entregue a droga (Idem, Ibidem, p. 37).

3.4. O ato toxicomaníaco não é uma compulsão à repetição

Em um primeiro momento da obra freudiana, principalmente no texto “Recordar, Repetir e Elaborar”, de 1914, a repetição está relacionada a uma repetição sintomática. O que se repete: “suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter” (1914a, p. 198). Desta forma, inicialmente, a repetição comparece como algo que obedece ao próprio movimento neurótico de insistência significativa. A repetição é aqui concebida como um conceito técnico que amplia o campo da transferência, ao dar às atualizações uma importância no processo psicanalítico.

Estudando as neuroses de guerras, os sonhos traumáticos, o jogo infantil do *Fort-da* e as neuroses de destino, Freud localiza a compulsão à repetição que, ao contrariar o princípio do prazer, obriga o sujeito a uma insistente repetição. A questão freudiana é que nada do

funcionamento do aparelho psíquico pode explicar o caráter repetitivo de situações desagradáveis, a não ser a formulação de “uma compulsão à repetição, algo que parece mais primitivo, mais elementar e mais pulsional do que o princípio do prazer que ela domina” (1920, p. 37).

Até 1920, Freud pensava na hegemonia do eixo princípio do prazer/princípio de realidade que sustentava as exigências do próprio sistema inconsciente. A partir desta data, o estudo da compulsão à repetição ligada à pulsão de morte cria um obstáculo a esta hegemonia, que passa a ser constituinte do aparelho. Isso quer dizer que a nova conceituação freudiana, no dizer de Lacan, inclui a cadeia significativa que se incorpora ao próprio funcionamento do aparelho psíquico. Pode-se dizer que, a partir de 1920, a pulsão de morte faz furo no psiquismo, engendra agenciamentos que, se por um lado constituem o sistema inconsciente propriamente dito, ao mesmo tempo não se submetem ao princípio do prazer.

A repetição deixa de ser uma “recordação” atual e passa a ser aquilo que resiste à lógica do processo psíquico secundário baseado na linguagem. Será na noção mesma de trauma que Freud passará a localizar a compulsão à repetição. A teoria freudiana utiliza as noções de energia livre e energia ligada. Formula que, para a energia livre ser ligada, é necessário que o investimento pulsional seja suficientemente alto e controle a invasão contínua de excitação livre. Para tal, é estabelecido um contra-investimento, um recurso próprio ao recalque original que, funcionando como medida protetora contra a invasão de energia promove a ligação, ou seja, realiza uma canalização das pulsões desregradadas do processo psíquico primário.

No caso das neuroses traumáticas, elas rompem com esse escudo protetor, pois o aparelho psíquico não é capaz de ligar as quantidades de energia que chegam. É deste ponto que são promovidas as compulsões à repetição que levam o sujeito a retornar à situação traumática, em uma tentativa de vincular essa experiência psiquicamente. Isto que não ocorre no ato repetitivo do drogar-se. Portanto, o ato de se drogar não insere nenhuma tentativa de elaboração do sujeito, por isso este se esquiva da afirmação do recalque, quando se trata de uma neurose.

Como nem sempre a compulsão à repetição obtém êxito nestas tentativas de ligação, permanece algo que se dirige para além do princípio do prazer. Isso levará Freud a distinguir duas classes de pulsões: as que querem conduzir o sujeito à vida, à *Eros*, e outras que querem conduzir o sujeito à morte, ponto em que o toxicômano se inclui, invariavelmente. Assim, as

pulsões ditas sexuais, ligadas à renovação da vida, se constituem como um desafio para o sujeito em análise.

Então, o que Freud (1914b) formulou no dualismo pulsão sexual *versus* pulsão de auto-conservação, mereceu, em 1920, uma nova dicotomia pulsional inscrita como pulsão de morte *versus* pulsão de vida. As pulsões de vida, opondo-se às de morte, vão de encontro à tendência regressiva que efetua um trabalho destrutivo e silencioso; elas tendem a produzir formas organizadas.

O trauma é definido como a impossibilidade de representação, o lugar onde não se produz sentido algum, lugar de horror no qual se instala a pulsão de morte. Este conceito passará a ser fundamental para o desenvolvimento do processo de construção da própria teoria psicanalítica, trazendo compreensão a uma série de fenômenos até então tidos como enigmáticos.

Em *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan reequaciona o conceito de compulsão à repetição da segunda tópica freudiana para situá-lo como um dos lugares de encontro com o real. Ele observa que a repetição não se confunde com os circuitos de entrecruzamento significativo, nem com a função de retorno. Existe algo na repetição que não se reduz aos efeitos de deslizamento da cadeia associativa, apesar de não deixar de ter alguma relação com ela. Ao trabalhar o conceito de compulsão à repetição, ele o relaciona ao real enquanto “o que retorna sempre ao mesmo lugar, este lugar onde o sujeito não o encontra” (1964, p. 52). O real não se faz na cadeia significativa, mas faz parte da estrutura.

Tomando de empréstimo da física aristotélica os conceitos de *Automaton* e *Tyqué*, Lacan avançará na compreensão da compulsão à repetição. Dirá que ela se dá por duas vias. A primeira – o *Automaton* – representa a rede de significantes que se repetem. Aí se situam as possibilidades de padrão de repetição da rede simbólica, na qual determinadas leis – como a simetria, a constância e a alternância – produzem os efeitos da própria cadeia significativa. Consistem em toda a lógica que rege o funcionamento da determinação simbólica. A segunda – a *Tyqué* – refere-se à repetição concebida como um encontro com o real (1964, p.57), o real entendido além da rede significativa e dos efeitos de retorno do recalado. Trata-se da repetição correlata ao funcionamento da pulsão de morte que não tem representação, mas comporta a verdade do sujeito além do princípio do prazer. É importante ressaltar que a *Tyqué*

segue promovendo no discurso do sujeito o aparecimento de novas significações, através do retorno incessante do significante produzido pelo *Automaton*.

Lacan inclui, em *O Seminário 11*, o esquema da nassa que demonstra bem o percurso da pulsão em direção ao objeto de satisfação, mas ela apenas o contorna. Não somente a satisfação é colocada em termos de impossibilidade, como também é no sintoma que acontece alguma realização da mesma: o gozo. A situação é paradoxal, uma vez que o gozo constata o efeito do curto-circuito da pulsão e do princípio do prazer. A pulsão de morte – dessexualizada e sempre insistente tal como a compulsão à repetição –, exige seu reconhecimento junto ao sujeito que tropeça com o real.

Em *O Seminário livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-70, p.17-18) Lacan mostra a conjunção saber-gozo e o limite do saber que aí se inscreve, bem como a forma como se inscreve a repetição. Ele ensina que a articulação disto com o objeto mais-de-gozar aparece não sob a forma de uma transgressão ou de um forçamento, porque se trata, antes, de “irrupção, queda no campo de algo que é da ordem do gozo – um bônus” (Idem, *Ibidem*, p.18).

Lacan acrescenta mais questionamentos que, em meu ponto de vista, são aliados preciosos para o psicanalista que trabalha junto à clínica das toxicomanias. Ele se pergunta o quê tal bônus paga, “senão justamente o gozo, o qual é preciso que vá para algum lugar. O que há de perturbador é que, se o pagamos, o temos, e depois, a partir do momento em que o temos, é urgente gastá-lo. Se não se o gasta, isso traz todo tipo de conseqüências” (Idem, *Ibidem*, p. 18).

Neste sentido, a relação sujeito-droga contém o paradoxo pontuado por Lacan. Na verdade, o toxicômano paga para obter o gozo, mas paga também com as conseqüências que lhe advém no corpo, uma vez que este dispêndio de gozo acarreta a vinculação com a pulsão de morte. Cabe, portanto, ao analista, fazê-lo se religar à *Eros*. O problema do toxicômano é quanto ao uso que ele faz do dispêndio de gozo na medida em que este permanece em seu próprio corpo, pois se trata de um gozo auto-erótico, autístico, monótono.

Além disso, a *Tyqué* traz novas teorizações sobre a clínica do ato, quando se trata destes atos insensatos comumente realizados na clínica das toxicomanias. Nestas passagens ao ato o sujeito visa se colocar como objeto que completaria a falta do Outro, o que é representado pelo matema $S(A)$. Assim o toxicômano, ao pretender dar consistência ao Outro, acaba por fazê-lo equivaler a um gozo mortífero revestido pela pulsão de morte, que coloca o

sujeito fora da cena fantasmática em que se sustentava em sua neurose. Várias manifestações corporais – ferimentos, acidentes e situações de risco letal, overdose e outros – frequentemente encontradas na vida do toxicômano, aquele que sem a droga não suporta a castração. Quando a fantasia fracassa em manter o gozo nos limites do desejo, o sujeito desaparece. Se, como dissemos acima, a *Tyqué* contribui para promover novas significações – pois o sujeito deve encontrar uma solução possível diante do real –, a insistência do uso da droga não contribui para tal fim.

A compulsão à repetição é, portanto, um produto da pulsão de morte que fixa o sujeito em seus pontos de gozo. Mas, levando em consideração o que foi desenvolvido acima, não é possível comparar este gozo autístico que se repete com o conceito de compulsão à repetição, tanto em Freud quanto em Lacan. No primeiro, por estar relacionada a uma tentativa de elaboração do trauma; e no segundo, por estar relacionada ao gozo discursivo, mesmo em sua vertente de *Tyqué*, que como foi abordado, apesar de ser inassimilável, promove o aparecimento de novas significações no sujeito, o que definitivamente não encontramos no ato repetitivo de se drogar. Este, pelo contrário, leva o sujeito a romper com o falo e, conseqüentemente, com o Outro, como já foi amplamente explicado nos capítulos anteriores desta Dissertação.

3.5. As operações de alienação e separação: uma releitura de Lacan

Com o intuito de compreender melhor a dimensão do gozo no circuito de uma neurose, em particular do gozo auto-erótico que se coloca nas toxicomanias, é importante recorrer ao que Lacan desenvolveu em dois seminários. Primeiramente as operações da alienação e separação articuladas em *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Em seguida, a inversão conceitual processada em *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (1968-69).

No primeiro, “O Outro é o lugar no qual se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer.” (Idem, 1964, p. 193-194). O significante, produzindo-se no campo do Outro, faz surgir o sujeito, cuja característica “[...] é de estar sob o significante que desenvolve suas redes, suas cadeias e sua história, num lugar indeterminado” (Idem, *Ibidem*, p. 198). A relação sujeito-Outro se engendra num processo de hiância. Os processos devem, certamente, ser

articulados como circulares e não recíprocos em três níveis: a do sujeito chamado ao Outro; a do sujeito pelo que ele viu a si mesmo aparecer no campo do Outro; e a do Outro que de lá retorna.

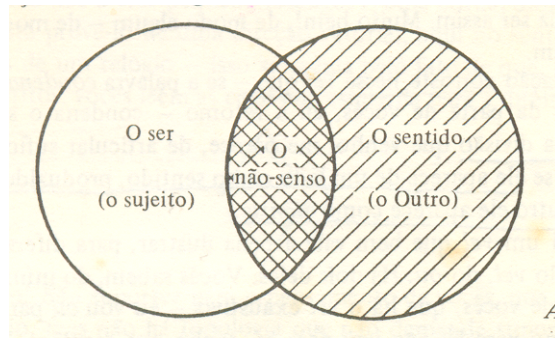
A primeira operação que funda o sujeito – alienação – equivale à operação lógica da reunião (Idem, *Ibidem*, p. 200) assentada na lógica proposicional. A segunda operação – a separação – é representada pela interseção de dois conjuntos sendo constituída pelos elementos que pertencem a ambos (Idem, *Ibidem*, p. 202). Lacan inclusive situa os círculos de Euler para grafar as operações que fundam a subjetividade – a reunião e a interseção – concernentes à alienação e à separação, respectivamente.

Quando Lacan menciona a operação de reunião, é importante constatar que ela se distingue da adição. Porque, nesta última, trata-se de somar todos os elementos dos dois conjuntos, como por exemplo, se num círculo existem cinco elementos e no outro a mesma quantidade, ao adicioná-los se obtém dez. Enquanto que na reunião destes mesmos elementos, a soma é oito, pois os dois que pertencem a ambos os círculos, desaparecem (Idem, *Ibidem*, p.200). Daí essa equivalência entre a operação de alienação e a reunião.

O vel da alienação se define por uma escolha cujas propriedades dependem do seguinte: que há, na reunião, um elemento que comporta que, qualquer que seja a escolha que se opere, há por consequência um *nem um, nem outro*. A escolha, aí é apenas a de saber se a gente pretende guardar uma das partes, a outra desaparecendo em cada caso.” (Idem, *Ibidem*).

Esta lógica que comporta a alienação é amplamente exemplificada quando Lacan demonstra que este “ou”, por estar na linguagem, pode comparecer como *A bolsa ou a vida!*, deixando claro que ao escolher a bolsa, perdem-se ambas e ao escolher a vida, será uma vida sem a bolsa, ou seja, decepada. Utilizando-se de Hegel que coloca para a via da entrada do homem para a escravidão a questão da *liberdade ou a vida!* De novo Lacan demonstra o fator letal desta escolha alienante pautada na lógica da reunião, pois se escolher a liberdade, ambas se perdem, enquanto que a escolha pela vida, resultará numa vida sem liberdade. (Idem, *Ibidem*, p.201)

Mas retornando à constituição do sujeito a partir do campo do Outro e utilizando esta mesma lógica, ou seja, da reunião para fundamentar a alienação do sujeito ao significante, Lacan (Idem, *Ibidem*, p.200) oferece a seguinte figura:



Dela, pode-se dizer que o ser do sujeito é aquele que está ali sob o sentido. Escolhendo o ser, o sujeito desaparece, ele escapa, cai no não-senso. Escolhendo o sentido – o qual só subsiste decepado dessa parte de não-senso, que constitui o inconsciente – perde-se o ser. A natureza deste sentido, visto no lado direito da figura, tal como ele emerge no campo do Outro, é eclipsado pelo desaparecimento do ser induzido pela função mesma do significante.

Lacan – ao fazer uma releitura do termo *Vorstellungsrepräsentanz* utilizado por Freud para explicar o recalque – nos diz que este termo pode ser localizado nos mecanismos originais da alienação, na medida em que

o significante unário, surge no campo do Outro, e no que ele representa o sujeito, para um outro significante, o qual outro significante tem por efeito a *afânise* do sujeito. Donde, divisão do sujeito – quando o sujeito aparece em algum lugar como sentido, em outro lugar ele se manifesta como *fading*, como desaparecimento. Há então, se assim podemos dizer, questão de vida e de morte entre o significante unário e o sujeito enquanto significante binário, causa de seu desaparecimento. O *Vorstellungsrepräsentanz* é o significante binário (Idem, Ibidem, p.207).

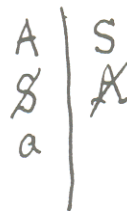
Portanto, o essencial do vel alienante é o fator letal. Esta é uma eleição forçada, e qualquer que seja a escolha, o efeito é de perda. A alienação não condena o sujeito a só se ver no campo do Outro. Ela consiste nesse vel que condena o sujeito a só aparecer nessa divisão: se ele aparece de um lado como sentido produzido pelo significante; ou se, do outro lado, ele aparece como *afânise* (*fading*, desaparecimento), tal como Lacan metaforizou através da expressão *A bolsa ou a vida*. Ao sujeito resta estar entre um significante e outro, ele é da ordem do não ser, do resto.

A segunda operação – a separação – conclui a circularidade da relação sujeito-Outro e se constitui como um efeito da alienação. A lógica desta operação de separação é representada pela interseção ou produto – borda, hiância.

No entanto, o dado fundamental apontado por Lacan (Idem, Ibidem, p.194-195) diz

respeito ao fato da operação de interseção surgir do recobrimento de duas faltas. A primeira que se caracteriza por ser uma falta real: ela é anterior, sendo o que o ser vivo perde ao se reproduzir pela via sexuada. E a segunda, refere-se a uma falta simbólica, proveniente da operação de alienação. Trata-se do advento do sujeito como ser inscrito na dependência do desejo do Outro; à falta que se presentifica no Outro, o sujeito responde com sua própria perda na alienação. Através da operação de separação o sujeito considera, em sua leitura do parental, o ponto fraco da articulação significativa, ou seja, o ponto em que ela é essencialmente alienante. No intervalo entre estes dois significantes que vive o desejo oferecido ao balizamento do sujeito na experiência do discurso do Outro, do primeiro Outro, com o qual ele tem que lidar.

Em *O Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63, ps. 36, 128, 178-179, 192 e 258) Lacan já havia introduzido diversos esquemas da constituição do sujeito, isto é, como este surge no campo do Outro, deixando como produto um resto, o objeto *a*, causa de desejo e objeto da angústia.



Primeiro esquema da divisão

Onde se pode traduzir a seguinte legenda:

A – representa o dado bruto, equivalente ao Pai da Horda Primitiva mencionado por Freud em “Totem e Tabu” (1913 [1912-13]), o Outro absoluto, não castrado, que não oferece ao sujeito a possibilidade de reconhecimento da castração;

S – representa igualmente o sujeito bruto, mítico, hipotético, sujeito que está por advir. Em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1958b, p.555), Lacan se refere a ele como “S, sua inefável e estúpida existência”;

\mathbb{A} – é o campo do Outro, lugar onde se aloja o tesouro dos significantes; é, por excelência, o ponto central do registro do simbólico, porque contém o binário significante S_1 - S_2 , ou melhor, o campo do saber.

\mathbb{S} – é o sujeito do significante que surge no intervalo entre S_1 e S_2 , portanto sujeito

lacunar, leve, esvaziado do gozo que cai como resto do Outro.

Já o sujeito barrado, o único a que nossa experiência tem acesso, constitui-se no lugar do Outro como marca do significante. Inversamente, toda a existência do Outro fica suspensa numa garantia que falta, donde o Outro barrado. Dessa operação, no entanto, há um resto, que é *a*. (Idem, 1962-63, p.12).

No final deste Seminário, quando Lacan (Idem, Ibidem, p.192) discorre sobre a tríade gozo-angústia-desejo, ele conclui com um esquema mais completo que aqui reproduzo:

A	S	Gozo
<i>a</i>	A	Angústia
§		Desejo

A angústia entre o gozo e o desejo

Portanto, A e S representam no esquema acima o Sujeito e Outro míticos, anteriores à divisão feita pela barra que cairá sobre ambos. Este primeiro patamar do esquema é do Gozo, ainda não se considera a existência do A e §. Depois, a castração instaura a divisão do Outro e, conseqüentemente, a do sujeito. Isso não é outra coisa senão o reconhecimento de ambos atravessados pela linguagem, pela lei da proibição do parricídio e do incesto, que uma vez instaurada, só aponta uma direção possível na neurose, a saber: o desejo, mas não sem antes passar pela angústia.

Lacan ilustra muito claramente neste grafo, a Angústia localizada, entre o Gozo e o Desejo. Trata-se de perceber no esquema acima que o objeto *a* e o Outro barrado situam-se no patamar da Angústia; uma vez que o objeto representa a parte faltante no A, falta esta que constitui o ponto de angústia do §. Isso quer dizer que o desejo do sujeito barrado mantém íntima relação com a sua intenção de preencher esta falta do Outro castrado, forma com a qual o § almeja velar sua própria castração. No entanto, sabe-se que, neste mesmo seminário, Lacan insere uma elaboração paradigmática, distinta da angústia de castração teorizada por Freud, visto que demonstrará que a angústia é o temor de que a falta, falte.

A Unheimlichkeit é aquilo que aparece no lugar em que deveria estar o menos-*phi*. A aquilo de que tudo parte, com efeito, é a castração imaginária, porque não existe, por bons motivos, imagem da falta. Quando aparece algo ali, portanto, é porque, se

assim posso me expressar, a falta vem a faltar (Idem, *Ibidem*, p.51-52).

O objeto *a* representa o que restou da operação, evidentemente, não é um objeto comparável a um objeto comum do mundo sensível, pois funciona como causa de desejo e remete a uma falta que o símbolo não supre. Falta radical inseparavelmente ligada à constituição do $\$$. A barra incide sobre o sujeito e faz cair o objeto num mesmo golpe. O *a* define-se, então, como testemunha de um gozo perdido no Outro, marcando que não há relação sexual. Neste caso, trata-se do objeto que tem a função de causar o desejo.

Na verdade, tal objeto não tem imagem e o sujeito tenta imaginá-lo através dos objetos compartilhados. Apesar do objeto *a* ser um resto da operação significativa, um resto inapreensível, ele incide sobre a experiência do sujeito. Portanto, os objetos *a* ao se declinarem de uma série de extrações corporais – seio, fezes, voz, olhar – representam, em cada extração, o elemento não especularizável que falta à imagem. O objeto *a*, como mais-de-gozar, é o objeto da pulsão, o qual pode ser representado por qualquer objeto, conforme mencionado no item 2.3.2. desta Dissertação. Nele, foi mostrada a diferença entre o objeto *a* como causa de desejo que coloca o circuito pulsional em movimento, e o objeto mais-de-gozar que enfatiza o retorno do circuito pulsional no corpo.

Porém, a satisfação pulsional do ser falante é sempre parcial na medida em que a linguagem leva à renúncia do gozo. Assim, o objeto mais-de-gozar circunscreve essa renúncia sob a égide do efeito do discurso. Desta forma, a própria renúncia disponibiliza diversas manifestações do mais-de-gozar no mercado da civilização.

A droga é um objeto de troca, compartilhável. Ao entrar na economia psíquica do toxicômano tem a particularidade de possibilitar um gozo autístico que prescinde do Outro, porque rompe com o falo. Esta questão foi amplamente articulada no item 2.3.3. desta pesquisa.

Entretanto, em *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (1968-69, p.312), Lacan introduzirá modificações nesta estrutura ao se perguntar de qual desvio decorre a eclosão de uma neurose. Responde à questão retomando o que Freud desenvolveu no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914b, p.93) no qual Freud afirma que, no princípio, a criança encontra-se dominada pelas pulsões auto-eróticas; é necessário adicionar uma nova ação psíquica ao auto-erotismo para provocar o narcisismo que funda o eu enquanto unidade corporal. Segundo Lacan (1968-69, p.312), neste momento de positivação do gozo auto-erótico, irá se produzir, concomitantemente, a positivação do sujeito como dependência do

desejo do Outro.

Cabe ressaltar a importância do objeto *a* neste processo, “não por ele se presentificar nisso, mas por demonstrar retroativamente que era ele que criava, antes, toda a estrutura do sujeito.” (Idem, *Ibidem*) Remetendo-se à pulsão epistemofílica, tão singelamente tratada por Freud em alguns momentos de sua *Obra*, e que releva a relação entre a curiosidade sexual e toda ordem do saber, Lacan irá atribuir-lhe enorme importância no que se refere à posição do sujeito. Lacan considera que nisto Freud aponta para a junção entre:

[...] aquilo em que o sujeito pode encontrar sua essência real como falta-de-gozo e mais nada, seja qual for o representante pelo qual ele tenha que se designar em seguida, e [...] o campo do Outro, na medida em que nele se ordena o saber, tendo no horizonte o campo, proibido por natureza, do gozo, com o qual o gozo sexual introduz um mínimo de relações diplomáticas, que direi serem muito difíceis de sustentar (Idem, *Ibidem*).

Para Miller (2008, p.10), Lacan fornece neste seminário uma nova estrutura, ou melhor, uma nova construção da posição neurótica. A questão ressaltada por ele refere-se à preocupação de Lacan com a instalação da estrutura do ser vivente. Isto levou a uma nova construção da posição neurótica:

Lacan fez a eclosão de uma neurose depender de uma dupla posituação, a do gozo erótico – que é, antes de tudo, gozo auto-erótico, tal como o que irrompeu para o pequeno Hans – e a do sujeito como dependência – não como dependente – do desejo do Outro (2008, p.10).

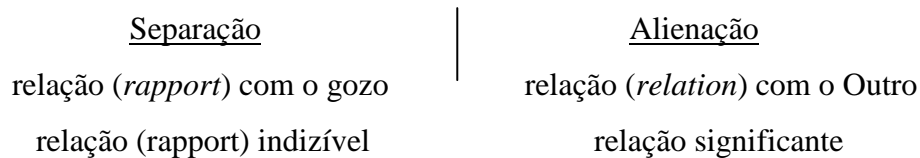
No entanto, o autor fará a diferenciação entre os termos *rapport* e *relation* quando utilizados nos campos do gozo e do Outro, respectivamente. Retorna ao Seminário, livro 16: *de um Outro ao outro* (1968-69, p.312), para explicar a interpretação de Lacan quanto à articulação da dupla posituação: do gozo erótico que se positiviza na dependência do desejo do Outro, mas que é distinto do peso que adquire o objeto *a*, retroativamente. Diz Miller que:

A posituação do gozo é a que se exprime pela expressão: “o sujeito surgiu da relação (*rapport*) indizível com o gozo” e, na segunda parte, “a relação (*relation*) com aquilo que tomará forma como Outro” se deixa referir a essa posituação do sujeito como dependência do desejo do Outro (2008, p.10).

Por tal motivo, valoriza dois tempos distintos: o da relação (*rapport*) com o gozo ou da relação sexual, e o da relação (*relation*) com o Outro. Ele acrescenta que existe um

desenvolvimento que toma a forma de Outro, mas que não é dado de antemão. O autor esquematiza a reviravolta processada neste Seminário 16 mostrando que há um *rapport* que ainda não aconteceu na *relation* do sujeito com o Outro do significante. Isto quer dizer que Lacan inverte o posicionamento das operações lógicas no início do ser: primeiro é a separação e, posteriormente, a alienação. Nesta reviravolta,

[...] Lacan se defronta com a relação (*rapport*) indizível com o gozo – o adjetivo indizível está aqui totalmente no seu lugar, visto imaginarmos uma relação (*rapport*) que ainda não acedeu à relação (*relation*) com o Outro, ao significante, do outro lado, porém, temos a relação (*relation*) significante ao Outro (2008, p. 11).



Miller (Idem, Ibidem) considera que Lacan sempre se interessou por este estranho “x em relação com o gozo”, pois este representa a própria função do indizível. Por isto Miller utiliza este *x* dentro do mesmo sentido que Lacan lhe ofereceu em *O Seminário: a angústia* e em *O Seminário: o avesso da psicanálise*. Uma breve localização das pontuações referidas ao primeiro caso, foi mencionada pelo autor no ponto em que Lacan (1962-63, p.191-192) apresenta os esquemas da constituição subjetiva: o *x* do sujeito primitivo que caminha em direção ao seu advento como sujeito barrado, já que é por intermédio do Outro que o sujeito se realiza. Então, este *x* está relacionado ao sujeito mítico que já foi abordado neste capítulo.

$$(S_1 S_2) \rightarrow A$$

Quanto ao segundo caso, o *x* foi pensado a partir do que Lacan (1967-70, p.17) desenvolve a respeito da relação (*rapport*) primitiva do saber com o gozo, sendo que é ali que o aparelho significante vai se inserir pela via da repetição.

$$(X \diamond J) \rightarrow S$$

Assim, a partir de *O seminário, livro 16*, Miller (2008, p. 12) afirmará que:

Esse esquematismo permite dizer que o que é visado pelo significante e pela repetição está fora de alcance. O significante tenta encontrar a relação (*rapport*) primitiva com o gozo, sem nunca o conseguir em seu caráter primitivo; o que é bem traduzido por essa posição posterior que lhe atribuímos.

Para este autor, Lacan neste seminário irá estruturar a clínica a partir de impossibilidades, de aporias, circunscrevendo as posições neuróticas como respostas. Nesta visada, a apresentação do gozo como um ponto infinito impossível de alcançar se atrela ao sentimento de insuficiência dos neuróticos. Trata-se de algo da ordem do “eu não consigo” que mascara o real da impossibilidade, fornecendo-lhe um alibi. A forma com que Lacan propõe pensar e manejar a clínica das neuroses leva em conta o real e o articula a partir de um impossível, o que será cada vez mais trabalhado nos seminários subsequentes. Permite explicar o gozo auto-erótico na neurose sob o ponto de vista teórico e clínico.

Nesta Dissertação, pode então ser interpretado o gozo atribuído ao neurótico em sua relação particular com a droga. Ele rompe com o gozo fálico sem recusar o significante Nome-do-Pai, o que o sustenta na estrutura neurótica. No entanto, paralelamente, ele rompe o laço com o Outro, mantendo-se na monotonia do ato repetitivo, de um constante renovar do gozo mortífero. Esta é uma das justificativas do que vem sendo chamado de “os novos sintomas” na atualidade.

Carlo Viganò (2008, p.5) se refere à droga como uma solução alternativa ao sintoma neurótico. Quando o autor divide a sexualidade em dois tempos, conforme citado no item 3.3. desta pesquisa, ele se respalda na conceituação teórica recortada de *O Seminário 16*. Isto esclarece sua alusão ao fato clínico de que muitos jovens, ao se depararem com a prova da iniciação sexual, alegam não possuírem os instrumentos subjetivos para tal. Se neste momento o jovem estabelece uma relação particular com a droga, ele pode não saber fornecer uma solução sintomática, de cunho neurótico. Então, ele fica paralisado na entrada do simbólico (Idem, *Ibidem*, p.1), fazendo da substância seu universo de referência, um tipo substitutivo de realidade. Em outras palavras, ele recua para a posição que Lacan, em *O Seminário 16*, chama de separação, que inclui a relação (*rapport*) indizível com o gozo.

3.6. A construção de dois casos clínicos de toxicomania

3.6.1. Um caso de toxicomania medicamentosa e suas interpretações

A., uma paciente de 54 anos, procura o CAPSad Raul Seixas com uma demanda inicial endereçada ao psiquiatra da instituição. Desejava a prescrição de receitas para poder continuar o uso abusivo de ansiolítico, Valium, uma média de 80 miligramas ao dia, pois a farmácia que lhe fornece a droga não vendia mais sem receita médica. Além disso, a compra dos medicamentos comprometia seu orçamento, sua intenção era obtê-los na farmácia gratuita da instituição. A princípio o psiquiatra acolheu a demanda de A., desde que ela se comprometesse a freqüentar a instituição e ser atendida por uma psicóloga.

A peculiaridade desta demanda de tratamento se encontra condicionada ao desejo da paciente em continuar o uso abusivo de medicamentos, tentando substituir a farmácia – que funcionava como um traficante de drogas lícitas – pelo psiquiatra. Nesta instituição especializada vigora o discurso analítico, diferente do que acontece em muitas outras nas quais esta demanda sequer seria acolhida. Nelas se espera que o sujeito se considere um toxicômano e demande a abstinência. No entanto, tendo o discurso analítico vigorado no CAPSad Raul Seixas, o psiquiatra aceitou inicialmente o papel a ele atribuído, mas sem deixar de lançar A. para um lugar no qual ela pudesse vir a retificar a demanda inicial, que como será possível perceber adiante, era justamente de falar e ser escutada.

Nas primeiras entrevistas a paciente quase não falava, limitando-se a responder às perguntas do psicanalista. Lígia Bittencourt (1993, p.18) aponta que as entrevistas preliminares servem para “a criação de um sintoma analítico, ou seja, que o paciente possa, progressivamente, organizar seu discurso, numa nova queixa endereçada ao analista e que designe um enigma”. A autora explica que a dificuldade destes pacientes que costumam necessitar de um longo período de entrevistas preliminares, encontra-se na relação de adesividade estabelecida com a droga com a qual eles constroem todo um saber sobre o corpo próprio. Isto dificulta a construção do analista como sujeito suposto saber, fator considerado importante para a transferência analítica e, portanto, da saída da etapa das entrevistas preliminares e entrada na análise propriamente dita.

Esta paciente não apresentava, inicialmente, nenhuma questão quanto ao fato de drogar-se, ao contrário, demonstrava o quanto a droga funcionava como uma solução para aplacar seu mal estar. Por se tratar de um caso de histeria, o desconforto de que se trata está relacionado ao impasse diante do sexo, inerente a qualquer ser falante, mas que A. transforma em impotência.

Relata a importância da medicação que lhe permite dormir praticamente o tempo todo, permanecendo acordada apenas para fazer as tarefas domésticas, que, aliás, vem efetuando cada vez menos. A medicação a impede de se importar com a presença-ausência do marido que ela assim descreve: “Ele acorda, toma o café, não fala comigo, vem almoçar, come em silêncio; chega em casa à noite, vê televisão, janta, sem dizer palavra, como se eu nem estivesse ali, e vai dormir. É isto todos os dias” (*sic*).

Antes de iniciar a medicação esta situação a angustiava, ela se desesperava com o silêncio do marido e brigava por ele ser “tão fechado” (*sic*). Agora não liga mais, pois os remédios a fazem dormir e não precisa que ninguém fale com ela. Neste primeiro momento a psicanalista só aponta: “Estou falando com você”.

Sabe-se que, de acordo com a orientação de Lacan, a droga permite que o neurótico rompa com o enlaçamento fálico sem deixar de se referir ao significante Nome-do-Pai, conforme foi abordado no item 3.3. desta Dissertação. Assim, estando o sujeito de alguma forma referido ao falo simbólico, este pode, a partir das identificações sexuais, procurar saber o que fazer com o fato de ser homem ou ser mulher. Naturalmente, isto funciona de maneira bastante precária, podendo haver surpresas, mal-entendidos, sintomas. Sem dúvida, a fantasia permitirá que o sujeito construa um véu para a não-existência da relação sexual, possibilitando laços amorosos. Por outro lado, a droga – na medida em que rompe com o falo e fragmenta a fantasia – se apresenta como uma solução terminante em relação às dificuldades de encontro entre os sexos.

Nas entrevistas posteriores, a paciente se torna mais *falante* sobre o que se passa ao seu redor, sobretudo em relação aos demais pacientes da instituição. A analista observa que, procedendo assim, A. está prestando mais atenção ao mundo, o que certamente não poderia fazer dormindo. A partir daí, a paciente traz algo mais em torno do significante *falante* e da forma como este se refere ao desejo do Outro.

No item 2.3. desta Dissertação foi abordada a relação do neurótico diante do desejo do Outro. Observou-se que, no grafo do desejo, a fantasia é uma conseqüência, uma resposta ao *Che vuoi?*, o suporte do desejo na clínica das neuroses. No caso da histeria, a estratégia consiste em criar um anteparo que assume, na fantasia, a característica do desejo de um desejo insatisfeito, isto é, uma leitura específica quanto à falta de satisfação. A realização do desejo, presente na fantasia e nos sintomas, faz com que a histérica goze através das lamentações.

Portanto, por esta via, a paciente lembra da infância em que a mãe, sempre ocupada, não conversava, pois tinha mais três filhos para educar, apesar de A. sempre procurar a fala da mãe. Para agradá-la, dedicava-se com afinco às tarefas domésticas, inclusive ajudando na criação dos irmãos mais novos; mas a mãe parecia não notar.

No item 3.2. desta mesma Dissertação foi dito que a menina, ao se deparar com os impasses inerentes à ressignificação da castração e da metáfora paterna, tende a uma identificação com o pai. A pergunta sobre “O que quer uma mulher?” é formulada a partir da posição masculina, no que isso comporta em ter ou vir a ter o saber que lhe falta.

O desdobramento significante *falante/não falante*, fundamental para A., gira em torno desta questão dirigida a todos, principalmente à mãe que lhe permite gozar de seu sintoma. Ao buscar um saber sobre o sexo e ao fracassar frente a esta empreitada, A. denuncia o real que aí comparece não somente para a estrutura histórica, mas também para a estrutura do ser falante enquanto tal. Isto na medida em que o falante entra na linguagem a partir da falta que o constitui, ou seja, em uma posição erógena de ser castrado pela ordem simbólica. Assim, na escola a paciente se sentia feliz porque podia tagarelar com os colegas e professores. Na verdade, o *blá-blá-blá* infantil convertia-se em uma forma de gozo que ela vai perdendo na adolescência. Talvez por isso se explique seu investimento amoroso no marido e a recorrência à droga quando este a desencantou.

O pai separou-se da mãe por causa da *infidelidade*, significante que permite o reconhecimento do Nome-do-Pai nas entrevistas preliminares, pois na fala de A. poucas são as referências ao mesmo. A vida da família se desestruturou, inclusive financeiramente, obrigando A. a largar a escola e trabalhar como doméstica ao final da puberdade, emprego que, de fato, a aproxima ao desejo do Outro materno. Este emprego não permitia que ela reforçasse o significante *falante*, pois os patrões trabalhavam e ela não tinha com quem conversar.

Conforme Lenita Bentes (1995, p. 36-37), nos casos de toxicomania é possível perceber claramente que, em função do lugar que a mãe coloca o filho, ou seja, como objeto que mascara sua incompletude, o pai fica esvaziado em sua função a cada vez que o sujeito precisa se deparar com sua própria castração, como, por exemplo, na adolescência. Entretanto a paciente, neste momento, não apela para as drogas, mas para o enamoramento, fazendo dele um dos seus sintomas.

Neste período conheceu o marido que, para seduzi-la, era *falante* e carinhoso. Casaram-se em pouco tempo e após dois anos tiveram uma única filha. A paciente declara que este foi o melhor tempo de sua vida. Porém, com o nascimento da filha, e ainda tendo que trabalhar, ela também ficou muito *ocupada*, reproduzindo o significante da mãe, por isso ambas não tinham a possibilidade de dar atenção aos maridos. Pouco tempo depois, o significante *infidelidade* do Outro paterno retorna no marido.

A. não quis repetir o modelo materno, por isso não pediu a separação. Porém, o casamento “foi por água abaixo” (*sic*): o silêncio e as brigas se instalaram, as traições prosseguiram. Ela se culpava por não ter se separado desde a primeira vez. Quando a histérica prenuncia a realização do desejo que não seja pela via da insatisfação, ela costuma recuar: assim fez a paciente. O que lhe deixava “danada da vida” (*sic*) é que o parceiro era *falante* com os outros, menos com ela. Desta forma, continuou gozando através da repetição da novela familiar.

Após sofrer um câncer de mama com mastectomia, A. parou de trabalhar e começou a fazer uso do ansiolítico prescrito pelo médico, devido à dificuldade de dormir. Daí em diante, a medicação tornou-se a solução e/ou a prova de seu estrago. Se até ali pensava na separação conjugal, depois que aumentou por conta própria a dose medicamentosa, a angústia em relação ao silêncio do marido diminuiu, pois ela possuía o recurso de sempre poder dormir.

A questão vinculada à cirurgia a qual a paciente se submeteu, merece ser interpretada em uma dupla vertente no tocante à angústia. Em primeiro lugar, a secção dos seios pode ter posicionado a paciente diante da angústia de castração, conforme a interpretação freudiana (1926 [1925], p.131). Principalmente em relação ao corpo feminino, pois o órgão é um fator crucial para a feminilidade. Apesar de não ter havido tempo para a paciente elaborar tais questões no atendimento, sabe-se que a droga serve para aplacar o insuportável que converge para o real do corpo próprio.

Por outro lado, Lacan ensina, em *O Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63, p.52) que a angústia tem ainda uma outra interpretação: ela é o temor de que a falta, falte. Diante disso, a paciente pode ter tido acesso a um gozo paradoxal para além da angústia de castração. Ao se reconhecer castrada pela secção de um dos órgãos que representam a feminilidade, ela passa a usufruir da droga que tampona o furo e a afasta das questões relacionadas ao sexo. Isso se comprova pelas freqüentes alusões introduzidas por A. referidas ao rompimento com o

falo e com o desenlaçamento do Outro: “Não me preocupo mais com nada, tanto faz se os outros falam comigo ou não” (*sic*).

Maurício Tarrab (2004, p. 76), em seu artigo *Mais-além do consumo – Parte II: algo pior que um sintoma*, afirma que:

Para esses desencontros, a droga tem uma solução terminante. Terminante porque, também, em muitos casos, termina com o sexo e com o próprio sujeito. É a solução que deixa cada qual para o seu lado. Só, com seu gozo. É a solução cínica do toxicômano. A solução que rechaça aquela do falo, mas, também, descarta o Outro sexo.

Diante destas considerações, Tarrab, neste mesmo lugar, lança uma hipótese interessante que auxilia o manejo da transferência no dispositivo analítico:

Para o toxicômano mulher, a droga é, também, um estrago, assim como pode sê-lo um homem ou a mãe. Uma análise deveria permitir-lhe que um significante do Outro tome o contorno do gozo pela via do amor, do amor transferencial; pela via de obter um saber sobre isso que a faz propensa a não ter limites. Isso deveria dar-lhe a chance de enlaçar-se a um parceiro que não a arrase, um parceiro que possa respeitar sua desigualdade (Idem, *Ibidem*, p. 76-77).

A psicanalista aponta como a paciente, ao não desejar seguir o modelo materno, acabou reproduzindo o mesmo. No decorrer das entrevistas preliminares, a analista enumerou os significantes: o nascimento da filha e o trabalho doméstico a mantinham *ocupada*, tal como a mãe que deixou de lhe dar atenção na infância; em consequência disso, o marido recorreu à *infidelidade*, tal como o pai de A.; da mesma, os afazeres domésticos não eram reconhecidos pelo marido e, em certo sentido, também pela mãe. Assim, A. aceitou o silêncio que tanto a incomodava. Sem dúvida a droga a ajudava a continuar mantendo o *status quo*.

Após estas intervenções, em sucessivas entrevistas, a paciente aceitou diminuir a medicação e concordou em participar de algumas atividades da instituição – tais como a Oficina da Palavra e a de Bijuterias –, aumentando o tempo de convivência no CAPSad Raul Seixas. A participação nas Oficinas Terapêuticas conduziu a paciente a um outro tipo de gozo, para além da droga.

Na Oficina da Palavra, ao comentar e escrever sobre os textos lidos pelo grupo, pode retomar o significante *falante* com os outros pacientes, como fazia quando estudava com seus colegas e professores. Na Oficina da Bijuteria, o que fazia era reconhecido na medida em que

os objetos construídos se revertiam como dádivas ao outro, um ganho de outra ordem que promovia o laço social.

Estes movimentos desencadearam uma nítida diferença na estética da paciente: na vestimenta, no sorriso, certo brilho no olhar e em sua comunicação com os demais pacientes com as quais agora parecia se importar. Um dia levou a irmã, com a qual não falava há tempos, para conhecer o CAPSad. Em outra oportunidade trouxe a filha que era “fechada como o pai”. (*sic*). Tratava-se do significante *falante* em pleno trabalho de elaboração.

Quando a psicanalista recebeu a paciente para atendimento esta possuía um olhar desbotado, adormecido sob o efeito da droga, por assim dizer, dava a impressão de estar deslibidinizada, sem uma fala que a sustentasse na malha do significante. Na verdade, A. relacionava-se com o outro e com o Outro de forma tal que podia ser interpretado um desenlaçamento depressivo crítico da histeria. No desligamento da psicanalista da instituição, um ano depois, A. parecia estar acordando.

3.6.2. Vinheta clínica a partir de material produzido na Oficina da Palavra

E.A., 48 anos, semi-analfabeto, começou a beber aos 11 anos, após a morte do pai, com quem trabalhava na roça. Na idade adulta, após a morte do irmão mais velho, ele e a mãe se transferem para o Rio de Janeiro. Porém em função de seus problemas com o álcool, ele não permanecia muito tempo nos empregos, tendo apenas se identificado com a ocupação de remarcador de preços em supermercados.

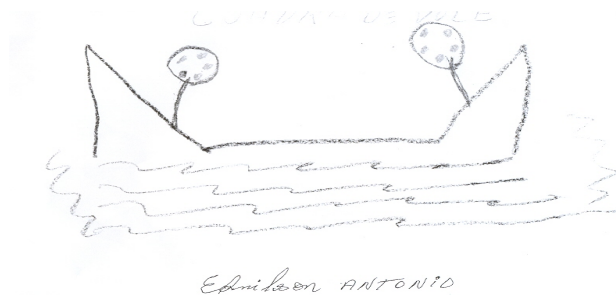
Porém, com o advento dos computadores, este cargo desapareceu. “Passei a ser mais nada” (*sic*). O sujeito passa do alento ao relento, pois a partir disto começa a freqüentar um local da comunidade em que mora – que ele nomeia de “sindicato” – que consiste em um sofá ao relento onde o paciente bebe e se droga todos os dias para “se manter ocupado” (*sic*). A droga serve para obturar um saber sobre o lugar onde ele não é ninguém.

Ao chegar ao CAPSad Raul Seixas, trazido pela mãe, E.A. demanda trabalho e não tratamento. O significante *trabalho* representa uma marca da relação com o pai, para quem o paciente era alguém. Por isso, E.A. pôde colocar o CAPSad no lugar da suposição de um saber, razão pela qual aceita o acolhimento da instituição participando *full-time* de todas as atividades.

Inicialmente comparecia em permanente estado de intoxicação: passava pelo “sindicato” antes de ir para o CAPSad, ou então saía para beber durante o período de estadia na instituição e depois retornava. A instituição percebia a situação e o acolhia, mas não permitia que ele freqüentasse quaisquer atividades, lhe oferecendo um leito para descansar até ser possível a participação. Após algum tempo, E.A. deixou de freqüentar o “sindicato” privilegiando o *trabalho* institucional: ele sai do relento para o alento, percebendo que tem um lugar.

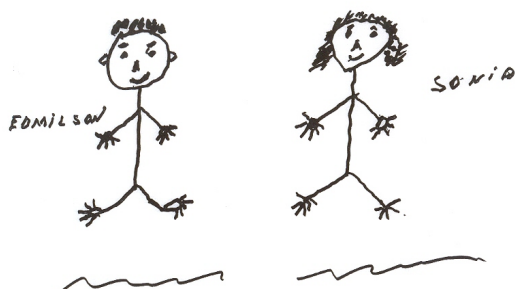
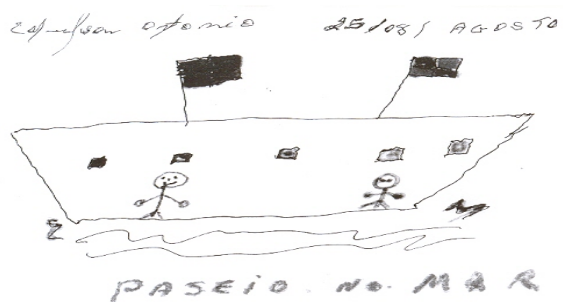
Prisioneiro do Outro absoluto, ao qual ele é complemento, a droga não é apenas o vício de encobrir a incompletude, mas também um apelo dirigido ao Outro para que intrevenha nessa relação narcísica com o objeto. É isto o que o toxicômano vai buscar na polícia, na instituição, no analista: uma dose de pai real que intervenha em sua relação com esse objeto que, antes de ser um objeto de consumo, é um objeto que consome. (Bentes, 1995, p. 36-37).

Nas entrevistas individuais ele falava pouco. No entanto, no dispositivo clínico da Oficina da Palavra, o paciente pôde fazer algumas elaborações fundamentais para seu tratamento. Depois da leitura e discussão de um texto sobre “o que se planta é o que se colhe” – que precipitou uma intensa discussão pelos pacientes terem utilizado a quadra de vôlei da instituição sem autorização –, EA fez o seguinte desenho:



Os demais participantes da Oficina questionaram o desenho, dizendo que ele parecia mais com um jardim do que com uma quadra de vôlei. O comentário produziu efeitos no paciente. Alguns dias depois, E.A. começou demandar à instituição a possibilidade de fazer um jardim no terreno baldio dentro do CAPSad. A partir desta função de *jardineiro*, ou de *roceiro* que capinava, o sujeito se posicionou em um novo lugar que o estimulava.

Em um passeio do grupo, programado pela instituição, começou a falar sobre as mulheres, como demonstram os três desenhos abaixo, os quais retratam o enlaçamento social.

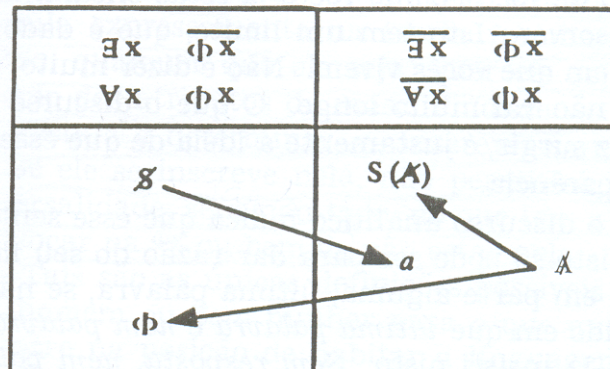


A partir destas produções gráficas, pode-se pensar na mesma citação de Maurício Tarrab (2004, p. 76-77) já mencionada no item anterior, aplicada aqui no sentido de valorizar a relação do homem com a droga e a importância da emergência sintomática no tratamento das toxicomanias.

Para o toxicômano homem, a droga não é um sintoma. A droga é, para ele, um estrago e ele deveria, então, conseguir um sintoma, ou seja, fazer de uma mulher seu sintoma. Uma análise deveria fazê-lo se enfrentar com essa passagem que permite, a um varão, fazer do horror à castração feminina uma causa de seu desejo.

Ao se distanciar da droga, a relação com o Outro sexo pôde emergir. Uma das dificuldades que se apresenta na clínica das toxicomanias é justamente não ter que se haver com a sexualidade; e para dar conta deste real que se apresenta na desarmonia da relação entre os sexos, a droga se apresenta como um poderoso utensílio. Esta questão foi amplamente trabalhada nos dois primeiros itens do presente capítulo.

Lacan (1972-73, p. 107) escreveu as posições masculina e feminina através das fórmulas quânticas da sexuação, nas quais é fundamental a referência à função fálica, função que os toxicômanos rompem. No quadro abaixo, a vertente masculina da sexualidade se apresenta do lado esquerdo, onde o \underline{x} significa o sujeito diante da castração. Primeiramente tal vertente se lê a partir de um enunciado universal correlato ao falocentrismo destacado desde a obra freudiana: “Todo sujeito está submetido à castração”: $\forall x \Phi x$. Depois, pelo enunciado que demonstra a exceção à regra: “Existe pelo menos um que não está submetido à castração”: $\exists x \overline{\Phi x}$.



A posição masculina somente poderá ser apreendida na incidência da segunda fórmula sobre a primeira, sendo ambas verdadeiras, como esclarece Catherine Millot (1989, p. 75):

A função do pai consiste simultaneamente em dar consistência ao mito de um gozo absoluto que ele encarna e em situar esse gozo como proibido, inacessível – a função fálica se fundando sobre a exclusão lógica deste gozo. Com efeito, o universal que caracteriza o masculino definiu-se pela castração, ou seja, pela exclusão do gozo absoluto. É a renúncia ao gozo que, na vertente masculina, coletiviza.

O que se percebe na clínica das toxicomanias com sujeitos neuróticos é que existe um velamento desta coletivização do segundo enunciado, ou seja, aquele que nivela os sujeitos

pela castração. Na época do Outro que não existe, a drogadicção é um novo sintoma que possibilita um gozo que não passa pelo Outro. De fato, o caso em construção – E.A. –, demonstra algumas evidências. Em primeiro lugar porque as mortes do pai e do irmão mais velho abalaram o significante Nome-do-Pai, bem como a função fálica, que ambos sustentavam. Lacan situa na parte inferior do grafo, na vertente masculina, o sujeito, $\$$, e o falo, ϕ , enquanto significante que sustenta o sujeito. Em segundo lugar, porque o sujeito deseja alcançar o lugar da exceção para si próprio, usufruindo de um gozo ilimitado.

Ainda na vertente masculina do grafo, parte uma seta unívoca em direção ao objeto causa de desejo, a , que se localiza do lado feminino. Isto permite teorizar sobre o matema lacaniano da fantasia, $\$ \diamond a$. Lacan ensina que, pela via do homem, a relação sexual que não existe só é possível ser pensada pela fantasia. Assim, esta é a única solução para a parceria amorosa com a mulher.

Só lhe é dado atingir seu parceiro sexual, que é o Outro, por intermédio disto, de ele ser a causa de seu desejo. A este título, como o indica alhures em meus gráficos a conjunção apontada desse $\$$ e desse a , isto não é outra coisa senão fantasia. Essa fantasia, em que o sujeito é preso, é, como tal, o suporte do que se chama expressamente, na teoria freudiana, o princípio de realidade. (Idem, Ibidem, p. 108)

Neste caso em construção, verificamos inicialmente que E.A. se encontrava alheio à atividade sexual, pois a droga fazia sutura. A partir do reposicionamento de seu lugar de sujeito – sobretudo a partir dos significantes *trabalho* e *roceiro* –, ele pode resgatar a fantasia com o Outro sexo.

Outro aspecto merece ser mencionado na construção deste caso, uma questão referida ao nome próprio e à especularidade. Em determinado momento, o paciente convidou um amigo do “sindicato” para participar da Oficina da Palavra. Este amigo afirmou que ambos eram iguais, já que seu próprio nome, A., começava onde o nome de E.A. terminava. O paciente não aceitou a identificação especular que o amigo lhe propôs. Disse que seu A. era só dele, “veio do meu pai” (*sic*). Esta foi uma forma dele dizer que há um gozo que solicita a autentificação do Outro, bem como o resgate do reconhecimento do Outro. Indica ainda que houve uma desintoxicação do “nada falta” do registro especular – tema que foi tratado nos itens 1.1. e 2.2. desta Dissertação. Se antes a nomeação atribuída pelo Outro social era aceita pelo sujeito – “sou um toxicômano” –, a partir da recusa da identificação especular ele pode tomar a palavra e dar lugar à castração.

Este caso é emblemático para demonstrar a dificuldade tantas vezes apontada nesta Dissertação de manejar o gozo na clínica das toxicomanias. Ele indica a necessidade de outros recursos para além do dispositivo analítico clássico, tais como o dispositivo clínico-institucional das Oficinas Terapêuticas, as quais, neste caso em construção, possibilitou o enlaçamento social. Em uma instituição especializada, tal como o CAPSad Raul Seixas, que inclui a escuta psicanalítica como referência central, torna possível a desidentificação do paciente com a droga e o surgimento do sujeito sintomatizado. Na verdade, sabe-se que isto não acontece em outras instituições.

Massimo Recalcati trata esta questão no livro *Clínica del vacío: Anorexias, dependencias, psicosis*, na parte dedicada ao “Lo homogéneo y lo aleatorio: una aplicación del psicoanálisis a la clínica del grupo monosintomático” (2003, p. 313-326), texto considerado crucial para fundamentar esta Dissertação. O autor fala sobre as anorexias, mas em determinado momento ele generaliza a teorização aplicando-a aos sintomas sociais que sustentam a homogeneidade do Um em lugar de promover a particularidade do sujeito (Idem, Ibidem, p. 314). Por isso, a leitura que será feita aqui não apenas se centralizará em uma exegese deste artigo, como também terá como objetivo substituir a teorização aplicada à anorexia pela interpretação voltada para as toxicomanias, até mesmo porque o autor assim o permite.

Recalcati fornece indicações precisas sobre o manejo destes sintomas na instituição que possua uma escuta psicanalítica. Diz ele que, muitas vezes, só é possível criar uma demanda de tratamento através da inclusão do paciente em um grupo mono-sintomático (Idem, Ibidem, p.318). Se este parâmetro puder ser extensivo à clínica das toxicomanias, pode-se dizer que ele representa uma primeira forma de manejo clínico através da identificação ao “eu sou toxicômano”. Desta forma, antes da entrada no grupo, a identificação à insígnia “toxicômano” produz um efeito de nominação anônima, social, tal como Recalcati indica em relação às anorexias.

Em seguida, o autor diz que um segundo manejo se dirige ao “eu também”, isto é, o grupo mono-sintomático permite ao indivíduo uma identificação ao dispositivo grupal. Sua constituição se produz sobre este efeito óptico imaginário, de uma auto-segregação: ele individualiza a partir do que reúne, e não do que diferencia. “Mas é somente através da impostura do *eu também* que conseguimos enganchar uma demanda de tratamento, de outro modo impossível” (Idem, Ibidem, p.318). Isso dá lugar a uma versão renovada da

identificação coletiva inicial: pertencer a um grupo subtrai o isolamento da primeira identificação. Portanto, a primeira demanda alienada de identidade recebe uma resposta.

É importante aceitar esta segunda identificação não tentando extirpá-la, mas validando-a e tratando-a como uma demanda de reconhecimento (Idem, Ibidem, p.321). A constituição de um “nós” grupal ligado ao funcionamento espontâneo do dispositivo significa um efeito da primeira operação. O resultado é uma identificação que não rompe o laço social, mas consente a ele. Neste sentido, é uma identificação que alivia a angústia e que se opõe, em numerosas situações, à deriva mortífera da toxicomania.

Para Recalcati o grupo faz “síntoma” na medida em que produz um enlaçamento, um novo nó para o gozo cuja deriva conduziria o sujeito à destruição. Assim, o grupo torna-se um novo parceiro, algo que o toxicômano pode colocar entre ele e o empuxo-à-morte que o habita. O grupo desencadeia um movimento inesperado que esvazia a homogeneidade imaginária e que ativa, ao contrário, uma possibilidade inédita para o toxicômano repetir o que já foi. Esta precipitação é entendida como uma apreensão do aleatório do encontro, no sentido em que a contingência do encontro, tornada possível pelo dispositivo grupal, não desaparece, mas se deposita em uma elaboração simbólica crucial que modifica o próprio ser do sujeito (Idem, Ibidem, p. 321).

Recalcati retoma as noções de *Automaton* e *Tyché* para aplicá-las à dinâmica dos grupos mono-sintomáticos (Idem, Ibidem, p.324). Convém lembrar que, no item 3.4 desta Dissertação, estas noções já foram discutidas a partir da compulsão à repetição. No entanto, o autor traz excelentes observações sobre a clínica psicanalítica, apontando que esta não se caracteriza pelas práticas que reforçam o *Automaton*, ao contrário, é a clínica do equivoco, do real que faz *Tyché*. O aleatório não está no campo do Mesmo, mas no encontro com o dessemelhante, com o real. Representa um acontecimento, uma surpresa que interrompe a ordem contínua do homogêneo. “O aleatório é a dimensão da contingência como não assimilável à – homogênea – da necessidade” (Idem, Ibidem, p.316). É isto que pode possibilitar uma desidentificação, como ocorreu com E.A quando o amigo lhe propõe a identificação especular.

A operação analítica que se tenta realizar a partir do dispositivo grupal consiste numa extração do particular subjetivo como foi possível para E.A, quando os participantes do grupo se surpreenderam com seu desenho que deveria retratar um campo de vôlei, mas que foi interpretado como um jardim. O desejo do analista que nada tem a ver como o desejo de

tratar, cuidar ou mesmo curar, mas sim produzir a diferença absoluta permitiu que se dissociasse o particular do sujeito do ideal do Outro. No caso em questão, o particular de E.A estava nos significantes *trabalho* e *roceiro* destacados anteriormente, os quais puderam ser resgatados pelo sujeito através da interpretação e da presença do desejo do analista. O objetivo do dispositivo da Oficina da Palavra é que cada um possa se apresentar em sua própria singularidade, no caso a caso da experiência, porque todo caso é único para a Psicanálise.

A escrita do texto se apresenta para estes sujeitos como uma resposta ética para seus sofrimentos, não como uma maneira de solucioná-los, mas ao menos suportá-los. Através dele eles encontram uma via de elaboração do desejo. Neste caso, a produção, para além do conteúdo e da articulação gramatical, representa, neste lugar e tempo, uma possibilidade de surgimento do sujeito, até mesmo a possibilidade de advir, no traço que aí se coloca, um estilo. Assim, os textos produzidos na Oficina eram entendidos pela analista como uma tentativa de reconstituir e simbolizar o real de um corpo gozante.

Pode-se, inclusive, pensar a produção de texto como uma metáfora de um corpo que se constitui pelos objetos pulsionais recortados, parcializados, parcelares. Esta é justamente a importância de existir uma Oficina da Palavra em um CAPSad.

Se as toxicomanias foram definidas nesta Dissertação como um processo de alienação, uma vez que não produz pensamento e sentido, o ato de escrever um texto significa uma forma de construção de uma significação da experiência em que um sujeito fala e não se droga. Assim, a Oficina da Palavra vem possibilitando aos pacientes a possibilidade de fazer laço social, como também demarcar os limites impostos pelas diferenças individuais. Ambos os fatores são necessários para uma elaboração que permita novos posicionamentos frente à vida.

CONCLUSÕES

A Psicanálise aplicada às instituições permitiu a formulação de diversas questões sobre a clínica da toxicomania que motivaram a pesquisa nesta Dissertação. Apesar de não existirem referências clínicas sobre o tema na *Obra* freudiana ou no ensino de Lacan, foi possível extrair de ambos os autores várias teorizações importantes. Foram também consultados inúmeros autores contemporâneos que estudam o assunto.

Algumas balizas teóricas nortearam a pesquisa. Primeiramente a tese freudiana de 1930 sobre *O mal estar na cultura* na qual a droga foi citada como uma solução química diante do desconforto precipitado pela civilização. Depois, a definição lacaniana apresentada em 1975 na qual a droga foi descrita como aquilo que permite ao sujeito neurótico romper com o gozo fálico.

A ruptura com o falo permite ao sujeito se esquivar do Outro em sua relação de gozo, o que o faz permanecer em uma satisfação auto-erótica, autística, sem limites, através da qual o sujeito se auto-segrega e rompe com o laço social. Na Introdução desta Dissertação mencionei a ênfase pautada na clínica com neuróticos toxicômanos. A práxis possibilitou a comprovação das balizas teóricas adotadas. A construção dos dois casos clínicos apresentados ao final da Dissertação demonstrou a eficácia da aplicabilidade destas teorizações.

Em função da evidente dificuldade que a clínica das toxicomanias denota face ao manejo do gozo, sobretudo a partir do instrumental que a Psicanálise possui – a associação livre e a transferência –, uma outra questão se impôs à experiência clínica no CAPSad. Na medida em que os usuários de drogas renunciam à fala e à relação com Outro – o retraimento no campo da linguagem compatível ao isolamento social –, introduzo aqui a seguinte pergunta: como o dispositivo analítico se presta a estes sujeitos?

Esta questão foi respondida na Dissertação quando defendi a utilização de outros dispositivos de tratamento que incluem a escuta analítica, tais como as Oficinas Terapêuticas e seus desdobramentos. Se a instituição especializada for orientada pelo discurso analítico, ela

possibilita a desidentificação do neurótico com a classificação do Outro social: “eu sou toxicômano”. Segundo Lacan (1960-61, p. 109), o lugar do psicanalista se define como aquele que ele deve oferecer vago ao desejo do paciente para que este se realize como desejo do Outro. Qualquer instituição especializada e orientada por tal discurso, permite o deslocamento do objeto-droga em direção ao sujeito dividido, $\$$, facilitando a abertura de possibilidades em direção à demanda de análise. Não se trata de uma desqualificação do dispositivo psicanalítico clássico, mas uma aposta de que as Oficinas sejam um lugar de acolhimento da fala.

No entanto, sabe-se que, em função das conseqüências que a adesividade do sujeito à droga promove, por vezes estes dispositivos falham, há o abandono do tratamento, além da necessidade de um período extremamente longo de entrevistas preliminares. Estes desafios que a clínica na instituição impõe ao psicanalista motivaram a presente Dissertação de Mestrado.

O capítulo I – *A toxicomania: um sintoma contemporâneo* – abordou o tema de forma ampla, como um novo sintoma que se caracteriza fundamentalmente por não comportar uma mensagem, não sendo passível à interpretação, pois nada demanda ao Outro e não se remete a nada. Trata-se apenas de uma fixação de gozo que se coloca como uma resposta do sujeito ao real. A toxicomania, um sintoma contemporâneo, nada mais é do que uma proliferação de gozo fora do discurso. Ela não ordena o gozo – como acontece com o sintoma analítico que comporta uma mensagem inconsciente – ao contrário, expressa um gozo solto, sem sintoma.

A toxicomania surge em um determinado momento da cultura no qual o discurso científico, associado aos efeitos de mercado do capitalismo, produz efeitos de corpo. O gozo obtido com a substância tóxica presentifica o corpo de uma maneira direta, não estando referido ao corpo pulsional, mas ao fisiológico, dessexualizado, sendo considerada por alguns autores como uma forma contemporânea da pulsão de morte. Assim, representa a via de tentar provar a inexistência do Outro.

Neste mesmo capítulo, a pergunta que instiga o psicanalista é a de saber o que fazer diante deste gozo sem limites, gozo que prescinde da relação sujeito-Outro. Respondo a esta questão demonstrando que é preciso criar um sintoma analítico, introduzindo o toxicômano no gozar pela fala.

Os subitens deste capítulo foram desenvolvidos para respaldar esta orientação fundamental para a clínica das toxicomanias. Eles giram em torno de como manejar o

discurso analítico nas instituições especializadas, ou seja, precipitar a demanda no sentido de colocar em cena o aforismo “o toxicômano não existe”, pois só é possível tratar o sujeito através de seu sintoma. Dois pressupostos orientaram este capítulo: o corrompido significante *toxicômano* assina uma segregação e oculta um sujeito sob seu modo de gozar.

Parti da definição do termo *toxicômano* que designa o sujeito que se anula em prol do saber de um gozo e se define nesta relação mortífera que aí mantém. Questionei inclusive a especificidade da toxicomania, a qual se revela na análise através da ausência de demanda; e mostrei a importância da tríade conceitual proposta por Lacan: *necessidade-demanda-desejo*.

Em seguida procurei introduzir as elaborações expostas no âmbito das instituições especializadas para tratamento de toxicômanos. Conclui que, se o discurso analítico nelas vigorar, é possível interpretar os demais discursos que aí circulam – do mestre, da universidade, da histeria – permitindo que o sujeito seja levado em conta. Além disso, se for considerada a função que a droga ocupa para cada sujeito, quer seja neurótico, perverso ou psicótico, pode-se inserir o singular no universal da instituição.

A orientação teórica que norteia o segundo item deste mesmo capítulo vincula-se à noção de as toxicomanias enquanto novos sintomas, poderem ser encontradas em qualquer estrutura clínica. Isto levanta um questionamento em torno da idéia defendida por alguns autores de a toxicomania ser uma perversão. Para explicar como o sujeito na relação com a droga curto-circuita a fantasia recorri à construção lacaniana sobre a fantasia perversa.

O segundo capítulo desta Dissertação – *A droga como um objeto mais-de-gozar particular* – destacou algumas das mais importantes teorizações freudianas e lacanianas para pensar o estatuto do objeto droga na toxicomania. Em ambas valorizei a exclusão de um objeto absoluto, *das Ding*, em torno do qual se constitui o objeto causa de desejo. A hipótese que norteia o capítulo é a de que a droga não funcionará para o sujeito como um objeto causa de desejo, mas sim como um objeto da cultura, da realidade, de troca, consumível, ao qual Jésus Santiago denominou de *objeto mais-de-gozar particular*.

Partindo da análise de alguns textos freudianos referentes à constituição de um corpo erotizado, mostrei que o objeto que satisfaz a pulsão está desde sempre perdido. No entanto, é a perda que dá lugar à representação de objeto que atende ao circuito pulsional, trazendo alguma satisfação, ainda que parcial. Neste sentido, qualquer objeto serve para propiciar o gozo; inclusive o próprio eu pode ser objeto de investimento narcísico e dos processos de identificação que podem passar do auto-erotismo à relação de objeto.

Considero que poderiam ter sido extraídas mais conseqüências da análise freudiana sobre o objeto perdido com a finalidade de comparar com o estatuto da droga nas toxicomanias. Mas Freud se detém apenas no objeto oral no alcoolismo e no tabagismo, os quais têm um estatuto distinto segundo os autores estudados. Minha preocupação fundamental nesta investigação caminhou em outra direção.

Neste mesmo capítulo II, abordei a conceituação do objeto *a* nos vários momentos do ensino de Lacan, e a cada volta proposta em suas considerações teóricas, alguns pontos importantes foram destacados no que se referem ao gozo em jogo na relação do sujeito com a droga. Assim, no estágio do espelho considerei a dimensão imaginária do objeto na toxicomania: o sujeito adere à droga desapropriando-se de seu desejo e da relação de submetimento ao Outro simbólico.

Depois enfatizei a castração, conforme Lacan a elabora a partir do grafo do desejo. Se o falo é o significante que organiza o modo de gozo, na toxicomania o rompimento com o falo tem como conseqüência uma tentativa do sujeito em não se deparar com a castração. Uma vez que o desejo fica elidido, isso implica em uma disjunção radical entre a demanda e o desejo, que pude observar na clínica das toxicomanias. Ao rever a elaboração do objeto *a* na teoria de Lacan frisei que o objeto droga não representa para o sujeito um objeto que lhe cause desejo, pelo contrário, o distancia do mesmo. Destaquei por fim que o objeto mais-de-gozar está referido à própria droga.

A junção entre o discurso do capitalismo e a ciência engendrou todo tipo de objetos qualificados por Lacan de *gadgets*, dentre os quais se destacam as drogas, que tem por função, através do gozo que proporcionam ao sujeito, escamotear sua divisão subjetiva. Assim apontei a particularidade da droga que incide diretamente no corpo, de uma forma palpável, podendo ser manipulada ao bel prazer pelo sujeito. Portal razão, ele prescinde do Outro, já que obtém o gozo auto-erótico do corpo.

No terceiro e último capítulo desta Dissertação – *Um possível manejo do gozo nas toxicomanias* – abordei alguns aspectos que esclarecem o curto-circuito produzido na sexualidade. Quer seja na adolescência ou em qualquer época da vida na qual o sujeito é relançado à ressignificação da castração, a adesividade à droga pode ser uma solução para que ele evite os impasses próprios à sexualidade. Tratei de demonstrar como o real do sexo denota a ocorrência de uma irrupção de gozo que não pode ser expressa pela fala. O encontro com a droga possibilita uma escolha fora do sexo, fazendo com que o sujeito não se embarace com

os problemas da sexuação. Desta forma, ele curto-circuita a escolha da posição sexual e evita responsabilizar-se por ela.

A pesquisa foi aprofundada pela interpretação freudiana da sexualidade, enfatizando os caminhos diferenciados do complexo de Édipo em ambos os sexos; bem como pela leitura lacaniana sobre a dialética edípica apresentada de forma esquemática, em três tempos. A fantasia infantil coloca a diferença sexual pela via do objeto fálico. Porém a toxicomania propõe uma solução diferente que a do falo, portanto esta relação com o outro sexo desaparece.

Isto permitiu esclarecer a questão que instigou esta pesquisa no Mestrado. O que significa o rompimento com a função fálica na neurose sem que, necessariamente, seja rompida a relação do sujeito com o significante Nome-do-Pai? Como explicar a neurose sem a forclusão em jogo na psicose? Certamente permaneceram outras indagações. Por exemplo, como explicar a forclusão generalizada nas toxicomanias? Ou melhor, o que é uma psicose ordinária? Tais questões serão respondidas em um outro momento, talvez em um futuro Curso de Doutorado.

De imediato, tratei dos efeitos patológicos decorrentes do declínio social da imagem do Pai. Destaquei o aumento brutal das intoxicações na atualidade, o que denota a característica de uma época em que “o Outro que não existe”. Assim, os novos sintomas proliferam. O supereu colabora para que o sujeito permaneça submetido à pulsão de morte. Assim, os autores se referem às toxicomanias como uma realização pulsional pelo caminho mais curto, remetida à pulsão de morte e à prática de um gozo destrutivo. Esta injunção do supereu com a pulsão de morte permitiu também compreender as passagens ao ato encontradas na clínica da toxicomania, assim como a chamada *fissura* pela droga, em função da qual o sujeito entrega tudo, às vezes até sua vida para obter a substância.

Deixei de abordar alguns temas que enriqueceriam a Dissertação: a teorização lacaniana sobre o efeito produzido quando o Pai está encarnado o que, de fato, representa uma vertente do Pai real. Por exemplo, a lei exercida pelo traficante na comunidade e suas conseqüências; como também a função ditatorial da religião no tratamento de toxicômanos; ou mesmo nos grupos de auto-ajuda, como os narcóticos anônimos. Em todos estes casos percebe-se a referência fundamental a algo superior ao sujeito, o Pai real encarnado que, longe de representar a lei do Pai simbólico que apazigua, ao contrário, desencadeia a angústia. Estas duas questões certamente serão relevadas em outra pesquisa.

Em seguida, tratei da diferença entre o ato repetitivo de se drogar e o conceito de compulsão à repetição elaborado por Freud e Lacan. A partir da obra freudiana foi possível depreender que as compulsões à repetição, que levam o sujeito a retornar à situação traumática, consistem em um esforço do sujeito de elaborar esta experiência. No entanto, através de tudo que foi estudado sobre a relação do sujeito-droga nesta Dissertação, pode-se concluir que o ato repetitivo de se drogar não insere nenhuma tentativa de elaboração. Especificamente na neurose, significa uma forma de se esquivar da afirmação do recalque.

Lacan mostrou, inclusive, que o ato repetitivo e monótono da drogadicção nada tem a ver com a compulsão à repetição. A vertente do *Automaton* engloba o simbólico e representa a rede de significantes que se repetem. Enquanto que a vertente de *Tyqué* vincula a repetição ao encontro com o real para além da rede significante e dos efeitos de retorno do recalado. No entanto, a *Tyqué* segue promovendo no discurso do sujeito o aparecimento de novos significantes, através do retorno incessante do significante produzido pelo *Automaton*. A relação sujeito-droga não passa pelo Outro e não traz nada de novo para o sujeito.

Procurei articular ainda o gozo autístico produzido pela intoxicação constante que reenvia o neurótico a uma solução alternativa: o gozo auto-erótico que exclui o Outro, elide a castração, suspende a função paterna, tornando-se para o sujeito uma solução alternativa ao invés do sintoma. As operações lacanianas da alienação e separação serviram para demonstrar que na intoxicação o que está em jogo é a separação, porque o toxicômano nada pode dizer desta experiência.

Finalmente, apresentei dois casos clínicos através dos quais argumentei que o manejo fundamental do gozo na clínica das toxicomanias está em acolher os novos sintomas com o objetivo de borderar, de alguma forma, o gozo auto-erótico ilimitado que a droga proporciona, possibilitando ao sujeito fazer sintoma analítico. A partir daí foi possível verificar o surgimento da subjetividade, do enlaçamento social e a recuperação da dimensão fálica do gozo.

Os chamados *novos sintomas* chegam ao analista das mais diversas formas: nas anorexias, depressões, bulimias, síndrome do pânico, toxicomanias, etc. Ou seja, através de nomações referidas às modalidades de gozo através das quais os pacientes se reconhecem. Elas não podendo ser interpretadas, pois não remetem a nada, sendo uma pura fixação de gozo que produz um nome no social. Ao passo que o sintoma analítico remete a um desejo recalado, sendo como Freud já dizia um substituto de uma satisfação pulsional que não se

realizou. É, portanto estruturado como uma metáfora, como mensagem que pode ser decifrada. O sintoma se remete ao objeto da fantasia, diferente do *novo sintoma*, cujo objeto é o da realidade, palpável, manipulável e consumível.

Para finalizar, cabe lembrar que a função da droga nas psicoses não foi abordada nesta Dissertação. Isto se justifica pelo fato de o eixo teórico que permeou toda a pesquisa partiu da afirmação lacaniana da droga romper com o gozo fálico. Sabemos, com Eric Laurent, que a droga na psicose não cumpre com a função de ruptura, ao contrário, serve para limitar o gozo, seja inventando uma identificação – *ser toxicômano* –, ou um delírio parcial, sentir-se perseguido por seu consumo.

Freud já abordava no texto “A perda da realidade na neurose e na psicose” (1924b), que na primeira estrutura ocorre uma queda da realidade, uma perda parcial. Enquanto que na segunda há uma ruptura inicial e o delírio vem a ser um modo de reconstituir essa realidade.

Em termos lacanianos, continua Laurent, isto significa que, se a ruptura com o falo em função da forclusão do significante Nome-do-Pai está lá de antemão, a idéia da droga como uma forma de ruptura não pode ser pensada na psicose, como o é na neurose. Parece que na psicose a droga tem mais a função de tentar reconstituir essa ruptura. Pode-se pensar então o uso de drogas na psicose, não como uma intenção de sair do campo do Outro, de não se a ver com a castração, mas com uma intenção de restituir certo lugar ao Outro. Então, muitas vezes a relação com a substância é mais uma tentativa de regular sem o falo esse gozo que, pelo fato dele não possuir o significante paterno, o invade.

Estas concepções teóricas lançam inúmeras questões sobre o manejo do gozo na clínica das toxicomanias nas psicoses, que certamente são diferentes daquelas que nesta Dissertação foram apresentadas nos casos de neurose, podendo ser o ponto de partida para uma nova pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOUN, Paul-Laurent. (2001) *El perjuicio y el ideal. Hacia una clínica social del trauma*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- BENTES, Lenita. (1995) Del padre a la droga: el padre hace la droga. In: *Pharmakon*, vol. 3, TyA Buenos Aires.
- _____. (1998) A mordaza infernal. In: BENTES, Lenita, GOMES, Ronaldo Fabião (org.). *O brilho da infelicidade / Kalimeros – Escola Brasileira de Psicanálise*. Rio de Janeiro. Contra Capa Livraria,
- BETTS, Jaime Alberto. (2004) Sociedade de consumo e toxicomania – consumir ou não ser. In APPOA. *Revista – Tóxicos e manias*. Nº. 26. Porto Alegre: APPOA, p. 65-81.
- BITTENCOURT, Lígia. (1993) A Clínica das entrevistas preliminares nas toxicomanias: A desmontagem da demanda de tratamento. Bittencourt, L. (org.). In: *Cadernos do Nepad/Uerj*, ano 1, nº 1.
- BIRMAN, Joel. (1993) Dionísios desencantados. In: Inem, C.L. e Acselrad, G. (org.) *Drogas: uma visão contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago.
- CASTILLO, Jorge. (2003) Pubertad y uso de tóxicos. In: *El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías*. Buenos Aires: TyA, p. 135-145.
- ELIA, Luciano. (2004) *O Conceito de Sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- FREUD, Sigmund. (1950 [1895]) *Projeto para uma psicologia científica*. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: ESB, vol. I. Rio de Janeiro: Imago (1980).

- _____. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: ESB, vol. VII, op. cit.
- _____. (1913 [1912-13]) *Totem e tabu*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: ESB, vol. XIII, op. cit.
- _____. (1914a) *Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II)* In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: ESB, vol. XII, op. cit.
- _____. (1914b) *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: ESB, vol. XIV, op. cit.
- _____. (1915) *Os instintos e suas vicissitudes*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: ESB, vol. XIV, op. cit.
- _____. (1917 [1915]) *Luto e Melancolia*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: ESB, vol. XIV, op. cit.
- _____. (1920) *Além do Princípio do Prazer*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: ESB, vol. XVIII, op. cit.
- _____. (1921) *Psicologia de grupo e análise do ego*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: ESB, vol. XVIII, op. cit.
- _____. (1923a) *O ego e o id*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: ESB, vol. XIX, op. cit.
- _____. (1923b) *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: ESB, vol. XIX, op. cit.

_____. (1924a) *A dissolução do complexo de Édipo*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: ESB, vol. XIX, op. cit.

_____. (1924b) *A perda de realidade na neurose e na psicose*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: ESB, vol. XIX, op. cit.

_____. (1925). *A negativa*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: ESB, vol. XIX, op. cit.

_____. (1925) *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica dos sexos*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: ESB, vol. XIX, op. cit.

_____. (1926 [1925]) *Inibição, Sintoma e Angústia*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: ESB, vol. XX, op. cit.

_____. (1930[1929]) *Mal-estar na cultura*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: ESB, vol. XXI, op. cit.

_____. (1931) *A sexualidade feminina*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: ESB, vol. XXI, op. cit.

_____. (1933 [1932]). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: ESB, vol. XXII, op. cit.

_____. (1937) *Análise terminável e interminável*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: ESB, vol. XXIII, op. cit.

_____. *Studienausgabe*. Fankfurt am Main: S. Fischer Verlag , 1975.

GOLDENBERG, Ricardo David. (1994) O supereu em Freud e Lacan. In: *Ensaio sobre a moral em Freud*. Salvador: Ágalma.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. (2005) *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (2003) A Pulsão de Morte. In: *Estudos de Psicanálise. Revista do círculo Brasileiro de Psicanálise*. Belo Horizonte, n.26.

KANT, Emmanuel. *Crítica da razão prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LACAN, Jacques. (1938) Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. (1949) O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. op. cit.

_____. (1953-1954) *O Seminário, Livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. (1954-1955) *O Seminário, Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. (1955-1956) *O Seminário, Livro 3: as psicoses*. 2ª edição revista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

_____. (1956-1957) *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

_____. (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. op. cit.

- _____. (1957-1958) *O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- _____. (1958a) A significação do falo. In: *Escritos*. op. cit.
- _____. (1958b) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. op. cit.
- _____. (1959-1960) *O Seminário, Livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.
- _____. (1960-1961) *O Seminário, Livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.
- _____. (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In *Escritos*. op. cit.
- _____. (1962-1963) *O Seminário, Livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- _____. (1963) Kant com Sade. In: *Escritos*. op. cit.
- _____. (1964) *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. (1966) O lugar da psicanálise na medicina. Em: *Opção Lacaniana* n. 32, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. São Paulo: Eólia, dezembro 2001.
- _____. (1967) Da psicanálise em suas relações com a realidade. In: *Outros Escritos*. op. cit.

_____. (1968-1969) *O Seminário, Livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

_____. (1969-1970) *O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

_____. (1972-1973) *O Seminário, Livro 20 – mais, ainda*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. (1974) Televisão In: *Outros Escritos*. op. cit.

_____. (1975) IV Jornadas dos Cartéis da EFP, Sessão de Encerramento. In: *Revista da Letra Freudiana*. Rio de Janeiro: 1988.

LAURENT, Éric. (1998) Três Observaciones sobre la toxicomanía. In: *Sujeito, goce y modernidad – Fundamentos de la clínica II*. Buenos Aires: Atuel – TyA.

LIMA, Cláudia Henschel, ALVES JÚNIOR, Antonio José. (1998) O mal-estar na cidade: segregação e toxicomania. In: BENTES, Lenita, GOMES, Ronaldo Fabião. *O brilho da infelicidade*. op. cit.

MARTINS, Viviane Tinoco.(2005) Que instituição para tratar de psicóticos que usam drogas? In: LIMA, Marcia Mello de, ALTOÉ, Sônia (org.) *Psicanálise, clínica e Instituição*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.

MILLER, J.-A. & LAURENT, E. (1996-97) *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

MILLER, Jacques-Alain. (1997) *O sintoma e o cometa*. Opção Lacaniana, n. 19. São Paulo: Edições Eólia.

_____. (1997-1998) *El partenaire-síntoma*. Buenos Aires: Paidós, 2008.

- _____. (2000) Os seis paradigmas do gozo. In: *Orientação Lacaniana*, nº. 26/27. São Paulo: Edições Eólia.
- _____. (2008) Uma leitura do Seminário: De um Outro ao Outro. In: *Opção lacaniana*, nº. 51. São Paulo: Edições Eólia.
- MILLOT, Catherine. (1989) *Nobodaddy – a histeria no século*. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro.
- MONNÉ, Alicia. (1995) Del Discurso del Amo Antihuo al del Amo Moderno. In: *Freudiana*, nº. 14. Barcelona.
- NAPARSTEK, Fabián. (2005) *Introducción a las clínica con toxicomanías y alcoholismo*. Buenos Aires: Grama Ediciones.
- RECALCATI, M., (2003) *Clínica del vacío: Anoréxias, dependencias, psicosis*. Madrid Editorial Síntesis, S.A.
- SANTIAGO, Jesús. (2001a) *A droga do Toxicômano uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (2001b) Lacan e a toxicomania: efeitos da ciência sobre o corpo. In: *Ágora*, v. 4, nº. 1, Rio de Janeiro.
- SAUSSURE, Ferdinand. (1995) *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo, Editora Cultrix.
- SOLLER, C. (1998) *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- STEVENS, Alexandre. (2004) Adolescência como sintoma da puberdade. In: *Clínica do contemporâneo*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas.

TARRAB, Mauricio. (1995) ...Mírenlos cómo gozan!! In: *Sujeto, Goce y Modernidad – Fundamentos de la clínica Atuel*. Buenos Aires: Atuel.

_____. (2003) Al peor que un síntoma. In: *El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías*. Buenos Aires: TyA.

VIGANÒ, Carlo.(2008) As dependências patológicas. *Latusa digital*. Ano 5, nº. 33. Disponível em: < http://www.latusa.com.br/latmarteximp33_1.pdf>. Acesso em: 18 maio 2009, 15:00.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)